

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UFJF/UFV

João Paulo Fernandes Soares

Histórias de vida de mulheres atletas no levantamento de peso

Juiz de Fora

2020

João Paulo Fernandes Soares

Histórias de vida de mulheres atletas no levantamento de peso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação Física. Área de concentração: Exercício e Esporte.

Orientadora: Doutora Ludmila Nunes Mourão

Coorientadora: Doutora Priscila Gomes Dornelles

Juiz de Fora

2020

Soares, João Paulo Fernandes.

Histórias de vida de mulheres atletas no levantamento de peso /
João Paulo Fernandes Soares. -- 2020.

144 p.

Orientadora: Ludmila Nunes Mourão

Coorientadora: Priscila Gomes Dornelles

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Universidade Federal de Viçosa, Faculdade de Educação Física.
Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2020.

1. Histórias de vida. 2. Mulheres no esporte. 3. Levantamento de
peso. 4. Interseccionalidade. I. Mourão, Ludmila Nunes, orient. II.
Dornelles, Priscila Gomes, coorient. III. Título.

JOÃO PAULO FERNANDES SOARES

Histórias de vida de mulheres atletas no levantamento de peso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Educação Física.

Aprovada em 21 de julho de 2020, pela Banca Examinadora composta por:



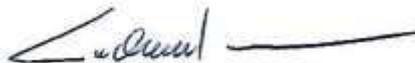
Doutora Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



p/ Doutora Priscila Gomes Dornelles (Co orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



p/ Doutora Maria Elisa Caputo Ferreira
Universidade Federal de Juiz de Fora



p/ Doutora Marília Martins Bandeira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



p/ Doutor Osmar Moreira de Souza Junior
Universidade Federal São Carlos – UFSCar



p/ Doutor Pedro Henrique Berbert de Carvalho
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico esta tese a
Susana, Mateus e João Vicente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me mostrar saídas e novas entradas nos momentos tortuosos da minha vida.

À minha esposa, Susana, pela cumplicidade e otimismo constantes. Pelos conselhos dados, pela paciência nos momentos de ausência e pelo amor e amizade incondicionais nessa trajetória. Somos mais fortes juntos.

Aos meus filhos, Mateus e João Vicente, minha paz nos momentos mais difíceis. Saibam que vocês são os melhores presentes que recebi e são minha maior motivação em prosseguir. Papai ama muito vocês!

Aos meus queridos pais, Leticia e João, pelas orações e apoio, mesmo a distância, e pelos exemplos de vida, baseados na simplicidade e na honestidade.

Aos meus irmãos, Júnia, Nilton e Leticia, por serem referências em minha vida e pela constante torcida.

Ao meu sogro, Vicente (*in memoriam*), pessoa querida que foi um entusiasta da minha carreira acadêmica e profissional. Nesse momento, saudade e alegria se misturam na lembrança do senhor.

À minha sogra Aparecida, pelas orações e parceria em diversos momentos dessa trajetória.

À professora Ludmila, pessoa tão especial em minha trajetória desde 2011, ano em que a conheci na UFJF. Você é exemplo de generosidade, alegria, otimismo e superação. Tenho aprendido com você que exercer liderança é agregar, compartilhar, motivar e proporcionar às pessoas confiança em si mesmas, tudo isso com seu jeito doce e sereno de ser. Obrigado por seus conselhos e amizade. Sempre em frente!

Ao grupo de pesquisa GEFSS UFJF pela constante parceria, em especial à Ayra, por gentilmente realizar a leitura atenciosa desse texto a fim de potencializar a escrita do mesmo. Muito obrigado por suas contribuições.

Ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares, por acreditar em meu processo de qualificação e pelo apoio concedido em meu afastamento para a realização do Doutorado.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, pela concessão de uma bolsa de estudos do Programa de Apoio à Qualificação (PROQUALI). Tal iniciativa demonstra o zelo que a instituição tem por seus servidores.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela oportunidade em fazer parte desse grupo.

Às professoras Priscila, Maria Elisa, Marília e aos professores Pedro e Osmar, pela atenção e generosidade dispensadas nas diversas etapas desse trabalho de pesquisa. Agradeço imensamente a generosidade na leitura e as contribuições realizadas. Saibam que vocês foram centrais nessa conquista coletiva.

Às professoras Clara, Doiara, Kalyla, Sarah e Sissi, por aceitarem compor minha banca de defesa suplente e realizarem a leitura generosa e atenciosa dessa tese.

À corrida, essa experiência corporal ancestral que redescobri de forma intensa em 2018. Através de sua prática, busquei equilíbrio nos momentos mais difíceis dessa trajetória.

Enfim, gostaria de agradecer às mulheres que foram minhas interlocutoras na pesquisa, por gentilmente permitir que partilhássemos de suas histórias de vida, seus anseios, conflitos, alegrias e sonhos. Muito obrigado por descentrarem nosso olhar sobre as experiências de mulheres atletas no levantamento de peso e por compartilharem um pouco de seus percursos biográficos.

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (FOUCAULT, 2012, p. 15).

Não se trata aqui de dar voz a ninguém, até porque as pessoas falam por si só, mas acredito que falta escuta. Então em nossas pesquisas há essa possibilidade em ouvir o sofrimento alheio e as formas de agência das pessoas. (SCHWARCZ, 2012, p. 34).

RESUMO

A presente tese tem como objetivo interpretar os processos de estigmatização e resistência nos percursos biográficos de mulheres atletas de levantamento de peso (LP). Tais reflexões privilegiaram produções predominantemente pós-estruturalistas no campo das Ciências Sociais e da Educação Física, que demonstraram ser relevantes no processo de construção dessa pesquisa. No percurso metodológico, foi utilizado o método da História oral de vida em sua vertente temática, bem como a técnica de entrevista individual, com categorização discursiva das transcrições a partir de um olhar interseccional sobre tais narrativas e categorias nativas. Para tal, o grupo de interlocutoras da pesquisa foi composto por cinco mulheres atletas de três gerações olímpicas do LP. A tese central da pesquisa considera que os processos de abjeção vivenciados por tais mulheres são plurais e interseccionados por marcadores sociais da diferença na construção de mecanismos de hierarquização social em seus percursos biográficos e, paralelamente, essas atletas podem fazer circular micro estratégias de resistências múltiplas, ou agência interseccional, mobilizando marcadores sociais da diferença de forma articulada. Nesse sentido, todas elas abordaram as desconfiças de seus grupos familiares e de sociabilidade amplo sobre as alterações em seus corpos e a possibilidade de serem consideradas “masculinizadas” com as experiências no LP. Apesar de tais interpelações, nossas interlocutoras mobilizaram, cada uma a seu tempo, estratégias diversas para superar tais processos, que vão desde a busca pela “anulação” desses discursos até a reafirmação de aspectos de uma feminilidade normalizada. Outro ponto de convergência foi o processo de ampliação de poderes que suas experiências no LP trouxeram; tal processo é múltiplo e passa pela melhoria de suas remunerações e consequente ascensão social via esporte; ampliação do capital cultural pela escolarização no ensino superior, bem como da rede de sociabilidade pelas experiências em competições internacionais em diversos países. Nesse processo, a relevância dos agentes facilitadores em suas trajetórias é evidenciada, momento em que treinadores (as) e pessoas de seus grupos familiares ocupam espaço no processo de motivação em suas carreiras. Nota-se que os processos de treinamento são marcantes nos percursos biográficos das atletas, em que o campo esportivo do LP se apresenta como espaço cultural privilegiado para trocas geracionais, onde as atletas mais experientes assumem posições motivacionais e de tutoria para as atletas mais jovens. Percebe-se que a carreira

no LP, a dedicação aos treinamentos e às tecnologias que envolvem uma modalidade esportiva no alto rendimento tornam-se estratégias centrais de resistência dessas mulheres em seus espaços de sociabilidade. Nesse sentido, abjeção e agência são faces dos processos de subjetivação dessas mulheres no campo esportivo, em que ser treinadora, árbitra e dirigente, trabalhando na ampliação das oportunidades para outras mulheres jovens na modalidade são alguns dos sonhos mencionados por nossas interlocutoras, o que nos faz perceber que a valorização dos agentes facilitadores em suas trajetórias traz o compromisso em sê-lo no futuro. Enfim, essas histórias de vida nos instigam a ampliar os olhares sobre tais experiências e refletir de forma interseccional sobre outros percursos biográficos de mulheres em futuras pesquisas nessa chave teórica e metodológica.

Palavras-chave: Histórias de vida. Mulheres no esporte. Levantamento de peso. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This thesis aims to interpret the processes of stigmatization and resistance in the biographical trajectories of female weightlifting athletes (LP). Such reflections favoured predominantly post-structuralist productions in the field of Social Sciences and Physical Education, which proved to be relevant in the process of building this research. In the methodological path, the study uses oral life history method in its thematic aspect, as well as individual narrative interview, technique, with discursive categorization of transcriptions from an intersectional look at such narratives and native categories. To this end, the group of interlocutors in the research was composed of five female athletes from three Olympic generations of the LP. The central thesis of the research considers that the abjection processes experienced by such women are plural and intersected by social markers of the difference in the construction of mechanisms of social hierarchy in their biographical paths. However, these athletes spread multiple resistance micro strategies, or intersectional agency, mobilizing social markers of difference in an articulated way. In this regard, all of them addressed the suspicions of their family groups and broad sociability about the changes in their bodies and the possibility of being considered “masculinized” due to their experience in the LP. Despite such questions, our interlocutors, each in their own time, mobilized different strategies to overcome such processes, ranging from the search for the “annulment” of these discourses to the reaffirmation of aspects of normalized femininity. Another point of convergence was the process of expanding the powers brought by their experiences in LP. Such process is multiple and involves the improvement of their remuneration and their consequent social ascension through sport; expansion of cultural capital through schooling in higher education, as well as the network of sociability through experiences in international competitions in different countries. The relevance of facilitating agents is evidenced in their trajectories is evidenced when coaches and people from their family groups occupy space in the motivation process in their careers. In addition, the athletes training processes are remarkable in their biographical trajectories of the athletes, in which the LP sports field presents itself as a privileged cultural space for generational exchanges, where the more experienced athletes assume motivational and tutoring positions in relation to younger athletes. The study showed that the career in LP, as well as the dedication to training and technologies that involve a sport modality in high performance become central strategies of these women’s resistance in their

sociability spaces. In this sense, abjection and agency are faces of these women's subjectivity processes in the sports field. Therefore, being a coach, a referee, a manager, or working to expand opportunities for other young women in sports are some of the dreams mentioned by our interlocutors, which makes us realize that the valorisation of facilitating agents in their trajectories brings the commitment to be in the future. Anyway, these life stories encourage us to broaden our views on such experiences and reflect intersectionally on other biographical paths of women in future research on such theoretical and methodological key.

Keywords: Life stories. Women in sport. Weightlifting. Intersectionality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Caracterização do grupo de interlocutoras da pesquisa.....	26
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEME	Centro de Memória do Esporte
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CBLP	Confederação Brasileira de Levantamento e Peso
GEFSS	Grupo de Pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade
COI	Comitê Olímpico Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IWF	<i>International Weightlifting Federation</i>
LP	Levantamento de Peso
LPO	Levantamento de Peso Olímpico
PPGEF	Programa de Pós-Graduação em Educação Física
PROQUALI	Programa de Apoio à Qualificação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA	21
2.1	APONTAMENTOS SOBRE OS MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	22
2.2	APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA.....	25
3	ESPORTES, O LEVANTAMENTO DE PESO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO: SABERES E DISCURSOS	28
3.1	FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA PRESENÇA DAS MULHERES NO LEVANTAMENTO DE PESO INSTITUCIONALIZADO	28
3.2	NOTAS SOBRE GÊNERO NO PROCESSO INTERPRETATIVO INICIAL.....	30
3.3	“TODA TRANSGRESSÃO SERÁ OBSERVADA”: SISTEMA SEXO/ GÊNERO/ SEXUALIDADE E A ABJEÇÃO NAS TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS.....	35
4	UMA MULHER NO LEVANTAMENTO DE PESO: HISTÓRIA DE VIDA DE MARIA ELIZABETE JORGE, A “BETE DO PESO”	40
4.1	NOTAS INICIAIS SOBRE BETE	41
4.2	DO INEDITISMO OLÍMPICO AO OSTRACISMO: DESAFIOS NA CARREIRA DE UMA ATLETA DE LP.....	54
5	INTERSECCIONALIDADE DE MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA NOS PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS DE MULHERES ATLETAS NO LP	63
5.1	INTERSECCIONALIDADE COMO POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA NOS PERCURSOS BIOGRÁFICOS	63
5.2	EXPERIÊNCIAS CORPORAIS ESPORTIVAS INICIAIS NOS PERCURSOS BIOGRÁFICOS, ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO E CLASSE SOCIAL	66
5.3	INTERSEÇÕES GERACIONAIS E DE GÊNERO NO CONTEXTO DO LP.....	76
5.4	INTERSECCIONANDO GÊNERO E RAÇA NA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS DE ABJEÇÃO E RESISTÊNCIA	81
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	88
	ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	95
	ANEXO B - Roteiro de Entrevistas	97
	ANEXO C - Transcrições de Entrevistas Individuais	99

1 INTRODUÇÃO

A presente tese foi construída na interseção de inúmeras reflexões acumuladas em mais de uma década de trajetória acadêmica dedicada a temáticas ligadas aos estudos socioculturais do movimento humano no campo da Educação Física. Tais olhares trazem, em diversos momentos da minha trajetória, inúmeras inquietações e incertezas, mas apontam para variados caminhos acadêmicos a seguir. Em especial na minha pesquisa desenvolvida no Mestrado, pude privilegiar e descentrar meu olhar sobre as múltiplas formas de envelhecer ao buscar interpretar as experiências corporais e os modos de subjetivação¹ de mulheres idosas no interior de Minas Gerais. Naquele momento, pude perceber a potência dos discursos geracionais e de gênero que circulavam nos grupos de sociabilidade de nossas interlocutoras e as formas como elas agenciavam resistências e outras possibilidades corporais a partir da articulação desses marcadores sociais de diferença.

Paralelamente, as manifestações corporais esportivas, sejam elas ligadas ao esporte *mainstream*² ou aquelas alternativas a esse modelo, constantemente me interpelavam a buscar compreender a potência de tais experiências³ nas subjetividades dos sujeitos que as praticam ou são afetados por seus signos culturais cotidianamente. Nesse contexto, sempre me foi caro refletir sobre as experiências de mulheres atletas, com atenção especial a esportes historicamente priorizados aos homens nas tramas discursivas cotidianas, como pude notar no levantamento de peso (LP), modalidade central na pesquisa em pauta.

O LP, levantamento de peso olímpico (LPO) ou halterofilismo⁴ é comumente identificado como prática corporal esportiva que tem como principal característica o emprego de níveis elevados de força e potência muscular para a realização das

¹ São os modos pelos quais somos subjetivados e (des)subjetivados constantemente e nos tornamos sujeitos em um dado momento histórico, sem perder de vista a instabilidade e provisoriedade das subjetivações construídas. (FOUCAULT, 2012; 2011b).

² O termo *Mainstream* expressa uma “corrente principal” ou “fluxo principal” em algum setor de nossa sociedade, como nas artes, política partidária, dentre outros. Nos esportes, convenciono chamar de esportes *mainstream* aquelas práticas corporais institucionalizadas que remetem aos esportes de alto rendimento. (CAMARGO, 2017).

³ O conceito de experiência será aqui compreendido como a correlação, em uma determinada cultura, entre “campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”. (FOUCAULT, 2012, p.10).

⁴ Apesar da diversidade de termos para indentificar a modalidade esportiva, optarei por utilizar o termo “levantamento de peso (LP)” no decorrer da tese, visto que tal termo demonstrou ter maior circulação nos documentos institucionais da modalidade e nas narrativas de nossas interlocutoras.

performances esportivas. Assim, o LP fascina pela dinâmica de suas provas, em que os corpos são levados ao limite para conseguir erguer barras e anilhas ao alto, de forma robusta e estável.

Como modalidade integrante dos Jogos Olímpicos, a versão para homens desse esporte está presente no quadro das provas desde a primeira edição de 1896, em Atenas, momento em que ainda não havia a divisão dos atletas em categorias de peso corporal. Após ausências nos jogos seguintes, o LP é reintegrado definitivamente nos jogos de 1920, na Antuérpia. No entanto, apenas em 2000, na XXVII edição dos Jogos Olímpicos em Sydney na Austrália⁵, 104 anos após o início dos Jogos modernos, as mulheres foram integradas à modalidade em uma competição olímpica.

No sentido de ampliar o conhecimento sobre a modalidade, cabe ressaltar que as atletas olímpicas competem atualmente em 10 categorias divididas pelo peso corporal⁶ (até 45, 49, 55, 59, 64, 71, 76, 81, 87 e superior a 87 quilos). Tal divisão foi recentemente alterada pela Federação Internacional de Levantamento de Peso (*IWF - International Weightlifting Federation*). As competições são compostas de duas provas: o arranque (ou arranco) e o arremesso. No arranque, a atleta deve erguer a barra acima da cabeça em apenas um movimento sem pausa. Já o arremesso é executado em duas etapas: primeiro, a barra é erguida até a altura dos ombros, por cima do peito; em seguida, a barra é erguida acima da cabeça. Quando a atleta consegue estabilizar o peso, a arbitragem solicita que o peso seja abaixado. As atletas têm três tentativas em cada prova, e o objetivo é obter o maior total, que é a soma do peso levantado nas duas provas. Em competições oficiais, exceto nos jogos olímpicos, há também premiações para as melhores marcas em cada uma das provas⁷.

Gostaria de apresentar neste momento alguns fragmentos de meu percurso biográfico que me fizeram convergir para a temática desta pesquisa. Minhas aproximações com o LP institucionalizado⁸ se deram em 2004, momento em que era acadêmico do curso de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e, dentre inúmeras modalidades esportivas vivenciadas no curso, pude me aproximar do

⁵ Para mais informações ver <http://www.olympic.org/sydney-2000-summer-olympics>.

⁶ Os homens também competem em 10 categorias, divididas pelo peso corporal (até 55, 61, 67, 73, 81, 89, 96, 102, 109 e superior a 109 quilos).

⁷ Mais informações em: <http://www.cblp.org.br>.

⁸ Utilizo o termo “institucionalizado” para demarcar o LP praticado no contexto competitivo da iniciação esportiva ao alto rendimento regido pelas normas da Confederação Brasileira de LP (CBLP) e da Federação Internacional de LP (*IWF*).

LP a partir das observações de treinamentos solicitadas por docentes do curso. Apesar de a modalidade ser rodeada de ineditismo para a maioria de nós, éramos privilegiados, pois, naquele momento, fazia-se presente no Departamento de Educação Física da instituição um relevante centro de treinamento⁹ da modalidade, onde também estava sediada a Confederação Brasileira de Levantamento de Peso (CBLP). Essa proximidade possibilitava contatos diários com as/os atletas, que circulavam por espaços comuns e tinham sua sala de treinamentos localizada em uma das entradas do Departamento.

Outro ponto de interesse era a presença constante da atleta Maria Elizabete Jorge, a Bete, mulher atleta olímpica pioneira no LP para mulheres que compartilhava o trabalho de treinamento com o professor Davi Monteiro Gomes, engenheiro, professor da instituição, ex-atleta de LP e um entusiasta da modalidade. Presenciar os treinamentos das atletas e o trabalho de Bete trazia para mim, naquele momento, um misto de admiração e espanto, sentimentos subjetivados numa formação acadêmica em Educação Física que contribuiu, pelos discursos manifestados ou silenciados, para uma visão de mundo que circunscrevia espaços esportivos “legítimos” e “exóticos” para mulheres e homens. Nesse sentido, o LP era a modalidade que me parecia ser, naquele momento histórico, a mais extrema para as mulheres, mesmo admirando tais feitos corporais e sentindo que minha visão era restrita e precisava ser ampliada.

Nesse processo de busca por outros olhares e leituras, aproximei-me dos estudos de gênero em meu Trabalho de Conclusão de Curso e, mesmo adiando temporariamente o interesse acadêmico nas experiências das mulheres atletas de LP, lancei-me a pesquisar uma temática no campo dos estudos do lazer em que pude (re)subjetivar questões até então naturalizadas em meu olhar sobre as práticas corporais; uma delas era a flagrante imersão das minhas reflexões em binarismos de gênero que limitavam sobremaneira as possibilidades em refletir as experiências dos sujeitos.

Em 2007, ao iniciar o trabalho docente em uma instituição de ensino superior da rede privada na cidade de Ubá, Minas Gerais, estabeleci contato com uma aluna e um aluno, ambos do curso de Educação Física e atletas de LP. Curiosamente, os dois participavam da mesma equipe de LP que eu havia acompanhado em minha graduação na cidade de Viçosa. Essa aproximação criou uma ponte com o campo de pesquisa do LP, o que me motivou a retomar o tema e a sugerir o desenvolvimento de uma pesquisa

⁹ A coordenação dos treinamentos à época era do professor Davi Monteiro Gomes, em parceria com a atleta olímpica Maria Elizabete Jorge, a “Bete do peso”, que fazia sua transição para sua atuação como treinadora.

junto à equipe de esportistas de LP, em parceria com a instituição de ensino à qual estava vinculado¹⁰. Tal estudo realizado em 2008 teve como objetivo refletir sobre os significados que as atletas atribuíam ao LP e às suas experiências corporais na modalidade. Naquele momento, foram realizadas entrevistas com um grupo de mulheres atletas jovens e observações sistemáticas no local de treinamento da modalidade.

As narrativas dessas mulheres jovens evidenciaram inúmeros processos discriminatórios sofridos por elas em suas relações de sociabilidade. Essas atletas relataram que as modificações corporais decorrentes dos treinamentos no LP, como a elevação de volume, força e potência muscular, colocaram em dúvida a “estabilidade” e a “linearidade” dos códigos de gênero e sexualidade a partir de um suposto processo de “masculinização” dos corpos. Mediante esses processos, houve a associação pelos sujeitos de seus grupos de sociabilidade com experiências homoafetivas que, em última instância, apresentaram-se como estratégias discursivas de interdição e vigilância de suas participações na modalidade. Entretanto, tais estigmatizações demonstraram, para além do sofrimento causado a essas jovens, “impulsionar” suas experiências esportivas na modalidade¹¹.

Em meados de 2015, retomei essa pesquisa e, em especial, essas narrativas, a fim de ampliar as reflexões de um novo lugar teórico que havia buscado com leituras no campo dos estudos de gênero em uma perspectiva pós-estruturalista. Para minha inquietação, pude perceber que um dos desafios nessa construção seria, dentre outros pontos, compreender as interseções dos marcadores sociais das diferenças dos sujeitos daquela pesquisa. Outro ponto de desconfiança residia na minha participação no processo de interpretar novamente tais narrativas, a partir de certos questionamentos. Que lugar discursivo ocupava no processo de pesquisa? O que me motivava nessas narrativas, a partir do meu olhar de homem mestiço, pertencente à classe média e acadêmico? De que formas eu poderia trabalhar com tais falas a partir desse lugar?

Assim, tais interpretações realizadas naquele estudo sobre as dissidências de gênero, discriminações sofridas e resistências demonstradas por essas mulheres dentro e

¹⁰ Esses alunos atuaram como parceiros na pesquisa de campo e realização das entrevistas com as colaboradoras da pesquisa, visto que os mesmos faziam parte da equipe viçosense de LP, contudo, o trabalho de construção textual e consequente divulgação científica foi realizada por mim em momento posterior, ocasião em que tais narrativas foram revisitadas afim de construir reflexões sobre os dados que haviam ficado de lado naquele momento. Esse processo inicia-se em 2015 e culmina no atual projeto de doutoramento em 2016.

¹¹ Mais sobre ver Soares *et.al.* (2017; 2018).

fora do LP motivaram a publicação de textos¹² e me moveram no sentido de ampliar e aprofundar as reflexões. Em 2016, descentrado por tais questões, pus-me a mirar a construção de um projeto de doutoramento sobre as experiências de mulheres atletas de LP, momento em que as inquietações mencionadas acima pudessem me acompanhar desde sempre na realização das entrevistas a serem propostas.

Cabe ressaltar que, mesmo figurando como uma modalidade marginal no campo esportivo brasileiro, pouco investigada academicamente, com número reduzido de praticantes no Brasil, em contraposição a modalidades tradicionais, e detendo pouca visibilidade midiática de suas competições e atletas, as mulheres figuram como público mais numeroso na modalidade¹³ no Brasil (MELONI, 2011; SOARES *et al.* 2017, 2018).

Cabe mencionar que o percurso teórico desenvolvido na tese privilegia produções pós-estruturalistas de diferentes campos disciplinares das ciências humanas em interface com o campo da Educação Física e das práticas corporais esportivas. Tais produções demonstraram potencializar interpretações de processos discursivos normativos de produção de subjetividades para além das oposições binárias, ou, em outras palavras, os modos de subjetivação mutáveis e instáveis, que, nos termos de Foucault (2012), trata dos modos como os sujeitos se constituem nas teias discursivas de poderes em uma determinada sociedade num tempo histórico específico.

Esse processo apresenta lacuna relevante no que diz respeito ao número reduzido de pesquisas no campo da Educação Física que privilegiem interpretações sobre tais processos de subjetivação a partir de um olhar interseccional que reflita sobre os marcadores sociais da diferença de forma articulada. O que se percebe é um movimento no sentido de trabalhar com marcadores em destaque com reduzida relação entre eles, como gênero, cor/raça ou geração, dentre outros (DORNELLES, 2014; 2020). Cabe, pois, pontuar que a interseção de diversos marcadores no processo de análise potencializa os caminhos interpretativos dos processos socioculturais de diferenciação e hierarquia e será um norteador na presente tese.

¹² O primeiro texto, em versão resumida, foi apresentado no II Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2014. Uma segunda versão, ampliada e reestruturada, sob o título “Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso” foi apresentada e premiada no GTT Gênero do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), na Universidade Federal do Espírito Santo em 2015.

¹³ Demais informações sobre as atletas podem ser consultadas em: <http://www.cb1p.org.br>.

A partir dessas considerações, lanço-me a pesquisar sobre as experiências de mulheres atletas no LP, compreendendo que as investigações podem gerar descobertas que contribuam para o processo de problematização de outros campos de pesquisa que elegem mulheres atletas como objeto da produção do conhecimento. Tais reflexões, no sentido dado por Butler (2003), buscam, para além da descrição de narrativas e experiências, refletir acerca dos processos culturais pelos quais os discursos e saberes normativos são construídos, de forma a naturalizar os corpos, seus significados, sentimentos e escolhas sociais dos sujeitos.

A partir dessas aproximações e interesses, como citado anteriormente, lancei-me a construir a presente Tese de Doutorado, que visa interpretar modos como os processos de estigmatização e resistência são construídos nos percursos biográficos de mulheres atletas de levantamento de peso (LP)¹⁴. A tese central da pesquisa considera que os processos de abjeção vivenciados por tais mulheres são plurais e interseccionados por marcadores sociais da diferença na construção de mecanismos de diferenciação e hierarquização social em seus percursos biográficos e, paralelamente, que essas atletas fazem circular micro estratégias de resistências múltiplas – ou agência interseccional, nos termos de Henning (2015; 2016), mobilizando marcadores sociais da diferença de forma articulada e interseccional.

Assim, organizo o desenvolvimento deste estudo a partir de capítulos que apresentam primeiramente a introdução, seguida do aporte teórico, metodológico e empírico da pesquisa, em que descrevo os métodos e técnicas de pesquisa, suas possibilidades e limitações, além das categorias teóricas e narrativas que subsidiaram as reflexões e interpretações sobre os dados empíricos emergentes.

No terceiro capítulo, intitulado “Esportes, o levantamento de peso e as tecnologias de gênero: saberes e discursos”, interpretei os modos pelos quais o esporte se apresenta como tecnologia de subjetivação de discursos sobre os corpos, seus gêneros, bem como de significados culturais associados aos processos de normalização das feminilidades. Essas reflexões estão aportadas em conceitos como norma, poder, subjetivação, sistema sexo-gênero-desejo e agência. Nesse interim, busco colocar em

¹⁴ Compreendo ainda que refletir sobre as histórias de vida e os processos de subjetivação que envolvem essas experiências é um processo repleto de idas e vindas, matizes, contradições e tensionamentos, o que nos demonstra a incapacidade dos conceitos em compreender as experiências humanas (MORAES, 2011).

movimento tais conceitos nos processos de reflexão sobre os dados de minha primeira aproximação com o tema. Tais interpretações, apesar de explicitadas em alguns textos, como previamente citado, me instiga devido a seus aspectos provocadores e fundantes nesse estudo.

No quarto capítulo, “Uma mulher no levantamento de peso institucionalizado: história de vida de Maria Elizabete Jorge, a Bete do peso”, interpreto, a partir da história de vida de Bete, os processos históricos pioneiros de resistência, com vistas à participação das mulheres no LP institucionalizado, bem como os desafios em seu percurso biográfico. A narrativa do percurso biográfico da atleta olímpica pioneira convida à reflexão sobre as estratégias de agência realizadas por ela em momentos históricos anteriores às demais atletas que foram aqui entrevistadas.

No quinto capítulo, intitulado “Interseccionalidades de marcadores sociais da diferença nos processos de normalização dos corpos de mulheres atletas no LP”, busco trabalhar com o conceito de interseccionalidade no processo de interpretação das histórias de vida das cinco mulheres atletas de LP pertencentes a três gerações. Em que medida os marcadores sociais das diferenças de gênero, geração, classe social e cor/raça se interseccionam na construção das diferenças em suas trajetórias de vida? De que modos tais diferenças se convertem em hierarquizações e processos de abjeção em suas relações de sociabilidade? De que formas tais processos são subjetivados para atletas de gerações distintas?

Enfim, no sexto capítulo, dedicado às considerações finais, como um dos desdobramentos que tangenciam essa pesquisa, busco contribuir para o conhecimento no campo acadêmico e profissional da Educação Física, vislumbrando a centralidade das histórias de vida dessas interlocutoras nesse processo, além de ampliar a visibilidade dessas experiências na modalidade esportiva do LP, a partir de outros olhares sobre os processos de abjeção e agência nos percursos biográficos dessas mulheres atletas.

Apesar de trazerem questões norteadoras próprias, os capítulos encadeiam-se tecendo o “fio condutor” da temática e o objetivo da tese, que são as histórias de vida e percursos biográficos de mulheres atletas de LP de três gerações, bem como os modos como os processos de estigmatização e resistência são colocadas em circulação por tais interlocutoras em suas trajetórias.

Posteriormente, são apresentadas as referências bibliográficas que embasaram a pesquisa, bem como os anexos, que são compostos pelo Termo de Consentimento Livre

e Esclarecido (TCLE), roteiro de entrevista utilizado com as interlocutoras e pela transcrição integral das entrevistas realizadas.

Passaremos, neste momento, às escolhas que subsidiaram a construção metodológica realizada na tese.

2 A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

A construção metodológica dessa pesquisa¹⁵, quando pensada de forma temporal ampla, tem seu marco inicial no processo de revisitar, no ano de 2015, as entrevistas com um grupo de oito atletas. Nessa ocasião, os dados suscitaram novas reflexões no que diz respeito aos processos discriminatórios relatados por tais interlocutoras em seus percursos biográficos. Uma das lacunas que se verificou reside no fato de que os processos discriminatórios, ao se apresentarem, faziam circular marcadores sociais da diferença de forma articulada. Nesse sentido, tais dados me puseram na busca pela ampliação do campo teórico dessa tese e foram relevantes como ancoragem empírica inicial.

Assim, já no estudo atual, a pesquisa de campo com a realização das entrevistas ocorreu em tempos distintos. No primeiro, em 2016, na cidade de Viçosa, Minas Gerais, foi realizada entrevista presencial com a ex-atleta Maria Elizabete Jorge, a “Bete do peso”. Naquele momento, nós já mantínhamos contato via telefone havia aproximadamente quinze dias, período em que conversamos sobre temas diversos envolvendo sua carreira no LP, além de alinharmos uma visita para realização de uma entrevista individual. Bete, sempre receptiva, demonstrou estar disposta a conceder a entrevista, a qual, segundo ela, seria a primeira para uma pesquisa científica. Durante essa entrevista, contei com a presença e o auxílio da professora Ludmila Mourão, minha orientadora.

O segundo momento da pesquisa de campo diz respeito à realização de entrevistas individuais com quatro atletas pertencentes a duas gerações posteriores à Bete, realizadas no fim de 2019 e início de 2020, o que contemplou histórias de vida de outras quatro mulheres atletas de LP, totalizando cinco mulheres pertencentes a três gerações de atletas de LP.

Tais interlocutoras foram selecionadas de forma intencional. Três delas têm em comum o fato de serem atletas olímpicas e terem sido ranqueadas com as marcas mais expressivas para a modalidade entre as atletas brasileiras. As outras duas interlocutoras são as atletas mais bem ranqueadas no Brasil e buscam a vaga olímpica para os Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021. Tais aspectos de suas carreiras foram basilares na

¹⁵ O projeto que resultou na tese foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora (CEP / UFJF) e aprovado sob o número 84970618.3.0000.5147.

seleção das interlocutoras, visto que suas experiências na modalidade e olímpicas muito nos dizem da trajetória das mulheres no LP institucionalizado e dos desafios que tal percurso enseja. Cabe ressaltar que os contatos para realização das entrevistas foram realizados pelas redes sociais e por telefone.

2.1 APONTAMENTOS SOBRE OS MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

As pesquisas qualitativas em ciências humanas e sociais em suas interfaces com o campo da Educação Física se caracterizam pela utilização de um arcabouço teórico e metodológico na captação e análise da realidade sociocultural, em que os significados construídos pelos sujeitos em suas visões de mundo¹⁶ são centrais, que dizem respeito aos “quadros que os sujeitos de uma determinada cultura elaboram das coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de si mesmos e de aspectos da sociedade em que vivem” (GEERTZ, 1989, p. 93). Assim, as metodologias qualitativas “já não são vistas em contraposição aos métodos quantitativos, mas como enfoques diferentes e necessários no campo de pesquisa social empírica” (WELLER, PFAFF, 2013, p. 19).

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos e as técnicas de apreensão dos dados representam os elementos que compõem o planejamento da pesquisa. Com o intuito de pontuar algumas diferenciações conceituais entre metodologia, métodos e técnicas de pesquisa, Demo (1995) expõe que a metodologia de um estudo em interface com as ciências humanas e sociais apresenta-se como um terreno amplo de teorização, problematização e compreensão da realidade social. Métodos e técnicas seriam as formas como essa realidade empírica é captada. Um está conectado ao outro e ambos se relacionam de forma articulada.

A fim de orientar o processo metodológico desta tese, optamos por nos inspirar na abordagem metodológica da “História oral de vida” em sua vertente temática (ALBERTI, 2004; MEIHY, 1994; SCHÜTZE, 2013). Tal proposta nos traz que a orientação do roteiro de entrevista pode ser conduzida por recortes temporais diversos, a fim de mediar o ato de rememorar das interlocutoras.

Por partir de assuntos específicos e previamente estabelecidos, a história oral de vida temática se compromete com o esclarecimento ou a opinião dos entrevistados sobre processos definidos. [...]. Detalhes da história pessoal do narrador interessam na medida em que revelem

¹⁶ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

aspectos para a compreensão da temática central do estudo. (MEIHY, 1994, p. 162).

Como sabemos, a história oral envolve a produção, através de complexos mecanismos da memória e por meio de relação dialógica entre entrevistadora(or) e entrevistada(o), de narrativas autobiográficas. Mesmo quando as nossas interlocutoras falam de outras pessoas ou de eventos de que não participaram diretamente, elas o fazem a partir de suas experiências e visões de mundo particulares, ainda que socialmente subjetivadas (SCHMIDT, 2012).

Assim, a relevância do método, intrinsecamente relacionado à técnica de entrevista individual narrativa, aponta para a possibilidade em se trabalhar com a experiência dos sujeitos e ampliar possíveis entradas no espaço pessoal subjetivo de seus percursos biográficos, supondo uma sequência menos factual dos acontecimentos da história de vida e mais vinculadas a alternativas diversas, que revelam as narrativas pessoais por meio de impressões, sentimentos e sonhos nos atos de lembrar, que não se constituem somente em lembranças individuais, mas sociais (BOSI, 2001). Importa destacar não o processo cognitivo de lembrar ou esquecer, mas a possibilidade de se tornar a experiência social de constituição das subjetividades e experiências dessas interlocutoras como interesse de estudo.

As entrevistas se apresentam como narrativas das histórias de vida dos sujeitos [...]. A passagem da experiência – daquilo que foi vivenciado – em linguagem recebe muitas vezes o nome de narrativa, entendendo-se narrativa como a organização dos acontecimentos de acordo com determinado sentido que lhes é conferido. Evidentemente a experiência sozinha, pura e simples, não é capaz de ser comunicada; comunicar experiências pressupõe sua organização de acordo com um sentido. (ALBERTI, 2004, p. 92).

Dessa forma, os roteiros das entrevistas realizadas com as interlocutoras da pesquisa totalizaram 24 questões¹⁷ e seguiram os seguintes eixos temáticos: 1) Trajetória inicial nas práticas esportivas e experiências do LP; 2) Reflexões sobre os marcadores sociais da diferença e as interseções de possíveis processos discriminatórios. Tais eixos temáticos foram balizados por recortes temporais geracionais ligados às histórias de vida das interlocutoras, em que as categorias infância, juventude, idade adulta e velhice foram norteadoras das transições temporais no ato de lembrar e narrar.

¹⁷ O roteiro de entrevista utilizado consta nos anexos da tese.

Cabe ressaltar que, como processo final de construção do roteiro de entrevista utilizado, foi realizada uma avaliação por minha orientadora, professora Doutora Ludmila Mourão, e pela professora Doutora Silvana Vilodre Goellner¹⁸, além de membros do grupo de pesquisa Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS – UFJF). Após esse momento, o roteiro foi redimensionado, resultando no documento final utilizado.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial com a interlocutora Maria Elizabete Jorge e via web conferência com as demais interlocutoras. Todas as entrevistas foram gravadas apenas em áudio, com prévia autorização das entrevistadas. Das cinco interlocutoras, quatro autorizaram a suspensão do anonimato e a divulgação de seus reais nomes em suas entrevistas; apenas uma solicitou que o anonimato fosse mantido, no que foi prontamente atendida.

A fim de balizar o processo de transcrição e organização das narrativas, as entrevistas foram transcritas na íntegra a partir dos princípios e diretrizes do Manual de Transcrição de Entrevistas do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEME - UFRGS)¹⁹. Paralelamente, foi realizada montagem de quadros panorâmicos com as narrativas, a fim de construir inteligibilidade entre os discursos das entrevistadas da pesquisa. Nesse processo inspiro-me na perspectiva qualitativa da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), em que tais construções visam potencializar a identificação de categorias nativas ou núcleos de sentido que formam clusters de categorias que convergem em significados discursivos. Ainda segundo a autora, o que se busca não é a frequência de aparição das categorias e sim as teias de significados que se agrupam em torno desses núcleos de sentido.

Sobre o esforço de interpretação das narrativas, foi utilizada a técnica de categorização discursiva, em que busquei compreender, mesmo que de forma parcial e contingente, alguns significados presentes nas visões de mundo dessas mulheres atletas, mediante identificação das categorias nativas que emergem dos discursos. Tais categorias foram compreendidas como fragmentos discursivos que agregam núcleos de sentido, evocando significados e fazendo emergir, através de sua repetição na pronúncia, aspectos relevantes das subjetividades dos sujeitos que elaboraram tal discurso (MAGNANI, 2009; 2008; 1997).

¹⁸ A atuação da professora Silvana Vilodre Goellner circunscreveu-se nessa tese à atuação de parecerista na construção do roteiro de entrevista.

¹⁹ Mais informações podem ser acessadas em <http://www.ufrgs.br/ceme/site/entrevistas>.

Nesse processo de categorização, pude identificar as categorias nativas “masculinização”, “carreira no LP”, “escolarização” e “geração” como relevantes nas narrativas das interlocutoras. Cabe pontuar que, no processo interpretativo, busquei cotejar esses enunciados com categorias teóricas privilegiadas na tese, tais como: estigma, abjeção, norma, gênero, geração, classe social, cor/raça e interseccionalidade, em que tais movimentos interpretativos buscaram compreender as formas como essas categorias nativas interpelavam as interlocutoras e quais estratégias de agência foram mobilizadas nos processos de resistência em seus percursos biográficos.

Nesse sentido, ao trabalhar com o conceito de agência, busco ampliá-lo nas interpretações concebendo-o como sofisticados modos de resistências múltiplas, que mobilizam micro estratégias de busca de alternâncias de poder nas relações sociais, ou agência interseccional, mobilizando marcadores sociais da diferença de forma articulada e interseccional. Em outras palavras, não há resistência apenas valendo-se de significados de gênero, ou classe social, ou geracional, ou racial, e sim, sobretudo, uma teia de significados em que tais marcadores são interseccionados nos processos de resistência.

2.2 APRESENTAÇÃO DAS INTERLOCUTORAS DA PESQUISA

A partir dessa localização das escolhas metodológicas e teóricas realizadas, cabe-nos apresentar o grupo de interlocutoras de nossa pesquisa, o qual foi composto por cinco mulheres, sendo quatro atletas atuantes em competições e uma ex-atleta do LP. Como já dito anteriormente, a escolha por essas interlocutoras ocorreu de forma intencional, almejando atletas olímpicas que obtiveram marcas expressivas e que tinham trajetórias longevas na modalidade. Dentro desse espectro, entrevistamos três mulheres que participaram dos jogos olímpicos de Sydney (2000), Londres (2012) e Brasil (2016), e duas que estão buscando a vaga para os jogos olímpicos de Tóquio em 2021.

A partir de nossa escolha metodológica pela história oral de vida em sua vertente temática, a centralidade se voltou para as trajetórias de vida dessas atletas que poderiam potencializar a compreensão de modos de subjetivação relevantes em nossa pesquisa.

Dessa forma, o grupo de interlocutoras se mostrou adequado e potente para os objetivos de nossa pesquisa, cuja proposta de trabalho objetivou refletir de que modos os processos discursivos geracionais de abjeção e resistências protagonizados por essas

mulheres atletas vêm sendo reordenados e ressignificados temporalmente em suas trajetórias de vida e experiências esportivas.

No quadro a seguir, temos uma breve caracterização das interlocutoras.

Quadro 1 - Caracterização do grupo de interlocutoras da pesquisa

NOME	IDADE / ANO DE NASCIMENTO	COR/RAÇA. ATUAÇÃO/PROFISSÃO, LOCALIDADE,
Maria Elizabete Jorge	63 anos – 1957	Negra. Graduada em Educação Física. Ex-atleta olímpica de LP (categoria até 48 quilos). Treinadora e árbitra de LP. Viçosa/MG
Jaqueline Antônia Ferreira	33 anos – 1987	Negra. Graduada em Educação Física. Atleta olímpica de LP (categoria de 71 até 76 quilos). Treinadora de LP. São Gonçalo/RJ.
Rosane dos Reis Santos	33 anos – 1987	Negra. Graduada em Educação Física. Graduanda em Fisioterapia. Atleta olímpica de LP (categoria de 49 até 53 quilos). Treinadora de LP. Rio de Janeiro/RJ
Luana Oliveira Madeira	22 anos - 1998	Branca. Graduanda em Administração. Atleta (categoria até 49 quilos). São Paulo/SP.
Helena	23 anos - 1997	Branca. Graduanda em Educação Física. Atleta (categoria até 49 quilos). Rio de Janeiro/RJ

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Nossa primeira interlocutora foi Maria Elizabete Jorge, a “Bete do peso”; mulher negra, 63 anos de idade, atleta olímpica pioneira no LP para mulheres. Nascida em Viçosa, interior de Minas Gerais, vem de uma família de classe popular. Teve o atletismo como principal esporte anteriormente ao LP. Nesse esporte, competiu no alto rendimento em diversas edições de campeonatos brasileiros, sul-americanos, pan-americanos e mundial. Em sua participação nos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000, momento em que competiu com 43 anos e foi considerada a atleta com maior idade cronológica daquela edição dos Jogos, obteve o 9º lugar na categoria 48 quilos. Bete cursou Educação Física em sua cidade natal e hoje atua como treinadora em um projeto de iniciação à modalidade de LP em Viçosa, além da atuação junto à Confederação Brasileira de Levantamento de Peso como treinadora e árbitra.

Em seguida, entrevistamos Jaqueline Ferreira, mulher negra, atleta olímpica de LP, 33 anos, que participou de duas edições dos Jogos Olímpicos competindo na categoria 75 quilos em Londres (2012) e no Rio de Janeiro (2016). Em sua primeira participação olímpica, obteve o 8º lugar; entretanto, após os casos de *doping* detectados em outras atletas, foi reposicionada na 5ª colocação. Nascida em um bairro de classe popular em Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro, Jaqueline iniciou a prática

esportiva em um projeto social de atletismo, migrando depois para o LP. Participou de inúmeras competições nacionais, sul-americanas, pan-americanas e mundiais, além das duas edições dos Jogos Olímpicos. Graduada em Educação Física, compete como atleta da Marinha e faz hoje sua transição para a atuação como treinadora de LP.

Da mesma geração de Jaqueline, nossa terceira entrevistada foi Rosane Reis. Mulher negra, 33 anos, atleta de LP, participou da edição dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, momento em que obteve a 5ª posição na categoria 53 quilos, o que, juntamente com a 5ª posição da atleta Jaqueline Ferreira nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012, são os melhores resultados olímpicos de atletas brasileiras na modalidade. Nascida em um bairro de classe popular do Rio de Janeiro, Rosane iniciou a prática esportiva em um projeto de atletismo, migrando para o LP posteriormente. Competiu em campeonatos brasileiro, sul-americano, pan-americano e em uma edição dos Jogos Olímpicos. Graduada em Educação Física, hoje cursa Fisioterapia, seu segundo curso superior. Atualmente é atleta da Marinha e treina no Clube Pinheiros em São Paulo em busca da vaga olímpica para os Jogos de Tóquio em 2021.

Nossa quarta entrevistada é Luana Madeira. Mulher branca, 22 anos, atleta de LP, compete na categoria até 49 quilos. Nascida em Belo Horizonte, Luana iniciou sua prática esportiva no *crossfit* e migrou para o LP a fim de se aprimorar na modalidade. Competiu em campeonatos brasileiro, sul-americano, pan-americano e mundial. Graduada em Administração, treina na capital mineira com dois treinadores de gerações diferenciadas e busca atualmente a vaga olímpica na categoria 49 quilos, visando a primeira participação em Jogos Olímpicos.

Enfim, nossa quinta entrevistada será identificada como “Helena”, que é um nome fictício, com vistas a preservar seu anonimato na pesquisa, a pedido da própria interlocutora. Hoje com 23 anos, Helena migrou do atletismo para o LP, modalidade à qual se dedica integralmente. Competiu em eventos nacionais, sul-americanos e pan-americanos. Graduada em Educação Física, busca a classificação para os Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021 na categoria 49 quilos.

A partir dessa breve caracterização das interlocutoras da pesquisa, passarei nesse momento ao capítulo inicial da tese.

3 ESPORTES, O LEVANTAMENTO DE PESO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO: SABERES E DISCURSOS

Este capítulo refere-se ao ponto de partida das reflexões que me levaram até a presente pesquisa, a qual se debruça sobre os processos de abjeção e agência de mulheres atletas de LP. Tais reflexões foram afetadas por narrativas de um grupo de oito mulheres atletas amadoras²⁰ na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Naquele momento, em 2008, a categoria “gênero” embasou as interpretações realizadas, entretanto, após o processo de revisitação de tais narrativas realizado em 2015, pude notar o quanto gênero se articulava com sexualidade, outro marcador social da diferença nesse campo.

A partir desse contexto busquei ampliar o olhar e trazer esse material, como ponto de partida desse processo. Nesse sentido, objetivamos compreender os processos de abjeção e resistência desse grupo de mulheres no campo esportivo do LP, com vistas a refletir sobre os modos pelos quais os esportes – nesse caso, o LP – demonstram ser uma tecnologia de gênero que interpela os corpos dessas mulheres.

3.1 FRAGMENTOS HISTÓRICOS DA PRESENÇA DAS MULHERES NO LEVANTAMENTO DE PESO INSTITUCIONALIZADO

A participação das mulheres no LP institucionalizado foi oficializada em 2000, na XXVII edição dos Jogos Olímpicos em Sydney na Austrália²¹, 104 anos após o início dos Jogos Modernos. Entretanto, o percurso histórico para a oficialização institucional da presença das mulheres na modalidade remonta a debates e disputas ocorridos na década de 1980, momento em que a interdição²² da participação das mulheres em competições oficiais pela *IWF* foi amplamente questionada. Tal processo tem como marco um movimento de mulheres atletas de LP que advogava a equidade de gênero na modalidade e se espalhou nos Estados Unidos da América. Judy Glenney foi uma das

²⁰ Naquele momento, em 2008, o grupo de interlocutoras foi composto por oito mulheres atletas, que vivenciavam a modalidade por períodos que variaram de um a cinco anos. Como recortes geracional, racial e de classe social, as integrantes do grupo, todas negras ou mesgtiças, tinham idade que variava de dezoito a vinte e um anos; residiam em bairros de classes populares da cidade de Viçosa; e eram estudantes da rede pública de ensino. Tal grupo tinha experiência em competições estaduais e nacionais à época.

²¹ Para mais informações ver <http://www.olympic.org/sydney-2000-summer-olympics>.

²² A participação das mulheres foi proibida por lei. A constituição da *IWF* incluía um parágrafo em que ficava explícito que levantamento de peso era um esporte apenas para homens (ADAMFI, 2017).

atletas expoentes do movimento, que buscava, em caso de negativa da *IWF*, fundar uma federação internacional de LP feminino (ADAMFI, 2017).

Após inúmeras disputas legais, interdições e debates institucionais, ocorreu em Budapeste, Hungria, no ano de 1986, a primeira competição internacional²³ de LP para mulheres, com a presença de 23 atletas de cinco países. Tal torneio chamou a atenção pelo ineditismo e, a partir dele, tensionou-se a estrutura institucional da *IWF* com vistas a viabilizar a participação das mulheres em competições oficiais da modalidade. Finalmente, em 30 de outubro de 1987, ocorre em Daytona Beach, Flórida, o 1º campeonato mundial para mulheres no LP com a presença de 100 atletas de 22 países, em que a atleta Cai Jun, da China, tornou-se a primeira campeã mundial da categoria até 44 quilos (ADAMFI, 2017).

Entretanto, outro ponto que interpelava e mobilizava os grupos que buscavam a equidade de gênero na modalidade era a busca pela igualdade das categorias de peso. Inicialmente, as mulheres foram divididas em sete categorias de peso corporal, uma a menos que os homens, o que reduzia o número de mulheres atletas que participavam das competições oficiais. A criação da oitava categoria de peso corporal para as mulheres foi incluída em 2009 no plano de trabalho do Comitê Técnico da *IWF*. A partir dessas demandas pautadas e do contexto de disputas estabelecidos, em 2015, o Comitê Olímpico Internacional (COI) aprovou a proposta da *IWF* de acrescentar uma categoria adicional aos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018 em Buenos Aires, na Argentina, a fim de alcançar a igualdade no número de categorias de peso corporal. Com base nesses contextos de disputas, o Comitê Executivo da *IWF* decidiu introduzir a categoria 87 quilos e mais de 87 quilos para juniores e adultos. Assim, 33 anos após o primeiro passo institucional das disputas no LP pelas mulheres, tais mudanças são ratificadas e introduz-se a oitava categoria de peso corporal para as mulheres (ADAMFI, 2017).

Nesse sentido, e tendo em vista os processos históricos de disputas, interdições, retrocessos e avanços institucionais no LP, bem como a “invisibilização” das experiências das mulheres atletas no LP institucionalizado, cabe pontuar que tais processos restritivos vivenciados pelas mulheres foram – e ainda são – meticulosamente planejados nas tramas normativas da instituição esportiva, baseadas em uma ampla

²³ Esse torneio foi chamado de mundial feminino de levantamento de peso, entretanto, o mesmo não foi reconhecido para *IWF* como campeonato mundial. Apenas o evento do ano seguinte teve aval institucional para ser considerado um evento mundial da modalidade. Há um breve registro desse evento no site da *IWF*, entretanto sem a oficialização do mesmo na conatgem oficial de mundiais.

economia de circulação dos significados que a exposição e a divulgação de tais corpos poderiam ensejar. Tal economia edifica-se na normalização discursiva dos corpos das mulheres, que parte de um “ideal regulatório” (FOUCAULT, 2011a), o qual diz respeito ao que se espera culturalmente dos sujeitos, dos formatos dos corpos, das condutas, dos desejos e sentimentos e das práticas corporais esportivas a serem realizadas. Em outras palavras, as feminilidades normalizadas são construídas a partir de referências normativas múltiplas, que instituem arbitrariamente o que será “permitido” e “interditado” em um prisma de significados que vai do “normal” ao abjeto, sendo que, dentro da abjeção, podemos perceber dissidências até o humanamente ininteligível. (BUTLER, 2000; 2002). Entretanto, tais processos de interdição não querem dizer ausência das mulheres nessas práticas corporais esportivas e sim que, apesar das tentativas de interdições, elas ousaram adentrar espaços e vivenciar experiências que divergiam dos modelos normalizados no decorrer da história. Esses escassos registros históricos expõem o fascínio e a repulsa que tais corpos forçados suscitaram (GOELLNER; FRAGA, 2003; 2004; GOELLNER, 2016; JAEGER, 2013).

O aprofundamento do debate sobre as inscrições corporais de gênero nas experiências das atletas do LP, passa pela tentativa de compreender, mesmo que de modo parcial, a complexidade discursiva presente no local de treinamento, visto que “a dimensão organizativa é imprescindível ao funcionamento normativo” (DORNELLES, 2013, p. 229). Assim, pela centralidade das categorias gênero e sexualidade, cabe retomarmos tais conceitos e suas apropriações nesse estudo.

3.2 NOTAS SOBRE GÊNERO NO PROCESSO INTERPRETATIVO INICIAL

Os estudos sobre a participação de mulheres nos esportes remontam a década de 1970 e refletem aspectos dos debates feministas na sociedade brasileira da época, em que se questionavam os significados de “naturalidade” das diferenças sociais entre homens e mulheres. Nesse contexto, o termo “mulher” e, posteriormente, o conceito de gênero assumem potencial analítico em inúmeras pesquisas que objetivavam analisar as interdições e assimetrias entre mulheres e homens nas experiências corporais esportivas (GOELLNER, 2013).

Paralelamente, há um movimento de refinamento do conceito de gênero, que se tornaria uma potente categoria sociológica no processo de reflexão sobre as diferenças e

hierarquias entre os sujeitos no campo esportivo. Dessa forma, os exercícios analíticos do conceito trouxeram a possibilidade da ampliação das pesquisas, na medida em que se propõem a analisar criticamente os processos culturais que permeiam as relações dos sujeitos fundadas em diferenças percebidas em uma determinada cultura, bem como tais diferenças nas experiências corporais e esportivas (GOELLNER, 2009; SCHIEBENGER, 2001).

Embora tenha se desenvolvido no seio dos estudos sobre “a mulher” e compartilhado vários de seus pressupostos, a formulação do conceito de gênero aparece numa tentativa de superar os problemas relacionados à utilização de algumas categorias centrais nos estudos sobre as mulheres, que, em diversos momentos, mostravam-se reducionistas em analisar uma ampla gama de problemas sociais, por exemplo, questões de classe, raça, sexualidade, dentre outros marcadores sociais da diferença presentes nas relações dos grupos sociais pesquisados. Tem-se, pois, alternâncias e desconstruções das abordagens dos estudos feministas em relação ao seu objeto²⁴, em que “se desloca do objeto empírico mulheres para o objeto teórico gênero” (PEREIRA 2004, p. 173).

Emergindo como um dos olhares críticos mais contundentes sobre a pretensa estabilidade desses objetos e conceitos, Butler (2003) faz um movimento de desconstrução da multiplicidade de discursos que compõem as normas sociais de gênero e sexualidade, que, por conseguinte, posicionam os sujeitos nessas mesmas normas construídas. Nesse sentido, os gêneros são as inscrições corporais de infundáveis discursos²⁵ que visam, através de suas tramas de saberes e poderes, conformar os corpos a partir de um sistema cultural amplo denominado sexo/gênero/sexualidade, mediante atos performativos²⁶, que são reiterados, repetitivos, citacionais e visam, em última instância, inscrever nos corpos formas inteligíveis e “adequadas” de ser homem e ser mulher em uma determinada cultura. Assim, os corpos assumem contornos, formas, condutas e modos de estar no mundo através de incorporações discursivas nas relações sociais, que são naturalizados e essencializados nas tramas desses processos

²⁴ Cabe pontuarmos que não se pretende ampliar nesse momento os debates sobre as implicações de tais movimentos para os processos de agência política feminista. Mais sobre, ver Pereira (2004) e Henning (2016).

²⁵ Os discursos podem ser entendidos como sistemas e códigos de significação que constituem o conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, construídos historicamente dentro das relações de poder (FOUCAULT, 1992; 1987).

²⁶ A teoria da performatividade busca compreender os mecanismos de naturalização discursiva dos corpos, dos gêneros e dos desejos através de atos repetitivos ligados às experiências sociais dos sujeitos em uma determinada cultura (BUTLER, 2000; 2002).

performativos. No entanto, resistências e dissidências fazem parte dessas dinâmicas e abrem possibilidades de subversões de inúmeros padrões culturais (BUTLER, 2000; 2003).

O gênero deixa de ser apenas um conceito que visa marcar a inscrição cultural do significado em um sexo predeterminado e passa a referir-se também ao aparato de produção discursiva sobre o sexo.

Como resultado, o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; o gênero é também o meio discursivo/cultural mediante o qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” se produz e se estabelece como pré-discursivo, prévio a cultura; uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura age [...]. Não se pode fazer referência a um corpo que não tenha sido desde sempre interpretado mediante significados culturais, portanto, o sexo poderia não cumprir as condições de uma facticidade anatômica pré-discursiva. De fato, ver-se-á que o sexo, por definição, sempre foi gênero (BUTLER, 2003, p. 40-41).

A partir da constatação da produção discursiva ontológica edificada sobre o conceito biológico “imutável” do sexo, abre-se a possibilidade do questionamento daquele sistema normativo. No embalo das problematizações de Butler (2000; 2002; 2003), esse sistema arbitrário, aparentemente linear e estável, é questionado, e seu caráter de produção discursiva é exposto; logo, seus aspectos instáveis e mutáveis ficam evidenciados. Cabe, pois, expor que a força cultural desse sistema reside nas interseções dos aparatos institucionais de saber poder, responsáveis pela repetição contínua dos significados culturais necessários à sua manutenção e difusão. A família, as instituições religiosas, a escola e os esportes são algumas dessas instituições encarregadas do processo de normalização dos corpos (DORNELLES, 2014). Em outros termos:

Normalizar significa eleger, arbitrariamente, uma identidade específica com parâmetro em relação à qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas; normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável e única (SILVA, 2009, p. 43).

Nesse sentido, e em interseção com o marcador social da diferença de gênero, o conceito de sexualidade será aqui compreendido como o que emerge no início do século XIX e diz respeito a um conjunto de dispositivos e enunciados discursivos, mediados por saberes e sistemas de poder institucionais, que regulam as práticas dos desejos e as

formas pelas quais os sujeitos podem e devem se reconhecer como sujeitos de uma sexualidade (FOUCAULT, 2011; 2012).

Ampliando tal perspectiva, Butler (2003) nos apresenta sua visão sobre a interseccionalidade, apesar de tal termo não fazer parte de suas conceituações²⁷, mas aparecer como relevante em seus trabalhos.

Se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é (...) o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (...) e se tornou impossível separar a noção de gênero das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2003, p. 20).

Tal movimento interseccional no campo da educação física vem sendo realizado de forma mais intensa por Dornelles (2013; 2018) e Brito (2018), que debatem as interseções de diversos marcadores sociais da diferença nos modos de subjetivação e hierarquização social dos sujeitos no contexto escolar e no campo esportivo do voleibol, respectivamente. A partir das reflexões gestadas em tais produções, os treinamentos podem ser compreendidos como tecnologias de gênero que, através da realização reiterada e repetitiva de atos, movimentos, condutas e técnicas ligadas às modalidades, buscam subjetivar ideais regulatórios de feminilidades e masculinidades nos sujeitos que adentram essa instituição.

Ao se apropriar do conceito de técnica de Michel Foucault, Preciado (2014) expõe que as técnicas se apresentam como “um conjunto de dispositivos complexos de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade” (p. 154). Essas tramas discursivas ficam evidenciadas pela divisão binária das modalidades esportivas na separação das categorias em masculino e feminino, apoiada na interseção dos discursos médico e esportivo, com seus testes hormonais de feminilidade e *antidoping* (SILVEIRA; VAZ, 2013). Tais técnicas não constatarem “verdades” sobre os corpos e sim produzem o gênero dos corpos que nomeiam, construindo “barreiras biológicas” sexuais binárias que “não podem” ser transpostas (PRECIADO, 2014). Nesse sentido, cabe às atletas se adequarem ao polo

²⁷ Cabe ressaltar que Judith Butler tende a manter suas reflexões na articulação das categorias gênero e sexualidade, o que se poderia observar mesmo em sua aceção de abjeção, marcada pela relação entre essas duas categorias (PISCITELLI, 2008).

que lhes foi atribuído discursivamente, buscando competir entre “iguais biológicos”. A transição entre os lados binários é problemática e deve ser constantemente policiada²⁸.

Sobre o processo de normalização dos corpos no LP, cabe trazer as experiências de nossas oito colaboradoras na apropriação do local de treinamento, espaço compartilhado com um grupo de homens atletas²⁹. Os treinamentos são coordenados pela treinadora Maria Elizabete Jorge, a “Bete do peso”, que assumiu legitimidade perante o grupo a partir de sua trajetória vencedora nessa modalidade esportiva, exposta com inúmeros resultados expressivos em nível nacional e internacional.

Em tal espaço amplo e rústico, destinado à prática da modalidade, anilhas de pesos variados, cadeiras, placas, barras masculinas e femininas e caixotes de madeira são comumente encontrados espalhados pelo chão, além das plataformas fixas de treinamento. Há orientação para que homens e mulheres treinem em plataformas separadas durante as sessões, pois se pressupõe que os pesos erguidos por homens e mulheres serão diferenciados e o compartilhamento poderia interferir no desenvolvimento e organização dos treinos. Nota-se que a partilha desse espaço entre as/os atletas está condicionada a determinados códigos de convivência, em que há disputas simbólicas que afloram cotidianamente. Uma dessas disputas tácitas está diretamente relacionada à quantidade de peso erguida, constantemente anotada no quadro central da sala.

No treinamento eu vejo poucas diferenças, porque, igual eu falei, todo mundo apoia o outro. Acho que o negócio do peso é que pega às vezes. Quando uma mulher está levantando muito peso, os meninos ficam olhando a marca no quadro. Acho que eles ficam preocupados (risos). Agora, eu acho que nas competições tem muita diferença sim, porque as mulheres têm uma calma que os meninos não têm. (Renata³⁰, atleta de LP).

Bom, eu acho que os homens são bem mais vistos que as mulheres, têm mais destaque do que a gente [...]. Há uma competitividade, pois os homens acham que o esporte não é para mulher, só que as mulheres estão chegando com força no esporte. (Sara, atleta de LP).

²⁸ Grespan e Goellner (2014), e Anjos (2015) expõem os processos discriminatórios sofridos por atletas que tensionam e subvertem as normas de gênero e sexualidade – Fallon Fox no MMA e Michael no Voleibol – em que as violências simbólicas buscaram, em última instância, readequar esses corpos divergentes às normas do sistema sexo - gênero - desejo.

²⁹ Tais reflexões surgem a partir dos registros realizados no caderno de campo da pesquisa.

³⁰ Por questões éticas e visando preservar o anonimato, as interlocutoras serão apresentadas no texto com nomes fictícios.

A dinâmica dos treinamentos expõe alguns significados de gênero que circulam nesse espaço e nos fazem crer que a afirmação dos corpos no LP se dá especialmente a partir de suas *performances*, que as/os posicionam em um dos lados da divisão binária de gênero; percebe-se que os homens acionam constantemente aspectos e saberes biológicos para justificar as marcas superiores. Assim, os discursos normativos vão ao encontro da essencialização dos corpos em uma constante panóptica dos gêneros³¹, em que haveria algo de “robusto”, “forte” e “viril” nos homens, que “faltaria” ou seria “atenuado” nas mulheres. Tais proposições remontam ao fascínio e à repulsa que essas mulheres forçadas operam historicamente em suas experiências esportivas, e aos tensionamentos que elas realizam nas feminilidades normalizadas (BENTO, 2014; GOELLNER, 2013).

3.3. “TODA TRANSGRESSÃO SERÁ OBSERVADA”: SISTEMA SEXO/GÊNERO/SEXUALIDADE E A ABJEÇÃO NAS TRAJETÓRIAS ESPORTIVAS

A partir dos apontamentos anteriores, compreendemos os esportes como locais em que ocorrem disputas de saberes e poderes na definição de padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos, dos desejos, do exercício das sexualidades e das experimentações dos gêneros (DORNELLES, 2014; BRITO, 2018; GRESPAN, GOELLNER, 2014). Assim, as colaboradoras desta pesquisa adquirem, em suas experiências esportivas no LP, marcas corporais expressas na força elevada e em seus músculos, as quais tensionam representações da feminilidade normalizada, em que tais marcas seriam indesejáveis.

Em suas trajetórias esportivas, notamos que existem aspectos convergentes em suas aproximações com essas experiências em outras modalidades, como handebol, futebol e atletismo. O próprio processo de migração para o LP, que ocorre a partir do convite de amigos/as que já praticavam a modalidade, passa por experiências conflituosas em seus espaços de sociabilidade. As negociações são intensas e necessárias nesse processo, que tem nos grupos familiares os maiores pontos de apoio e

³¹ O conceito de poder disciplinar de Michel Foucault (1987) auxilia na compreensão das construções dos corpos generificados e das inscrições de uma estilística corporal, produzidas a partir de um conjunto de normas discursivas edificadas na vigilância das condutas. Daí a referência à “panóptica dos gêneros”, em uma alusão a arquitetura do desenvolvimento do poder foucaultiano, que se exerce constantemente, mesmo que de forma “imperceptível”.

incentivo, embora com algumas ressalvas e preocupações, em que a “aprovação” está condicionada a uma constante vigilância dos possíveis reflexos da inserção na modalidade em seus corpos e sexualidades.

Sim, a minha família me apoia da melhor maneira possível, e sempre me deram força pela escolha que eu fiz. Mesmo sabendo que era para o levantamento de peso. (Diana, atleta de LP).

A minha mãe encara o levantamento de peso normal; assim, às vezes ela me ajuda muito e às vezes ela fica calada, normal como toda mãe. Eu acho que ela fica preocupada com o que as outras pessoas vão falar de mim. Mas ela sabe que tem outras mulheres no levantamento de peso, tem a Bete (treinadora), daí ela não se preocupa tanto. (Fernanda, atleta de LP).

Observa-se como é forte a associação dessas experiências esportivas com os estigmas ligados à “masculinização” dos corpos, em que há uma associação direta das alterações corporais, como aumento no volume e força muscular, a um processo de distanciamento da feminilidade normalizada.

Sim. Olham pra mim de forma diferente, acham musculosa, esse tipo de coisa, daí eu fico quieta, acho melhor. (Renata 1, atleta de LP).

As pessoas falam que a gente vai ficar musculosa e masculinizada, que esse esporte não é para mulher. Dizem: “Como é que pode ser mulher e levantar peso assim? Ser mulher e atleta de levantamento de peso?” (Bianca, atleta de LP).

Toda semana tem um comentário diferente, falam que a voz engrossa, que o ombro fica largo, é só isso que a gente escuta. (Fernanda, atleta de LP).

Esses processos de transformação corporal via experiência esportiva são compreendidos como “transformações no gênero”. As atletas percebem que os significados atribuídos a seus corpos foram modificados e estão em constante alteração. Assim, a categoria “masculinização” emerge nesse contexto a partir de uma incompreensão da pluralidade de corpos, gêneros e feminilidades possíveis, indicando que a “fronteira” binária dos gêneros está sendo cruzada, posicionando-as perigosamente no “lado masculino”. Assim, ao expor a fragilidade dessas representações de gênero, seus corpos fascinam e intimidam, atraem e repulsam, tornam-se dissidentes e, conseqüentemente, abjetos (BUTLER, 2000; 2002; PISCITELLI, 2009). Tal processo de abjeção suscita emoções relacionadas às valorações que dependem dos “particulares contextos de produção de sentidos dos

antagonismos, em que a emoção básica em relação ao abjeto é o espanto e a repugnância” (FIGARI; DÍAS-BENÍTEZ, 2009, p. 23).

O abjeto também polui, contagia, deve ser evitado; o que é considerado sujo ou suscetível de poluição; não é outra coisa senão a perturbadora “matéria fora do lugar”. Assim, muitos corpos e comportamentos foram instituídos como “fora do lugar”, na ilegitimidade, como gêneros e sexualidades periféricas, especialmente a partir da vocação taxonômica da medicina, encontrando fios de transmissão – e retroalimentação – em outros aparelhos ideológicos, como a família, a escola, a religião, os esportes, os manuais de sexualidade, de moral e boa conduta. (FIGARI; DÍAS-BENÍTEZ, 2009, p. 23).

Essa “matéria fora do lugar” é representada por nossas atletas a partir dos formatos de seus corpos, com músculos volumosos e potentes, força elevada, técnica minuciosa no manejo dos implementos da modalidade e disciplina para os treinamentos árduos, opondo-se dessa forma aos corpos de outras mulheres com as quais elas se relacionam em seus espaços de sociabilidade – nesse caso, a escola.

Eu me vejo com um pouco mais de força em comparação a elas. Nas aulas (de Educação Física) dá para notar, fica até engraçado. (Renata, atleta de LP).

Tenho mais disposição, mas acaba que elas me veem de uma forma diferente, porque pratico um esporte que dá mais preferência para os homens. (Bianca, atleta de LP).

Diferente, porque a maioria delas são cheias de frescuras, e eu não. Qualquer esporte que está tendo nas aulas (de Educação Física) eu faço. (Sara, atleta de LP).

Sou uma mulher normal. A imagem que eu tenho de mim é que sou uma pessoa corajosa, pois esse esporte não é para qualquer mulher, o corpo muda e a gente se sente diferente das outras meninas que não fazem levantamento de peso. (Cláudia, atleta de LP).

Eu tenho uma aparência mais larga, pois meus ombros, costas e coxas são maiores do que as delas, por causa do esporte. (Fernanda, atleta de LP).

As narrativas apresentam diversos mecanismos discursivos de apropriação da abjeção como processo de resistência. Ao incorporarem os aspectos identitários de atleta do LP, que altera e ressignifica seus corpos, essas mulheres performatizam outras formas de se perceberem, em uma dualidade expressa nas diferenciações de suas relações dentro e fora da modalidade. Ser atleta do levantamento de peso significa

constantes e inevitáveis deslocamentos e modificações corporais, em que as condutas vitoriosas na modalidade dependem, em grande parte, do volume e potência de seus músculos e de um refino extremo de sua técnica.

Outro desdobramento que seus corpos operam é a constante suspeição de suas sexualidades. Ao desestabilizar os significados de gênero, edificados sobre a linearidade do sistema sexo-gênero-desejo, emergem os estereótipos da abjeção ligados ao processo de “masculinização” de seus corpos, que são associados pelo senso comum, às experiências homoeróticas, rompendo assim, com a heterossexualidade compulsória³², o que fica exposto nas narrativas a seguir:

Sim. Algumas vezes já falaram que eu era lésbica. O cara passou na janela (da sala de treinamento) e falou assim: ‘Nossa Senhora, aquela mulher ali é homem’. Eu falei: ‘Nossa, gente... Calma, eu não sou não’. Muita falta de respeito às vezes, mas a gente vai levando. (Sara, atleta de LP).

Dizem que a gente vai ficar cheia de músculos, igual homem, que esse esporte é masculino, não é feito para mulher. (Cláudia, atleta de LP).

Um dos mecanismos centrais e coercitivos da abjeção é a heteronormatividade, que diz respeito ao “ordenamento cultural que exige que todos, heterossexuais ou não, organizem suas vidas conforme o modelo heterossexual, familiar e reprodutivo”. (COLLING; NOGUEIRA, 2015, p.178). Assim, as atletas, ao modificarem os “limites” corporais do binarismo de gênero, têm a heteronormatividade acionada no processo de interdição e policiamento de possíveis deslocamentos em suas sexualidades.

A partir desse enredo normativo, em que saberes e poderes são construídos e exercidos sobre as subjetividades dessas atletas, podemos notar que o gênero adquire “centralidade na produção de convenções eróticas e, nesse cenário, as distinções dos corpos também são cruciais para hierarquizar – e até mesmo excluir – categorias de pessoas” (PISCITELLI, 2009, p. 15). Entretanto, se a base da “identidade de gênero” é a repetição estilizada e performativa de atos através do tempo, e não uma identidade universal dada *a priori*, as possibilidades de transformações dos gêneros podem ser

³² O conceito de heterossexualidade compulsória, elaborado por Adrienne Rich e apropriado por Judith Butler, diz respeito ao “modelo discursivo/epistemológico hegemônico da inteligibilidade de gênero, o qual presume que, para os corpos serem coerentes e fazerem sentido (masculino expressa macho, feminino expressa fêmea), é necessário haver um sexo estável, expresso por um gênero estável, que é definido de forma oposicional e hierarquicamente por meio da prática compulsória da heterossexualidade”. (BUTLER, 2003, p. 216).

encontradas nas arbitrariedades dos atos, nas possibilidades de formas diferenciadas de repetição, na quebra ou repetição subversiva desses estilos (BUTLER, 2000; 2002b).

Assim, tais discursos de interdição assumem aspectos motivacionais na realidade dessas atletas e impulsionam o aprofundamento de suas experiências esportivas na modalidade. A relação com a treinadora, considerada ideal de *performance* feminina na modalidade por seus resultados esportivos exitosos e sua trajetória de superação, abrem possibilidades para que essas atletas projetem trajetórias similares. Para a concretização desses projetos, elas têm que resistir às discriminações presentes em seus grupos de sociabilidade, construindo assim outras performatividades de gênero na instrumentalização da abjeção como forma de resistência e permanência no esporte LP.

Nesse sentido, nossas colaboradoras fizeram emergir, em suas narrativas acerca das experiências esportivas e de sociabilidade, os dilemas, as discriminações, os prazeres e os sonhos com relação a suas condições e projetos na carreira esportiva. A abjeção construída em torno de seus corpos, gêneros e sexualidades, para além do sofrimento causado, em diversas situações, são apropriadas pelas atletas como forma de resistência às normas de gênero e feminilidades circulantes em seus locais de treinamento e em suas relações de sociabilidade junto a familiares e colegas de escola.

Enfim, ao se posicionarem como atletas de uma modalidade esportiva historicamente privilegiada aos homens como o LP, essas atletas tensionam de forma subversiva as normalizações culturais de gênero e abrem margem para a reflexão sobre a multiplicidade de feminilidades possíveis no campo esportivo e na sociedade.

A partir dessas narrativas basilares, podemos questionar se tais processos de abjeção e resistência foram reconfigurados nas trajetórias de vida de atletas na atualidade. De que modos os marcadores sociais da diferença interpelam nossas interlocutoras escolhidas para compartilhar suas histórias de vida? Houve redimensionamentos nas estratégias de resistência às normatividades de gênero na modalidade? Como tais histórias de vida nos permitem interpretar tais processos? São questionamentos como esses que iremos debater nos próximos capítulos, iniciando pela história de vida de “Bete do peso”, interlocutora central em nossa pesquisa.

4 UMA MULHER NO LEVANTAMENTO DE PESO: HISTÓRIA DE VIDA DE MARIA ELIZABETE JORGE, A “BETE DO PESO”

Este capítulo emerge a partir do percurso biográfico vibrante e inquietante de Maria Elizabete Jorge, a “Bete do peso”, obtido em entrevista realizada no ano de 2016 em sua cidade natal, Viçosa, Minas Gerais. Cabe pontuar, pois, que toda entrevista individual em perspectiva da história oral de vida, como todo documento de maior extensão, nos oferece diversos pontos de abordagem e caminhos interpretativos, e aqui não seria diferente. Assim, a narrativa que apresentaremos terá como fio temático a trajetória de vida de Bete no LP, bem como seus dilemas e desafios pessoais nesse percurso. De que formas os sujeitos de suas redes de sociabilidade influíram em sua trajetória? Quais estratégias são colocadas em prática por Bete para construir sua carreira e se constituir enquanto atleta de um esporte historicamente direcionado aos homens? Como seu percurso biográfico nos auxilia a refletir sobre os modos os processos de abjeção e resistência colocados em circulação por ela do LP? Essas são questões que abordaremos aqui.

Com tais questões em mente, busco, na perspectiva teórica e metodológica da história oral de vida proposta por Bosi (1994), Meihy (1994), Alberti (2004) e Goellner (2010), a possibilidade de interpretar os percursos biográficos no processo de compreensão das experiências sociais e dos modos de subjetivação dos sujeitos que nos interpelam na pesquisa. Partiremos dos diálogos possíveis entre a história oral de vida e os conceitos de experiência e subjetivação em uma perspectiva foucaultiana³³ dos termos, em que as experiências são formas como vamos construindo a nós mesmos através das relações sociais de poder realizadas no tecido social em um dado momento histórico. Tais experiências realizam inscrições em nossos corpos e subjetividades e se constituem nos modos de subjetivação; em outras palavras, são os modos pelos quais somos subjetivados e (re) subjetivados constantemente, e nos tornamos sujeitos em um dado momento histórico, contudo, sem perder de vista a instabilidade e provisoriidade das subjetivações construídas (FOUCAULT, 2012; 2011b).

Outro ponto relevante vai no sentido da sugestão de Rúbio (2016, 2003), que localiza, nos percursos biográficos de atletas olímpicos, relevante modo de partilhar a

³³ Tal termo remete aos conceitos do filósofo Michel Foucault.

construção do campo esportivo brasileiro, suas contradições e potencialidades, percebendo que tal campo está intrinsecamente conectado com a sociedade brasileira, partilhando, logicamente, de suas contradições e potencialidades. Em outras palavras, tratar dos fragmentos históricos das histórias de vida de atletas olímpicos auxilia na compreensão de inúmeros processos socioculturais que circulam na sociedade brasileira. Outro ponto relevante que nos motiva nas interpretações sobre aspectos do percurso biográfico de nossa interlocutora é o fato de buscarmos tomar as experiências não só como conceito, mas sobretudo como algo escrito, construído, inventado a partir das leituras e das questões mobilizadoras dessa pesquisa. Tal processo nos subjetiva a cada momento de nosso trabalho, em que vale a provocação: “de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (FOUCAULT, 2012, p. 23).

4.1 NOTAS INICIAIS SOBRE BETE

Maria Elizabete Jorge, como anteriormente apresentado no percurso metodológico desta tese, nasceu em Viçosa, região da Zona da Mata de Minas Gerais, em 20 de abril de 1957. Filha de uma família com quatro irmãs e um irmão, Bete residia em uma casa simples nas imediações da Universidade Federal de Viçosa (UFV), local em que seu pai trabalhava como operador de máquinas e sua mãe, dona de casa, dedicava boa parte de seu tempo à criação dos filhos e aos cuidados com a casa, segundo relato da própria Bete. Na parte inicial de sua entrevista, Bete narra amplamente memórias de sua infância nesse espaço rural, rodeada de animais e possibilidades corporais no brincar.

Eu era uma criança muito ativa. Minha mãe me chamava de levada, pois eu parecia o machinho da casa. Nossa, minha mãe falava para mim que não aguentava me carregar. Eu não era gorda, mas toda vida eu tive o corpo desenvolvido e era pesada. Creio eu que a minha estrutura óssea deve ser pesada, compacta [...]. E a casa era meio isolada onde que era o asfalto que passa no pavilhão de ginástica, lá tinha um córrego e uma pinguela, era uma ponte que a gente passava para o lado de cá e tinham umas casas dos funcionários da Universidade e eles passavam por lá. Lá tinha patos, e ficava boi da Universidade, pois na Universidade tinha muito gado. Naquela época era a Universidade que fornecia carne para o refeitório, ovos, frango, leite, café, feijão, milho, era tudo produzido dentro da Universidade que era agrícola naquela época. Então tinham muitas vacas que

ficavam depois de uma cerca de arame farpado que dividia o quintal da minha casa, a minha casa e a Universidade. Ai minha mãe quase morria porque as vacas davam a luz e eu ia cutucar as vacas. Vocês já devem ter visto vaca com bezerro novo o que ela faz. Elas de chifre assim, meio torto. E nisso minha mãe ficava desesperada porque eu ficava na cerca e a vaca atrás [risos]. E eu passava debaixo da cerca e a vaca atrás [risos]. E eu passava sem ver, e era vestido que a gente usava naquela época com saia franzida e uma saia muito rodada, quando corria ela agarrava no arame e rasgava o vestido todo, minha mãe passava muito aperto comigo. (Bete, 63 anos).

Tais experiências de Bete descrevem aspectos da cidade de Viçosa do fim da década de 1960 e início da década de 1970, momento em que a UFV se consolidava como relevante espaço de formação de profissionais, sobretudo no campo das ciências agrárias e da medicina veterinária. Como seu pai era servidor da Universidade e sua residência localizava-se no próprio campus, Bete desfrutou dessas vivências em um espaço rural, o que, segundo ela, proporcionou o desenvolvimento de variadas habilidades corporais e motoras que a ajudaram no campo esportivo a partir de seus 10 anos, período em que ela terminava o ensino primário na rede pública da cidade. Ela narra ainda que, a partir desse momento, iniciaram-se disputas familiares com seu pai para que a continuação de seus estudos se realizasse em outra escola da cidade, mas agora na rede privada de ensino. Em relato sobre seus desejos de continuar os estudos, a possibilidade de se tornar uma atleta aparecia como uma via de acesso à escola particular e ao sonho de continuar estudando:

Quando eu terminei o quarto ano primário, eu queria estudar na cidade, mas só tinha colégio particular na época, o público só ia até a quarta série. Tinha o Raul de Leoni, Escola Normal e Colégio Viçosa. Acho que nessa época não tinha o Equipe ainda, e só tinha um estadual, que era o Colégio Estadual de Viçosa, e nisso eu nem passei, nem fiz o exame de seleção, porque meu pai não deixava, pois eu terminei o quarto ano primário e tinham mais duas irmãs mais novas estavam vindo. Eu tomei bomba uma ou duas vezes, aí minhas irmãs estavam vindo atrás de mim e eu queria estudar na cidade, mas meu pai não deixava. Falava: “a mulher é pra ficar no fogão, no tanque lavando roupa e ter filho, cuidar de marido”, e eu nunca concordei com ele e então eu pedi para ele: “pai, me deixa estudar, paga para mim”, porque ele pagava para o mais velho, “não, você vai esperar suas irmãs para vocês irem juntas”. Ele não confiava em mim, eu era a mais velha. Aí esperei. Quando chegou na época ele não deixou eu ir e deixou as duas meninas irem. Então eu falei “o senhor arruma para mim uma leitoa que eu vou criar e vou pagar meu colégio, eu vendo a leitoa e dos filhotinhos e pago meu colégio, ou o senhor arruma uma máquina de costura para mim que eu vou costurar para fora e pagar meu colégio”. Ele não me deixou fazer o corte e costura, minha mãe era costureira, e ele arrumou a leitoa. Quando a leitoa estava gordinha,

ele a matou e vendeu, e jogou no bicho, ele jogava muito no bicho, bebia muito, aí ele me deixou sem nada. Só que aí eu fui para o Colégio Raul de Leoni e de tanto insistir, e minhas irmãs eram tímidas demais, e naquela época eu tinha que ir para levar elas, daí eu aproveitei esse gancho e ele deixou. Naquela época tinha exame de seleção para entrar no colégio, as três passaram e ter três filhas no colégio particular não era fácil. Tinham as três Jorges e o meu irmão mais velho, eram quatro filhos em colégio particular. Ele ganhava bem na UFV, mas não pagou nenhuma prestação das três filhas. Chegou no meio do ano e o diretor chamou a gente e disse: “seu pai não pagou e vocês não podem vir mais”. Saíram as três e foram murchas embora, pois o Raul de Leoni era do outro lado da cidade e a gente morava aqui, na outra vila. Ai nisso, não sei se meu pai comentou com algum chefe dele de departamento que ele trabalhava, que ele era do departamento agrícola, aí o chefe dele disse: “vou dar bolsa para uma”. Eu fiquei alegre porque pensei que a mais velha é que vai né, daí foi a mais nova, aí ele pagou para o do meio e eu fiquei sem estudar.

Nesse momento, as condutas de seu pai fazem emergir relações desproporcionais de poder e inúmeras violências simbólicas na relação familiar com as filhas, com destaque para a relação com Bete. Tais relações fazem emergir nela marcas subjetivas que são permeadas por decepções e mágoas pelas diferenciações realizadas por seu pai com relação às irmãs e ao irmão, que foram motivados a continuar nos estudos em detrimento dela. Entretanto, ela resiste, negando que seu destino seja traçado pelo pai mediante a expressão comumente repetida por ele: “A mulher é *pra* ficar no fogão, no tanque lavando roupa e ter filho, cuidar de marido”. Subverter tal “destino social”, comumente construído em suas relações, passou a mover Bete na busca pela escolarização, local em que ela vislumbrava concretizar seus desejos.

Tais experiências narradas abrem possibilidade para pensarmos sobre o processo de interdição discursiva realizada pela figura paterna de Bete em sua trajetória nesse período, bem como as estratégias utilizadas por ela para tensionar tais processos normativos. Cabe pontuar que os discursos, nos termos de Foucault (2012), não dizem respeito apenas aos textos ou normas legais explícitas, mas, sobretudo, acerca de normas implícitas subjetivadas através das teias de poderes valorativos que circulam em uma sociedade num determinado momento histórico, o que abrange, em especial, os silenciamentos de sujeitos nesses processos.

Pontuo ainda que o conceito de norma, como discurso histórico e contingente, articula os mecanismos que regulam a atuação sobre os sujeitos em um determinado tempo histórico. A norma se aplica tanto ao corpo a ser disciplinado quanto à população

que se quer regulamentar (FOUCAULT, 2011; 2001). Em chave teórica semelhante, Veiga-Neto (2016, p. 75) nos traz outros elementos sobre o conceito:

A norma é o elemento que, ao mesmo tempo em que individualiza, remete ao conjunto dos indivíduos, por isso, ela permite a comparação entre os indivíduos. Nesse processo de individualizar e, ao mesmo tempo, remeter ao conjunto, dão-se as comparações horizontais – entre os elementos individuais – e verticais – entre cada elemento e o conjunto. E, ao se fazer isso, chama-se de anormal aqueles cujas diferenças em relação à maioria se convencionaram ser excessivas e insuportáveis. Tal diferença passa a ser considerado um desvio, isto é, algo indesejável porque desvia, tira o rumo, leva à perdição.

Essas normas discursivas estão imersas de significados de gênero, raciais, geracionais, dentre outros marcadores de diferenciação social. Assim, Bete nos faz perceber o quanto as normas discursivas de gênero circulantes na família, naquele momento histórico, demarcam os lugares e as condutas esperadas das mulheres no grupo familiar, e como elas obstaculizaram a sua trajetória. Em vários momentos de sua narrativa está o desejo em prosseguir nos estudos e sua obstinação nesse processo.

Só que aí, nesse meio tempo que estive lá por seis meses, eu comecei a jogar handebol e aí eu era goleira, e vinham aqueles jogos de estudantes de Minas, jogos mineiros, e as professoras começaram a ficar de olho na educação física, e não entrava bola nenhuma, eu tinha um metro e cinquenta e seis, acho que naquela época eu tinha um pouco menos, mas não entrava bola nenhuma, porque a minha impulsão era boa para aquela época. Aí eu comecei a ser goleira e estava indo bem, só que chegou no meio do ano e a gente não pôde continuar. Esqueceram de mim e eu larguei para lá, parei de estudar e meus irmãos continuaram. Nisso trocou o diretor do colégio e ele perguntou para meu irmão mais velho: “cadê sua irmã, a Bete? Ela está em casa? Fala com ela para vir aqui para conversar comigo”. Eu fui e ele virou para mim e falou assim: “você quer estudar aqui no colégio sem pagar nem um centavo? ” Aí eu brinquei com ele: “o senhor pergunta macaco se ele quer banana? ”, ele riu e disse: “só que você tem que me dar uma coisa em troca, você tem que treinar para competir pelo colégio”. Daí que minha vida deslanchou no esporte, e eu não parei mais. (Bete, 63 anos).

Ao iniciar uma de suas estratégias de resistência, nossa interlocutora percebe estar posicionada como aluna de classes populares, que não teria recursos para dar prosseguimento aos estudos, sem qualquer auxílio de seu pai nesse processo; entretanto, hábil nas experiências corporais esportivas, poderia se valer dessa diferenciação na concretização de seu desejo. O conceito de classe social e classes populares utilizados neste estudo vão no sentido da ampliação de uma visão economicista, que foca a análise

das classes sociais predominantemente em aspectos econômicos. Buscamos compreender a classe social como significados discursivos de um grupo de sujeitos que partilham aspectos simbólicos de um determinado espaço social, com gostos, aspirações, opiniões sobre determinados temas sociais, e uma posição econômica semelhante (BOURDIEU, 2005; GOUVEIA, 2008).

Nesse sentido, Bete amplia e vislumbra a oportunidade na continuidade dos estudos via suas habilidades corporais esportivas. Aqui, cabe ressaltar algo recorrente em inúmeros percursos biográficos de mulheres atletas: agentes facilitadores dos processos de início e continuidade nas trajetórias esportivas, sejam elas(es) professoras(es), familiares ou pessoas que compartilham espaços de sociabilidade e que buscam interferir a fim de viabilizar tais desejos, ou, nos termos de Bourdieu (2005), agentes pertencentes ao capital social dos sujeitos que agem no sentido de ampliar as possibilidades de circulação e ascensão nos mais variados campos, nesse caso o educacional.

Nesse momento da história de vida de Bete, o diretor do colégio atuou como esse agente facilitador, visto que houve interesse na presença da nossa interlocutora nos espaços e dinâmicas esportivas da escola. Tal processo trouxe inúmeros desdobramentos, pois, a partir dessa bolsa de estudos, a proximidade de Bete com os esportes foi potencializada, inicialmente nos esportes coletivos, como o handebol e o basquetebol, e depois nos esportes individuais, como a natação e notadamente o atletismo, modalidade em que permaneceu por quase uma década e que se apresentou como fio condutor para sua migração para o LP.

Eu vim para esse colégio em 1973, aí eu retornei em 1975. Eu tinha parado e voltei em 1975. Eu comecei a competir, já tinha largado o handebol, estava jogando basquete e nesse meio tempo chegou um professor, que foi professor do primeiro curso de educação física de Viçosa em 1974, aqui na UFV, quando abriu o curso de Educação Física. Aí ele foi ser monitor no nosso colégio e ele fez um teste para identificar quem era do atletismo, do basquete, do vôlei, do handebol. Aí eu virei para ele e disse que queria basquete, não adianta, eu vou ficar no basquete porque eu era apaixonada pelo basquete. Eu fui chamada para o basquete, eu era pequenininha, mas eu jogava direitinho na época. Aí ele falou: “não, nós vamos fazer um teste”. Ele marcou um teste às quinze horas e a pista era de brita, esquentava demais. Eu corri muito bem e fui a melhor corredora, ele não me deixou ir para o basquete e eu fui para o atletismo. Fiquei no atletismo por muitos anos. Comecei com os cem metros livres, cem metros com barreiras, duzentos metros, quatrocentos, oitocentos, mil e quinhentos, três mil, cinco mil e depois eu encarei a maratona, corrida de rua. Corri a São Silvestre seis anos consecutivos e parei em 1986. [...]. Em

1985 foi minha última São Silvestre, e eu ia pegar uma premiação. Até hoje eu sou assim, meus irmãos ficam pês da vida comigo porque eu não dou importância para o dinheiro, eu gasto tudo que eu ganho com meus atletas, não cuido nem mesmo de mim. Eu quero é ver os meninos andando. Então na época eu ia ganhar três mil cruzeiros, um carro zero quilômetro e uma passagem para a maratona de Nova Iorque. Aí eu combinei com o treinador, você pode ficar com o carro, o que eu quero é a passagem; eu não tinha noção das coisas, o que eram três mil cruzeiros na época? Para minha família era muito dinheiro e era muito importante, o carro nem tanto, mas o meu pai dirigia e eu ia dar para ele. Daí eu fiquei cega e perdi faltando dois quilômetros para terminar a prova, eu só vi um funil final e eu caindo. Aí minha carreira no atletismo acabou, eu não quis mais continuar. (Bete, 63 anos).

Segundo nossa interlocutora, suas experiências nas provas de pista do atletismo foram basilares para sua entrada no LP. As habilidades atléticas construídas em sua trajetória em diversos esportes, sua dedicação e determinação foram potencializadas nas provas de pista do atletismo e, posteriormente, transpostas para o LP. Nesse momento, apesar de ainda não se dedicar integralmente como atleta, Bete vislumbra a possibilidade de ter algum retorno financeiro nas provas em que participava, sem, contudo, mirar em tal retorno, como destacado por ela.

Novamente, agentes facilitadores foram relevantes nesse momento histórico, visto que a oportunidade em treinar atletismo com acompanhamento dos professores do recém-criado Departamento de Educação Física da UFRJ foi importante momento de inflexão na trajetória esportiva de Bete. A partir desse momento, ela percebe que as experiências esportivas subjetivadas naquele espaço eram mediadas por conhecimentos ligados ao treinamento esportivo, o que potencializava suas *performances* e a faz intensificar seus treinamentos, obtendo resultados e conquistas de destaque para a consolidação de sua carreira de atleta, seja no atletismo ou, posteriormente, no LP.

Nesse processo performativo de alterações corporais via treinamentos físicos no atletismo, Bete sente a potência interpelativa dos sujeitos que cobram que a estética de seu corpo e suas condutas “permaneçam” dentro dos limites da norma – em outras palavras, as transformações corporais de Bete, devido às suas experiências esportivas, começam a causar “incômodos” em seus espaços de sociabilidade; ser mulher jovem e atleta naquele período causava estranhamentos, que foram relatados por ela. Entretanto, podemos perceber que os processos discriminatórios, naquele momento, são intensificados por conta dos treinamentos, geralmente realizados em espaço público e,

apesar desse insipiente êxito esportivo no atletismo, ser mulher corredora na cidade de Viçosa de 1980 fazia emergir inúmeras estratégias de interdição.

Mas eu acho que o pré-conceito maior que eu sofri não foi até mesmo no peso não, foi mais na época que eu corria, alguns rapazes começaram a mexer comigo, pois eu era a única mulher que corria, e eu corria muito, eu ficava sempre em terceiro, quarto lugar no geral junto com os homens, e vários ficavam para trás. Daí os rapazes mexiam porque naquela época a gente corria com aquelas tanguinhas curtinhas igual as meninas do vôlei. A gente era muito corajosa de correr com essas roupas, aí eles falavam que eu era homem, sapatão. E em umas das últimas vezes que eles mexeram, eu estava passando por uma avenida, daí eu passei e o homem mexeu, o outro falou assim “não mexe não cara que isso aí é sapatão, você é louco? ”. Eu continuei correndo, daí quando cheguei lá na frente eu pensei bem e voltei correndo e pus o dedo no nariz do cara e disse “olha, você quer experimentar para saber se é sapatão? Cale a boca que você não sabe de nada! ”. Eu era doida porque imagina que ele fala que queria experimentar, eu estava perdida. Eu não pensei para falar, podia ter falado de outra maneira. Esse cara não olha na minha cara até hoje de vergonha. (Bete, 63 anos).

Bete narra que as estratégias discursivas de interdição apontam para o processo de normalização dos corpos de mulheres atletas, seus gêneros e sexualidades. Nesse sentido, o processo de normalização diz respeito à “eleição arbitrária das identidades inteligíveis culturalmente de forma que as demais identidades possam ser contrapostas e hierarquizadas através de um processo comparativo” (SILVA, 2009, p. 38). A forma desrespeitosa e jocosa com que ela foi abordada naquele momento histórico nos coloca diante dos ruídos e incômodos que esse corpo atlético feminino, que performatizava uma feminilidade dissidente das normas corporais vigentes para as mulheres da época, causava em normas sociais ao passar correndo pelo espaço público da cidade de Viçosa no interior mineiro. Sobre esse ponto, Bete afirma que havia um “destino social” para as mulheres de sua época, que privilegiava condutas ligadas ao casamento e à maternidade, bem como aos cuidados domésticos; ela afirma divergir desse ideal, pois suas motivações iam ao encontro do que ela chama de “identidade de atleta”, que trazia a necessidade de dedicação e investimentos corporais obtidos na alimentação e treinamentos diários, não “sobrando tempo” para as questões ligadas às condutas citadas acima.

Contudo, tais investimentos em sua carreira de atleta tinham como consequência os processos de abjeção de seu corpo e condutas. Nesse sentido, e pela relevância da categoria teórica abjeção, cabe retomarmos tal conceito. A abjeção será aqui

compreendida como processo e espaço cultural que a coletividade costuma relegar àqueles e àquelas que consideram uma ameaça ao bom funcionamento da ordem social e política: “o abjeto não é simplesmente o que ameaça a ‘saúde coletiva’ ou a visão de pureza que delinea o social, mas o que perturba a identidade, o sistema, a ordem” (KRISTEVA, 1982, p. 4). A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois a sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável de uma sociedade (MISKOLCI, 2016; 2009).

Assim, um ponto central nesse processo de abjeção era a suspeição de sua sexualidade expressa na categoria nativa “isso aí é sapatão”, que é um termo pejorativo utilizado para caracterizar mulheres lésbicas. Nesse sentido, esse processo se apresentava como forma de normalizar e circunscrever as posturas, as condutas, os gestos e as modalidades esportivas permitidas às mulheres a partir de modelos idealizados do que seja adequado ou interdito aos gêneros e às sexualidades. Em sua narrativa, Bete apresenta de que modos ela pôde, naquele momento, resistir a tais investidas e expõe o receio do que tal postura poderia resultar. Tal processo perdurou por alguns anos, momento em que Bete dividia o tempo de seus treinamentos com o trabalho de lavagem de roupas. Após sua trajetória nas corridas do atletismo, nossa interlocutora inicia uma transição para as experiências no LP, como narrado a seguir:

Eu entrei no levantamento de peso em 23 de janeiro de 1991. Na época, o professor Davi Monteiro, ele é um colombiano que veio para o Brasil em 1956, 1957 e estudou aqui no Brasil, formou em engenharia civil e arquitetura e trabalhava no Brasil como engenheiro em empresa particular, e ele veio para Viçosa porque estavam construindo o centro de vivência na época, e o engenheiro que estava na época foi mandado embora. [...]. Daí ele me convidou para entrar no levantamento de peso, pois ele estava terminando uma construção em formato de “barracão” e ele pôs ali o levantamento de peso, e começou a chamar os meninos do COLUNI³⁴ para fazer com ele e começou aí, ele me chamou, aí eu disse para ele “olha professor, eu gosto é de correr”, e ele via sempre que eu entrava na pista uma da tarde e saía dez horas da noite, e ficava ali e corria, corria e corria, sem orientação de ninguém. Aí até que depois entraram alguns professores do atletismo. Aí em 1988 ele me chamou de novo e eu falei não, e continuei correndo. Eu encerrei a carreira de atleta correndo em 1986, mas continuei correndo. Eu corria trinta quilômetros todos os dias, todos os dias eu corria trinta quilômetros. Lavava roupa para estudante, e aí quatro horas eu deixava as roupas que tinham que lavar no outro dia de molho e saía correndo. Voltava, acabava de passar as roupas, colocava a mochila nas costas e ia entregar as roupas, isso era todos os dias. Em 1991, eu lavava roupa,

³⁴ Colégio Universitário da UFV.

fazia faxina e corria, e fui trabalhar em uma pizzaria, daí eu encontrei com ele (Davi) numa padaria, ele e o filho mais novo comprando pão, e ele me perguntou se eu tinha assistido o 1º campeonato brasileiro feminino de levantamento de peso que ele tinha feito em Viçosa em novembro e dezembro de 1990. Eu falei com ele que não. Eu falei que eu lavava roupa para estudantes, inclusive para duas estudantes do senhor que levantam peso, a Andreia e a Tatiana, aí eu não tive tempo de ir lá. Aí ele virou para mim e disse “você não quer entrar para o peso não?” Aí eu fiquei parada, pensando. E pensei: “porque não?” [...] Depois desse dia eu entrei no levantamento de peso e nunca mais sai, estou lá até hoje. Graças ao professor Davi Monteiro Gomes. Eu entrei por entrar, pois eu já tinha 35 para 36 anos. Em uma época que todo mundo falava que eu já deveria estar tricotando. Que a mulher era para casar, lavar roupa e cozinhar e que não tem força mais, que ela já não é mais nada nesse período. Daí para lá já começa a decair. Só que ele dizia que uma mulher só começa a decair aos 27 anos, só que eu estava com 35 anos. Aí entrei e comecei a treinar, pois o que eu gosto mesmo é a atenção do treinador e ser corrigida. Eu gosto demais disso, não precisa dele me colocar a disciplina, eu me coloco a disciplina, eu me cobro a minha disciplina. Eu só quero alguém me ajudando para que eu possa fazer certo, e isso ele fazia. (Bete, 63 anos).

Bete narra o início de suas experiências no LP, marcadas por dúvidas e incertezas, visto que a corrida de rua e a necessidade em trabalhar para subsistir ocupavam centralidade em seu cotidiano. Nesse momento, outro agente facilitador, agora o professor Davi, é relevante pela dedicação em ter Bete em sua insipiente equipe feminina de LP, baseado no aspecto visionário de suas observações da atleta, que poderia, mesmo com “idade avançada” para o início em uma modalidade, ser uma relevante participante desse projeto. Bete é subjetivada por essa idade cronológica de início de suas experiências no LP e, em diversos momentos, ressalta o destaque atlético de seu corpo no momento em que segundo ela, “deveria estar tricotando”, referência a aspectos de um “destino social” que ela constantemente busca subverter.

Paralelamente a esse processo, Bete narra os desafios em seu grupo de sociabilidade familiar com relação a sua escolha pelo LP como modalidade:

Eu não tinha um apoio do tipo “vai lá, vai lá”, mas também não falavam nada, mas por dentro minha mãe estava remoendo para que eu largasse, porque o mesmo pré-conceito que eu tive na época que o professor Davi me convidou, o medo de ficar musculosa, de ficar parecendo homem, eu creio que ainda exista na cabeça das mulheres esse medo e esse pré-conceito. Os homens também têm esse pré-conceito das mulheres ficarem igual aos homens. Aí então eu sofri o pré-conceito de vários jeitos: da minha família, eu acho que era esse de ficar musculosa, principalmente da minha mãe, eu sei que ela rezava por dentro para eu largar o peso, mas não me mandava largar, nunca falou nada. Meus irmãos nunca comentaram nada, nunca foram

muito falar. Depois que eu fui conversar com o professor Davi que ele foi me explicar: “olha Bete, você tem que ter mais curiosidade de buscar revistas, artigos para entender como que funcionava a modalidade”. Eu nunca fui muito de me interessar, agora é que eu me interessei por estudar. O professor Davi foi me explicar sobre a progesterona, que não deixar crescer a musculatura e que a testosterona que aumenta a musculatura. Daí ele foi explicar que é o hormônio que faz crescer a barba nos homens. Aí eu fui vendo que era besteira que ficar com aquele pré-conceito, mas quando eu comecei a ganhar as competições, minha mãe viu que era sério. [...]. Daí nisso veio a Globo, a Record e um monte de emissoras para fazer entrevistas, daí minha mãe deu entrevista falando que gostava do levantamento de peso, que aprovava, e depois que a imprensa ia embora ela falava “eu também sou famosa, você me puxou porque eu sou forte”. Então quer dizer que o pré-conceito acabou quando ela viu que a mídia estava divulgando e que eu não estava sofrendo pré-conceito. Para ela, ela queria que eu largasse para que eu não sofresse o pré-conceito. Ela pensava que eu seria “apedrejada”. Que as pessoas falariam de qualquer maneira de mim na rua, nos lugares, na cabeça era isso. Eu nunca cheguei a perguntar, mas eu acho que era assim, e nisso ela ficou muito feliz em me assistir na televisão nas olimpíadas, (Bete, 63 anos).

Tais processos de subjetivação narrados por Bete demonstram a força que os grupos de sociabilidade familiares podem ter nas carreiras esportivas de mulheres, seja nos processos de estímulo, seja nas interdições. Apesar da reduzida interferência e dos silêncios perante a escolha de Bete pela modalidade, nota-se que os investimentos para que ela pudesse se dedicar à modalidade não foram explícitos, o que, segundo ela, exprimia temores de sua mãe de que ela fosse “apedrejada”, no sentido de ficar exposta a inúmeros “comentários maliciosos” sobre sua postura na escolha do esporte. O que podemos notar sobre esse temor é que, segundo Bete, o medo de seu corpo ficar “masculinizado” com as experiências esportivas proporcionasse uma ampliação do processo de abjeção sofrido por ela e isso pudesse trazer mais sofrimento em sua trajetória.

A categoria nativa “masculinização”, bem como os temores de familiares no início das experiências no LP, trazem convergências com os achados nas falas de nossas interlocutoras mais jovens, que serão abordados no próximo capítulo da tese; entretanto, interpretaremos esse elemento do processo de abjeção do corpo de Bete vislumbrando o aspecto transversal que tal estigma pode trazer em seus processos de subjetivação. Para refletir sobre esse ponto, cabe retomarmos a categoria gênero em sua construção

Butleriana³⁵ do sistema sexo/gênero/desejo, que diz respeito à produção e à associação discursiva direta de um sexo biológico (macho ou fêmea), geralmente pronunciado pelo discurso médico, a um gênero (masculino ou feminino), que fica evidente no processo de construção de feminilidade e masculinidade normalizada e uma sexualidade heteronormativa compulsória relegada aos sujeitos (BUTLER, 2000; 2003).

Nesse sentido, o temor de pessoas de seu grupo de sociabilidade familiar residia nas possíveis alterações corporais que poderiam ocorrer com tais experiências no LP, além das formas de interpelação das demais pessoas ao tomarem conhecimento da escolha de Bete por uma modalidade historicamente privilegiada aos homens, que valoriza a força, a potência e o volume muscular. Nesse sentido, tais temores residiriam ainda na possibilidade de que as mudanças corporais, necessárias para as *performances* esportivas, promoveriam o afastamento de uma feminilidade normalizada. Assim, as dinâmicas e técnicas corporais subjetivadas nos treinamentos da modalidade são inúmeras vezes distorcidas pelos sujeitos que não participam do campo esportivo do LP, que ignoram que a modalidade necessita, para além de ampliação de habilidades físicas como força, potência e volume muscular, posturas viris e de “raça” de suas atletas, sejam nos treinamentos e ou nas competições.

O pré-conceito que eu sofri no peso foi de uma menina de 15 anos, eu estava treinando no departamento próximo da janela e de costas para a porta, daí eu estava fazendo 50 quilos de arranque, daí chegou essa menina na janela com a colega e ficou olhando e disse: “isso não é mulher não, isso é homem!” Me subiu um calor na cabeça, eu controlei, acabei de fazer minhas repetições e coloquei o peso no chão para não soltar, olhei para trás e falei: “eu sou sapatão igual a sua mãe!” Elas ficaram sem graça e saíram da janela. Nisso o professor Davi me disse: “você não deveria fazer isso, você deveria chamar as duas, explicar para elas que não é assim, que não vira homem, que não é homem, que o peso é um esporte bom igual a qualquer outro”. Daí para frente eu parei de sofrer pré-conceito ou se eu sofria não percebia mais, passei a encarar de outra maneira (Bete, 63 anos).

Tais modificações corporais fazem com que as atletas estejam “perigosamente” se movimentando e alterando os significados de gênero de seus corpos à medida que os músculos ficam evidentes, seja pelo aumento de volume e peso corporal, ou pela perda de gordura corporal. Apesar de Bete fazer parte, à época, da categoria 48 quilos, o que a posiciona em uma estética corporal próxima as bordas culturalmente “aceitáveis” da feminilidade normalizada, ela percebe que seu corpo começa a incomodar a norma.

³⁵ O termo “Butleriana” diz respeito à filósofa estadunidense Judith Butler.

Tal processo de normalização, ou seja, de subjetivação da norma corporal vigente, foi constante em outros momentos de sua trajetória no início das experiências no LP, momento em que a participação das mulheres na modalidade era rodeada de ineditismo. Naquele momento, outra estratégia adotada por Bete foi expor, a partir de saberes biológicos/hormonais, a impossibilidade de as mulheres se “masculinizarem” ou transporem a barreira binária do gênero, como podemos notar na sua fala abaixo:

Eu comecei a explicar que as mulheres ficam bonitas com o peso, aumenta o glúteo e a coxa, fica bem bonito porque mulher gosta de perna grossa, no homem aumenta o peitoral, o homem usa mais força, por isso que o homem sofre mais para treinar o levantamento de peso que a mulher porque nosso centro de gravidade está abaixo do umbigo e as mulheres são mais baixas. Elas já têm uma postura adaptada para a gestação e no peso se trabalha muito com as pernas. Mãos e braços são apenas para segurar a barra abaixo e em cima da cabeça, por isso as mulheres do peso dificilmente vão ter problemas de coluna. Para o homem é mais difícil porque ele é reto, não tem glúteo e para formar essa curvatura que a mulher tem ele sofre mais e é raro vermos homens com essa postura das mulheres. Os homens que tem bumbum e perna trabalhados se dão bem no peso. A gente trabalha isso desde novo com nossos atletas. As mulheres têm mais força nas pernas, os homens no peitoral. Eles gostam de treinar mais a parte de cima e não gostam de treinar agachamento e no LP é o tempo todo agachamento. (Bete, 63 anos).

Ao discorrer sobre as possíveis transformações corporais que as experiências no LP poderiam realizar, ela reafirma estéticas ligadas à feminilidade normalizada e reitera a interdição do processo de “masculinização” dos corpos das mulheres. Esse processo a ser evitado é revelador de que os corpos no LP tensionam a norma binária dos gêneros e podem ser significados como “masculinizados”, o que causa temores, além de tratar-se de um ponto que, segundo ela, interdita inúmeras mulheres à prática do LP. Tais significados corporais de mulheres e homens no LP demonstram estratégias de valorização das experiências das mulheres nesse campo, mediante, segundo ela, uma disposição “natural” das mulheres para levantar pesos. Sendo assim, mulheres se posicionariam próximo aos homens em exercícios que tenham essa centralidade.

Minha sobrinha teve um filho agora e eram quase 4 quilos que ela estava carregando na barriga. A gente não tem noção do que é carregar 4 quilos na barriga, eu pelo menos não tenho, nunca estive grávida nem sou mãe, mas pegar um peso de 4 quilos eu sei o que é. As mulheres usam pernas para levantar peso o tempo todo. Nós temos mais facilidade que o homem para levantar o peso. A mulher pode levantar 100 quilos e colocar lá encima mais seu peso corporal, então nós temos mais facilidade que os homens. Às vezes dizem na modalidade que a mulher é fraca e que levanta pouco peso, mas pega a

proporção do peso corporal do homem, do peso corporal da mulher e o total que a mulher levanta e o total que o homem levanta, você divide isso e joga no coeficiente de uma tabela de proporção e você vai ver quantos quilos de peso cada quilo corporal meu levanta e do outro levanta, aí vamos ver quem é mais forte e quem ganha. Aparentemente a mulher levanta menos, mas se fizer a proporção é igual. (Bete, 63 anos).

Os pontos da narrativa de Bete acerca dos processos discriminatórios são temporalmente inteligíveis com as narrativas expostas por nossas interlocutoras das reflexões iniciais da pesquisa. Podemos perceber que, apesar de nossas entrevistadas pertencerem a momentos históricos distintos, grande parte dos discursos presentes nos processos de normalização das feminilidades são similares e dizem respeito à estigmatização de seus músculos, expresso no medo de um processo de “masculinização” de seus corpos. Compreendemos “estigma” como as marcas relativas a atributos depreciativos encarnados nos corpos dos sujeitos, as quais dizem respeito a significados corporais ou aspectos de caráter e psicológicos que destacam os sujeitos socialmente de forma pejorativa e fazem emergir, paralelamente e em intensidade aproximada, o uso de desidentificadores dessas marcas, em que “o estigma e o esforço para escondê-lo, encobri-lo ou amenizá-lo fixam-se como parte das identidades dos sujeitos” (GOFFMAN, 1988, p. 76).

Assim, desidentificar marcas de uma possível masculinização de seu corpo é uma estratégia discursiva utilizada por nossa interlocutora e que pode ser notada em outras falas das atletas entrevistadas. Ao retirar o exotismo dessas *performances*, busca-se trazer os corpos para a “normalidade” de gênero, negando qualquer extrapolação subversiva. Nesse contexto, ainda não se percebem as múltiplas feminilidades possíveis e sim o afastamento dessa “feminilidade forçada” que se apresenta como estigma. Tal norma discursiva demonstra ser ponto relevante nos processos de subjetivação de nossa interlocutora, evidenciando, em diversos momentos, esforços no sentido de reafirmar as normas de feminilidade das mulheres atletas do LP.

Em chave teórica semelhante, Jaeger e Goellner (2011) refletiram sobre os modos como o volume muscular interpela mulheres fisiculturistas em suas relações de sociabilidade, bem como as estratégias mobilizadas por elas para reafirmar uma feminilidade normalizada. Apesar das diferenças basilares dos grupos de interlocutoras, os processos de desidentificação de estigma mobilizam os grupos nos processos de atenuação dos efeitos sociais dos estigmas de seus corpos.

O que se percebe, pois, é que tal estratégia, no caso das atletas de LP, se apresenta como forma de conseguir a continuidade das experiências na modalidade e “tranquilizar” familiares e pessoas dos grupos de sociabilidade com relação a esse processo de abjeção de seus corpos. Tais processos de subjetivação são transversais a mulheres pesistas de distintas gerações, e a essa interpretação daremos continuidade no próximo capítulo, em que serão apresentadas narrativas das demais colaboradoras da pesquisa. Passaremos, neste momento, a refletir sobre as experiências esportivas olímpicas de Bete no LP, bem como sobre possíveis modos que tais processos vividos por ela foram subjetivados em sua trajetória.

4.2 DO INEDITISMO OLÍMPICO AO OSTRACISMO: DESAFIOS NA CARREIRA DE UMA ATLETA DE LP

Refletir sobre esse momento do percurso biográfico de Bete nos traz a possibilidade de interseccionar alguns marcadores sociais da diferença, dentre eles gênero, geração e cor/raça. Para tal, faz-se necessário retornarmos ao processo de treinamento para sua participação olímpica pioneira em 2000, momento em que a participação das mulheres no LP foi autorizada institucionalmente pela *IWF*.

Entretanto, Bete inicia suas experiências no LP aos 35 anos, em 1991, período anterior ao processo de entrada das mulheres nas competições olímpicas da modalidade, conciliando seus treinamentos com sua atuação como lavadeira de roupas, geralmente realizada para professoras(es) e estudantes da UFV.

Sim, eu lavava roupa, corria, trabalhava em uma pizzaria, fazia faxina para os estudantes e treinava, treinava duro. Eu dormia 4 horas por noite. Eu lavava mais a roupa de madrugada e passava. E a maioria das roupas tinha que entregar a noite também porque os estudantes moravam na cidade e ficava na biblioteca até fechar, daí eu tinha que ir depois da meia noite. Então tinha dia que eu lavava e tinha dia que eu entregava. Até o professor Davi me cortar, ele me cortou em 1994, ano que eu parei de lavar roupa. Ele me disse: “se você quer ser uma atleta do peso você vai ter que parar de correr e de lavar roupa”. Aí, o que ele fez? Na época, já tinham alguns estudantes dentro do centro de treinamentos dele. Aí ele me colocou como monitora acompanhando a musculação com pesos livres para os estudantes, e com esse dinheiro que eu recebia, ele me fez parar com a roupa e com a pizzaria, ele me fez parar com tudo. (Bete, 63 anos).

Entretanto, segundo narrativa de Bete, seria necessária a integral dedicação aos treinamentos, caso ela projetasse resultados expressivos na modalidade. Naquele

momento, a precarização profissional do LP restringia as possibilidades de conseguir algum recurso a partir de sua prática exclusiva, e Bete se lançou a auxiliar no trabalho no campo da musculação com os alunos da UFV, o que poderia render algum recurso para sua subsistência. Como mulher negra, de classes populares e iniciando sua carreira esportiva no LP, Bete enfrentou diversos desafios para se dedicar exclusivamente ao LP. Tais experiências eram compartilhadas de inúmeras formas com suas colegas da equipe de LP, em que competitividade, parcerias e desafios eram constantes na convivência cotidiana.

E quando eu entrei eu fui uma das últimas a entrar, e eu cheguei ali, eu via aquelas meninas levantando peso e eu não queria ficar para trás. Eu sempre fui muito competitiva. Para vocês terem uma ideia eu fico competindo comigo mesma até hoje. Por exemplo, se eu estou a pé e tenho que andar uma boa distância, como eu fiz para chegar aqui, eu ando muito rápido, e se tiver um grupo de homens ou mulheres na minha frente andando, eu ando mais rápido só para passar na frente e ganhar deles, a minha cabeça funciona assim, e de bicicleta é a mesma coisa, se eu estou andando eu não quero ninguém na minha frente e eu tenho que ser a primeira. Então eu entrei no LP e não queria ficar para trás, e logo quando eu entrei, entrou outra menina do curso de Educação Física, baiana, pequenininha, chamada Leci, e ela entrou no LP e ela era muito forte e por ela ser mais baixa do que eu ela tinha mais facilidade que eu para puxar o peso por conta da distância menor do chão. Ela era mais baixa e mais rápida do que eu, e eu não concordei. Certa vez eu puxei o peso e me machuquei. Ela puxou 70 quilos e colocou no peito, eu puxei 70 quilos, coloquei no peito, mas agachei, daí a barra caiu e pegou o meu dedo. Ele até ficou torto. Eu fiquei com muita raiva, pois eu era muito competitiva. Daí o professor Davi me chamou e falou que não podia ser desse jeito. Daí para frente eu entendi as coisas e nós formamos uma equipe muito forte. A equipe mais forte do Brasil era a feminina. Só que aí, depois de uns 2 anos que eu entrei elas formaram e foram embora e eu fiquei sozinha. [...]. Passou muito tempo, mas até hoje eu ainda tenho em minha cabeça que se eu treinar e voltar para minha categoria dos 48 quilos eu ainda ganho de algumas meninas por aí, pelo que eu estou vendo aí de base de treinamento, de conhecimento de treinamento eu ainda ganharia. [...]. Eu estou pensando seriamente em participar do campeonato brasileiro esse ano. Não, pensei em competir de igual para igual. Eu sou tetra campeã mundial máster. Eu ganhei três vezes consecutivas e eu estou com vontade de voltar. Eu parei de ir no máster porque a gente tinha que pagar tudo. É muito caro e eu já não tinha dinheiro (Bete, 63 anos).

Tal espaço em que a equipe feminina de LP treinava, sobretudo por conta da intensa competitividade entre as atletas, apresentava-se como “espaço protegido de sociabilidade”, nos termos de Loïc Wacquant (2002), em que, apesar de todos os desafios e processos de abjeção múltiplos, as atletas encontravam uma rede de

sociabilidade e cumplicidade nos treinamentos. A competitividade entre essas mulheres de unidades geracionais diferenciadas instigou Bete a extrapolar seus limites corporais na busca pela *performance* desejada por ela e seu treinador.

Assim, o espaço também detinha um simbolismo geracional com intensas trocas e processos de subjetivação (MANNHEIM, 1982), em que treinar com mulheres mais jovens e que “levantavam mais peso” e “se recuperavam mais rápido dos treinos” desafiava nossa interlocutora a romper possíveis “limites” corporais e potencializava esse traço competitivo, que demonstrou perdurar através de seu percurso biográfico, visto que, mesmo com 60 anos à época da captação da entrevista, ela expõe sua intenção de competir no campeonato brasileiro adulto de LP do ano seguinte, em vez da categoria máster.

Para Bete, as mudanças corporais advindas do tempo parecem não ter ocorrido e os desdobramentos em seu corpo foram ínfimos. Ao abordar os processos de significados do envelhecimento para atletas, Courtine (2013) traz uma provocação segundo a qual, para tais sujeitos, o envelhecer é uma “patologia”, em que o combate contra os anos, a impotência e a morte torna-se uma obsessão.

Há uma convergência e amor pelo liso, pelo polido, pelo esbelto, pelo jovem e, com este, a ansiedade face aquilo que, da aparência, parece relaxado, dobrado, negligenciado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido, frouxo, distendido. Uma negação ativa das marcas do envelhecimento sobre o organismo (COURTINE, 2013, p. 566).

Naquele momento histórico, as *performances* acima da média a posicionavam como uma das atletas com as marcas mais expressivas em sua categoria. Nesse período, Bete participa de diversas competições nacionais e internacionais, o que permite a ampliação de seu capital cultural e social, e a faz vislumbrar uma participação até então inédita nos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, Bete narra o momento em que surge a possibilidade da participação das mulheres no LP nos Jogos Olímpicos e os desdobramentos desse processo em sua preparação dentro da equipe.

Na verdade, eu não sabia que as mulheres iam entrar para os jogos olímpicos no peso. Eu seguia as dicas do professor Davi, que era um cara muito otimista. Ele já falava para mim anos, antes de eu cogitar qualquer coisa, que um dia as mulheres iam entrar nas olimpíadas. Ele sempre foi assim, sempre puxando a gente e falava que era mais fácil de lidar com a mulher no LP do que com os homens. Ele me deu muita segurança no LP, me forçou a treinar e eu treinei com mais garra para chegar numa olimpíada porque ele falava que com os homens era mais complicado e até palavrão ele tinha que falar com eles, mas com as mulheres ele nunca precisou falar palavrão, nunca

foi de xingar. Ele batia no corpo dos homens para incentivar a levantar o peso e com as mulheres ele aprendeu a lidar com essa delicadeza da mulher em um esporte tão bruto, e aí ele transformou as mulheres no LP aqui em Viçosa. Então ele falava comigo que um dia as mulheres iriam entrar para as olimpíadas no LP. Ele comentou que a primeira vez que as mulheres competiram foi no mundial de 1986, daí ele falou comigo que se eu tivesse participado desse mundial eu teria sido campeã, pois ele tinha a súmula e os resultados até que um dia ele me falou que as mulheres iam entrar nos jogos. Daí um dia eu estava treinando em uma plataforma e ele estava atrás de mim lendo o jornal, mas me corrigindo, daí eu virei para trás e falei que ele podia escrever que um dia nós iríamos para as olimpíadas e seria a primeira vez que ele iria para as olimpíadas como treinador. Dois anos depois foi anunciado que as mulheres iam para as olimpíadas e aí começamos essa caminhada incerta, pois não sabíamos se eu conseguiria essa vaga. Aí ele fez muita força para me levar para o mundial, pois o mundial é que daria a vaga para as olimpíadas [...]. E nisso começou aquele trabalho mais intensivo comigo. Eu treinava de manhã e de tarde, minha mão rasgava, eu não cortava a pele para não piorar. Deixava a epiderme nova nascer. Eu treinava com a mão pingando sangue, mas cheguei lá. No dia que o professor Davi falou que minha roupa ia chegar, ele pediu que eu preenchesse uma folha, pois o uniforme teria que ser todo do COB, daí eu vibrei de novo porque a ficha estava caindo que eu iria para as olimpíadas e o professor Davi também (riso). Treinei muito e fomos. (Bete, 63 anos).

A época, Bete estava com 43 anos e sua participação foi rodeada de expectativas, visto que seria a participação inédita de uma mulher no LP, bem como de uma viçosense, no alto rendimento de uma modalidade. A partir da narrativa de Bete, cabe pontuar que a cidade de Viçosa assume protagonismo em nível nacional e sul-americano por sediar um centro de treinamentos comandado pelo treinador de Bete. Impulsionado pela proximidade com o Departamento de Educação Física da UFV, tal espaço foi fundamental na modalidade, por viabilizar a construção de equipes de mulheres e homens atletas no decorrer da década de 1990. Nesse período, a seleção brasileira de LP era composta prioritariamente por atletas da cidade, e o fato de Bete ser uma atleta em franca ascensão motivava a comunidade viçosense a relevar o LP como modalidade privilegiada naquele contexto. Nesse momento, a rivalidade maior se estabelecia com as atletas paulistas, em especial do Esporte Clube Pinheiros, outro relevante centro de treinamentos da modalidade no Brasil.

Eu tinha tudo o que eu queria como treinador e eu segui direitinho e fui parar numa olimpíada com 43 anos. Não fui melhor do que eu fui porque eu machuquei minhas mãos. Eu estava no meio de mulheres mais jovens, a mais velha tinha 27 anos e a mais nova 16 anos. Eu fui a mulher mais velha em todas as modalidades nas olimpíadas de 2000. De todas as modalidades. E no levantamento de peso mesmo o pessoal

ficava de boca aberta. Fui muito entrevistada por jornalistas da China, do Japão, da Itália. E dizem que usam até hoje a minha imagem em palestras e colocam como um exemplo, principalmente na China, que é muito fechada, comunista, e as mulheres não podem viver como a Bete vivia: lavadeira, com aquela idade em uma olimpíada, e na 1ª olimpíada feminina do levantamento de peso [...]. (Bete, 63 anos).

Após o processo de classificação e dando prosseguimento à sua conquista da vaga inédita conseguida de forma árdua, Bete narra sua participação nos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000 na Austrália; novamente, o marcador geracional é acionado para posicioná-la como atleta de idade mais avançada em todas as modalidades. Ao refletir sobre tal experiência, Bete nos traz os desafios das mulheres atletas pioneiras: única atleta brasileira no LP nos Jogos Olímpicos naquela edição, ela faz emergir toda a resistência subjetivada em seu percurso biográfico, em que as privações demonstraram impulsionar a continuidade de suas experiências esportivas no LP, como podemos notar no trecho em que ela narra sua experiência no LP *in loco* nos Jogos Olímpicos, bem como os fatores e processos que restringiram sua *performance*.

Eu fui direto para Sidney e as atletas já estavam a meses treinando em Camberra para fazer aclimatação, adaptando. Então eu cheguei no centro de treinamento para treinar em Sidney sozinha e fui ver as plataformas, todas novinhas, barras masculinas, femininas. Daí foi a Bete pegar uma barra feminina pela primeira vez, tirando do plástico. Essas barras tinham umas ranhuras que não davam calos e sim arrancava a pele da mão da gente. Eu sempre treinava com barras masculinas que eram mais grossas, uma unha desse tamanho igual um bico de papagaio. Eu sempre pegava em gancho para travar a barra quando a mão estiver suando, para evitar de cair nos joelhos quando estiver ajoelhado, então o agarro na barra tem que ser em forma de cunha. Daí eu tive que deixar a unha crescer porque a barra masculina tem 28 milímetros e a barra feminina tem 25. Eu sempre treinava com barras velhas masculinas e fiquei toda feliz de treinar com barras femininas novas, mas elas corroeram as palmas da minha mão. Depois de 2 dias começaram a chegar as outras mulheres que estavam em Camberra, daí eu, ao invés de continuar treinando com as barras novas eu comecei a treinar com umas barras que já estavam com uns pontos de ferrugem por causa do suor. Daí eu peguei sem proteção nenhuma e peguei uma bactéria, uma infecção que quase perdi a mão. A mão esquerda foi a pior, eu tenho a cicatriz até hoje e essa aqui foi menos. Eu competi mal por isso, mas até chegar lá foi muito bom e eu pude treinar ao lado de muitos atletas importantes. Era muito bom na vila olímpica e eu ia todo dia para treinar no horário deles. Cada país tinha uma plataforma para treinar em determinado horário. Países que tinham mais atletas tinham mais plataformas e mais horários para treinar. Eu tive contato com todos os atletas do mundo. A nata do esporte do mundo estava dentro da vila, que funcionava 24 horas. Restaurante imenso com comida de vários países funcionando 24 horas. Eu ficava sempre regrada por conta do meu peso corporal que

não podia subir e o professor Davi ficava vigiando, pois não podia tomar muito líquido como sucos e refrigerantes. Eu tive muito contato com atletas do vôlei de praia, com o Guga na fisioterapia. Eu fui encaminhada para tentar fazer um tratamento na mão, mas ela já estava muito infeccionada. Aí eu falei para o Guga que ele era muito famoso, ele me abraçou, me levantou e falou que famosa era eu. Foi uma experiência única, e para viver essa experiência só em outra olimpíada (pausa - voz embargada de emoção). [...]. (Bete, 63 anos).

Nossa interlocutora expõe de que maneira essa experiência olímpica a marcou, transformou e subjetivou profundamente. O ineditismo de sua participação evidencia a precariedade do LP institucionalizado brasileiro naquele momento, em que detalhes relevantes da preparação eram relegados, como a especificidade das barras e a preparação das atletas. Evidencia-se, porém, em suas narrativas, a “obstinação” de uma atleta que resistiu a inúmeros processos de abjeção e não permitiu que eles limitassem seus sonhos na modalidade. A 9ª colocação de Bete nos Jogos Olímpicos na categoria 48 quilos foi um expressivo resultado e impulsionou sua carreira, permitindo uma projeção midiática relevante em sua trajetória, que seria decisiva para a continuidade dos trabalhos em Viçosa para a preparação de outras atletas da equipe viçosense de LP.

Entretanto, após o retorno dos Jogos Olímpicos, Bete, por estar com 43 anos à época de sua participação, declina de um novo ciclo olímpico e passa a se dedicar às competições da categoria máster e ao processo de treinamento de uma nova geração de atletas em sua cidade natal, em parceria com seu treinador, Davi Monteiro Gomes. Em maio de 2008, realizamos a pesquisa com a entrevista de oito atletas treinadas por Bete e que foram basilares para as reflexões iniciais da tese, expostas no capítulo inicial. Após esse período, e com o advento da aposentadoria de seu treinador como professor da UFV, tal momento compreendido de 2008 a 2016 é subjetivado por nossa interlocutora como o que lhe trouxe desafios extremos em sua trajetória de vida, conforme se pode notar no excerto abaixo:

Sim, essa fase eu deveria apagar da minha cabeça, mas como vocês estão me entrevistando eu gostaria de abrir tudo. Foi um período de muita confusão. As pessoas falam que eu recebo bem, que estou tranquila, mas eu passei um período de muitas dificuldades. Foi nesse período, que iniciou no dia 8 de agosto de 2008, dia em que meu contrato foi cancelado. [...]. Foi me tirar a seleção de Viçosa acabou. Essa equipe que estava montada aqui na Universidade nunca mais viajou para competir em campeonatos nacionais e internacionais. (Bete, 63 anos).

Apesar do momento adverso e desfavorável aos sonhos de construir uma equipe campeã naquele momento, Bete desenvolve outro caminho que prioriza a continuidade das experiências esportivas em um projeto construído em parceria com uma escola e a prefeitura da cidade. Em momento anterior à realização de nossa entrevista, pude presenciar algumas de suas experiências pedagógicas no espaço do projeto de LP para jovens predominantemente de classes populares de vários bairros de Viçosa. Eram treinos diários em uma quadra sem cobertura, com materiais oficiais diversos, como barras e anilhas, que tinham aspecto desgastado pelo tempo e ficavam acondicionados em um local reservado, cobertos por uma lona preta que os protegia parcialmente do sol e da umidade.

Bete revela que tal iniciativa é a continuidade de seu trabalho interrompido anteriormente e que não recebe nenhum recurso pelo seu desenvolvimento. Para complementar sua renda, nesse período, Bete realizava a catação de materiais recicláveis, como latas de metal. Tais recursos, segundo ela, auxiliariam nos custos com as viagens de atletas para competições nacionais realizadas naquele ano. Segundo nossa interlocutora, o trabalho de iniciação de atletas no LP remonta a seu início e deve ser continuado para que a “tradição do LP em Viçosa não acabe”, fazendo emergir um dos sonhos de Bete:

Mas eu queria deixar alguém na equipe e não deixar morrer, porque se eu sair eu tenho medo da equipe acabar, eu sou uma só para cuidar de tudo. Para você ter uma ideia, hoje a presidente da federação mineira sou eu, ninguém quer assumir. Eu mesmo tive que tirar dinheiro do meu bolso para legalizar a federação, e ninguém vai me ressarcir. Esse ano vamos em um campeonato sub 20 que é 100 reais a inscrição de cada atleta, quem vai arcar com tudo sou eu. Eu não sei como eu vou pagar pois eu vendo latinha, sinceramente eu não sei como vou pagar. Eu vendi recentemente 120 quilos e não deu para pagar a comida deles em um campeonato que fomos. Não tem condição. Como é que cresce o esporte? (Bete, 63 anos).

Entre adversidades em suas experiências nesse período histórico, Bete faz circular outra estratégia de resistência e inicia a graduação em Educação Física em uma instituição privada da cidade, o que lhe possibilitaria maior atuação no campo do treinamento esportivo no LP, além da retomada de suas atividades como treinadora oficial da CBLP. A decisão de buscar a formação superior demonstra um projeto

estruturado³⁶, nos termos de Gilberto Velho (2013; 2004; 2002), em que a ascensão social passa pela ampliação da escolarização. Parece-me um “retorno” àquela estratégia de resistir pela dedicação aos estudos e aos esportes em seu passado biográfico. Nesse sentido, saberes experienciais e curriculares científicos são confrontados nos processos de subjetivação de Bete, em que ela aponta significados e revela seus sonhos, dentre os quais o de fazer circular tais conhecimentos:

Todos meus atletas passam por esse treinamento de base para quando chegar lá em cima estar com o joelho bom, coluna boa, cotovelo bom. Esse então é um dos meus sonhos, que o diploma da faculdade eu possa colocar em prática e dar as palestras. [...]. Até o dia que eu morrer eu vou continuar buscando e lutando. Buscando formar treinadores pelo Brasil. [...]. Eu tive até uma sorte quando eu fui nas olimpíadas pois me perguntaram com que sabão eu lavava roupa para os estudantes, eu falei que era o sabão brilhante e o repórter falou isso na matéria. O cara da empresa viu e ficou louco para fazer uma propaganda e me deram um patrocínio. Com esse dinheiro eu comprei um apartamento no centro para colocar para alugar. Depois que as antigas inquilinas saíram nunca mais consegui alugar. Hoje quem está me sustentando é minha irmã mais nova. Ela é formada em economia doméstica e trabalhava em uma lavanderia de hospital, mas ela teve que deixar o emprego, pois minha mãe morreu em maio de 2007. Daí ela fez um concurso na prefeitura no fim de 2007. Hoje ela paga o INSS para mim e dá a comida para que eu possa continuar trabalhando. A gente quer carregar o LP nas costas pois a gente quer que a modalidade cresça, mas a gente precisa cuidar de nós também. Eu acho que quando eu concluir meu curso outras portas vão se abrir e vai melhorar. (Bete, 63 anos).

Esse excerto de sua narrativa nos faz retornar a diversos processos de subjetivação na história de vida de Bete. Comumente marcada por inúmeros estigmas, seja por ser mulher atleta de LP, negra e pertencente à classe popular viçosense, Bete desde muito jovem demonstrou compreender que a abjeção faria parte de sua trajetória e que resistir não seria uma opção para ela. Nesse ponto, retomo Butler (2003; 2015) e Kristeva (1982) no sentido de trazer uma multiplicidade de possibilidades à

³⁶ Sobre a categoria “projeto”, cabe ressaltar a centralidade dos sujeitos na compreensão dessa categoria, que está atrelada à noção de biografia: “A consciência e valorização de uma individualidade singular, baseada em uma memória que dá consistência à biografia, é o que possibilita a formulação e condução de projetos. Portanto, se a memória permite uma visão retrospectiva mais ou menos organizada de uma trajetória e biografia, o projeto é a antecipação no futuro dessas trajetórias e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização de meios através dos quais esses poderão ser atingidos. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória” (VELHO, 2013, p. 65).

interpretação de processos de abjeção, que são mediados por diversos marcadores sociais de diferença – no caso de Bete, marcadamente gênero, classe e geração.

Paralelamente, tais conceitos abrem margem para vislumbrarmos os modos constitutivos de resistência dos sujeitos, que mobilizam uma diversidade de marcadores sociais da diferença, ou agência interseccional (HENNING, 2015; 2016). Qual a potência da ação dessa mulher no campo esportivo do LP? Nunca saberemos ao certo, entretanto, podemos aventar que os desdobramentos de suas condutas de resistência inspiraram inúmeras atletas, notadamente em seu projeto na cidade de Viçosa, e as marcas dos estigmas desse ineditismo foram ressignificadas nas novas gerações de atletas, sejam em seu projeto de iniciação ao LP em Viçosa, sejam nos demais centros de treinamento pelo país. Mesmo não sabendo exatamente quem é “Bete do peso”, sua história de vida não passa despercebida e traz elementos dessa agência interseccional e da potência dessa mulher no campo esportivo a que pertence.

Após a participação de Bete em Sydney em 2000, houve uma lacuna de atletas nas edições olímpicas de 2004 e 2008. Apenas em 2012, em Londres, Jaqueline Ferreira, atleta da modalidade na categoria 75 quilos, consegue a vaga. Em 2016, novamente Jaqueline se classifica e agora tem como parceira de equipe Rosane Reis na categoria 53 quilos.

Assim, passaremos neste momento a interpretar a interseccionalidade de marcadores sociais da diferença nos percursos biográficos de quatro atletas olímpicas de gerações posteriores à de Bete, cuja narrativa será retomada no capítulo final, com vistas a interpretarmos possíveis modos pelos quais os processos de abjeção e resistência são redimensionados e reorientados pelas gerações.

5 INTERSECCIONALIDADE DE MARCADORES SOCIAIS DA DIFERENÇA NOS PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS DE MULHERES ATLETAS NO LP

Este capítulo centra-se nas reflexões das intersecções de alguns marcadores sociais da diferença expressos nos discursos de quatro atletas e uma ex-atleta de LP. Mais do que focar nas trajetórias de vida propriamente ditas, como no capítulo anterior, sobre nossa interlocutora, Bete, neste momento as narrativas autobiográficas serão abordadas na perspectiva aberta por Michel Foucault (2011b) quando discute a escrita de si como prática constitutiva das estéticas da existência. Pretendo explorar as chaves interpretativas da linguagem e da escrita como prática de relação renovada de si para consigo e também para com o outro. Para tanto, desejo problematizar as narrativas vivenciais constitutivas das próprias subjetividades e explorar a dimensão narrativa da experiência nos percursos biográficos de nossas interlocutoras, isto é, as maneiras pelas quais essas mulheres se constituem como atletas de LP e os desdobramentos em suas relações de sociabilidade, tendo em vista que “a narração de uma vida, longe de vir representar algo já existente, impõe uma forma e seu sentido à própria vida” (ARFUCH, 2007, p. 30).

Assim sendo, exploro os relatos autobiográficos produzidos na chave interseccional da busca pelas diferenças que interpelam nossas interlocutoras e fazem a diferença em suas relações de sociabilidade. De que formas os marcadores sociais da diferença gênero, geração, classe social e cor/raça se interseccionam nos processos de subjetivação dessas mulheres? De que maneiras elas constroem processos de resistência e agência em suas relações de sociabilidade? Tais questões farão parte de nosso processo de construção reflexiva e textual. Nesse sentido, cabe retomarmos o conceito de interseccionalidade em sua constituição histórica e suas apropriações nesta pesquisa.

5.1 INTERSECCIONALIDADE COMO POSSIBILIDADE INTERPRETATIVA NOS PERCURSOS BIOGRÁFICOS

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...). Ela não prevê orientações estanques e fixas para fazer a investigação sociológica (...). Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para olhar para

novas e frequentemente não ortodoxas formas de fazer análises feministas. A interseccionalidade não produz uma “camisa de forças” normativa para monitorar a investigação na busca de uma linha correta. Ao invés disso, encoraja a cada pesquisador (a) a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação sociológica reflexiva, crítica e responsável (DAVIS, 2008, p. 79).

A opção por utilizar os pressupostos práticos e teóricos da interseccionalidade reside, como citado acima, na busca pela ampliação das possibilidades interpretativas das narrativas das interlocutoras, bem como de nossa experiência no processo de pesquisa, em que a compreensão das formas como os diversos marcadores sociais da diferença se interconectam nos processos de subjetivação e agência de nossas interlocutoras em suas relações de sociabilidade, dentro e fora do campo esportivo do LP, apresentam-se como instigante processo.

Neste momento, cabe retomarmos aspectos históricos das disputas teóricas realizadas no campo feminista dos estudos interseccionais para compreendermos as diferentes abordagens sobre o conceito de interseccionalidade. O termo, cunhado inicialmente pela advogada, teórica e ativista feminista Kimberlé Crenshaw em 1989, tinha como preocupação explicitar o entrelaçamento de distintas formas de diferenciação e desigualdades sociais, notadamente as diferenças de gênero, raça e classe social. Contudo, tal proposta de se refletir sobre o entrelaçamento de diferenças na produção de hierarquias sociais já vinha sendo colocada em prática e era amplamente adotada por outras teóricas do *black feminism*³⁷ a partir de 1970 (HENNING, 2015).

Em 1981, Ângela Davis publica o livro *Women, Race and Class*³⁸, em que ela busca criticar a pretensa estabilidade da categoria mulher, alertando para a complexidade das articulações de outros discursos racializantes e classistas na construção das discriminações na sociedade estadunidense. Tal obra aponta para uma reformulação no campo dos estudos de gênero, em que não mais apenas as questões de gênero deveriam apresentar-se como relevantes na análise sociológica (DAVIS, 2016).

³⁷ O feminismo negro é um movimento que emerge na década de 1970 nos Estados Unidos da América e tem como demandas a não dicotomização entre as pesquisas sociológicas e os movimentos ativistas, bem como uma busca pela ampliação dos olhares sobre os processos discriminatórios, incorporando as demandas das mulheres negras, de classes populares e lésbicas, ou seja, em uma contraposição ao discurso feminista branco e heteronormativo (DAVIS, 2016).

³⁸ Essa obra foi traduzida e lançada no Brasil pela editora Boitempo em 2016 com o título: “Mulheres, Raça e Classe”. A obra utilizada nesse texto trata-se da versão traduzida.

Tais tensões epistemológicas no contexto de estudos pós-estruturalistas articulam-se com esse campo interseccional, potencializando a perspectiva de que o pessoal é político e o privado é também público. Assim, a complexidade das relações sociais de poder é ampliada e aprofundada, tendo em vista ser pouco comum um processo de diferenciação ou hierarquização social ser realizado com base em apenas um marcador social. Nesse sentido, trabalhos que hoje não acionem categorias interseccionais sobre “corpo, gênero, sexualidade, cor/raça e deficiência tornam-se restritos, quando não meros reificadores de universalismo, essencialismos ou de reducionismos objetificadores” (POCAHY, 2013, p. 73).

Entretanto, outro ponto relevante do conceito de interseccionalidade abordado nesta tese diz respeito a parte de algumas reflexões levantadas por Adriana Piscitelli (2008), em que a autora alerta para a necessidade de não se partir de categorias pré-estabelecidas no processo de análise sociológica, a fim de evitar a “evocação” do mantra gênero, raça e classe, caso tais categorias não interpelem os sujeitos da pesquisa. Para tal, faz-se necessário perceber quais são os marcadores sociais da diferença que emergem dos dados empíricos e, a partir desses discursos das diferenças percebidas pelas interlocutoras, buscar as reflexões com as categorias teóricas.

A proposta de trabalho com a categoria interseccionalidade é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata da diferença sexual nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo, para dar cabida às interações entre possíveis diferenças em contextos específicos. (PISCITELLI, 2008, p. 266).

Assim, em nossa pesquisa, as diferenças não foram tidas *a priori* como hierarquizações ou processos de abjeção. As interpretações sobre as formas como os marcadores sociais da diferença interpelam nossas interlocutoras e se tais processos performatizam abjeções e hierarquizações sociais em suas relações de sociabilidade foram centrais. Nesse sentido, como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão, “uma pergunta a ser feita é se a diferença remete a desigualdade, opressão, ou, ao contrário, se a diferença remete a diversidade, igualitarismo ou a formas democráticas de participação social” (PISCITELLI, 2008, p. 269). Assim, conceber gênero, geração, classe social, cor/raça e as demais formas de diferenciação social como categorias articuladas implica um esforço de “desnaturalizá-las” e contextualizá-las, recusando correlações rígidas e fixas entre características

físicas, de um lado, e atributos morais e intelectuais, de outro” (SCHWARCZ, 2012, p. 35).

Tal ponto remonta ao conceito de poder, central nos processos de diferenciação social. Ao partirmos de um conceito foucaultiano de poder, vislumbramos compreender os poderes para além das interdições e ou restrições nas relações sociais dos sujeitos, e sim, a produção dos sujeitos em suas dinâmicas. Em outras palavras, as teias de poderes que estamos a mirar nesse momento produzem os sujeitos em um processo contínuo de diferenciação, abjeção e agência, o que abre possibilidades de compreendermos tais mulheres como protagonistas de seus percursos biográficos, e não apenas como resultado de processos históricos de “dominação”, dentro e fora de sua modalidade esportiva. Nessa perspectiva, a agência interseccional de nossas interlocutoras é central nos processos de subjetivação que nos propomos a interpretar.

5.2 EXPERIÊNCIAS CORPORAIS ESPORTIVAS INICIAIS NOS PERCURSOS BIOGRÁFICOS, ATRAVESSAMENTOS DE GÊNERO E CLASSE SOCIAL

Nossas interlocutoras trazem em suas narrativas a memória das experiências corporais esportivas em suas infâncias, caracterizando-as como constituintes importantes para seus processos de ampliação de suas relações de sociabilidade e futura aproximação com o LP. Bete, como narradora inicial desta pesquisa, relembra sua passagem por diversas modalidades esportivas, marcadamente pelas provas de pista do atletismo na década de 1980, como amplamente desvendado no capítulo anterior. Jaqueline Ferreira, Rosane Reis e Helena possuem trajetórias semelhantes à de Bete no que se refere à escolha pelo atletismo como modalidade praticada e privilegiada anteriormente ao LP. Naquele momento, Jaqueline priorizou as provas de campo, como arremesso de peso, e Rosane e Helena, as provas de pista, como as corridas de velocidade, assim como Bete.

Eu fui nascida e criada em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, na baixada fluminense do Rio de Janeiro com um pai, mãe e uma irmã, muito rodeada por familiares sempre, e na família não tinha nenhum atleta ainda nem essa cultura esportiva. Eu sempre gostei muito de esporte, mas infelizmente nos colégios públicos que eu estudei não era muito incentivada a prática. Até conheci uma professora de educação física no ensino fundamental que organizou campeonatos mesmo sem quadra, sem condições. Ela fez uma olimpíada interna na escola, selecionou os melhores e levou para a vila olímpica aqui de Duque de Caxias para competir os jogos estudantis. Eu acho que isso foi em

2000 ou 2001. Nessa competição na vila olímpica de Duque de Caxias eu me destaquei em duas modalidades, que foram o lançamento de pelotas, que eu era infantil ainda e nos 400 metros rasos, e com isso eu fui convidada pelo técnico do atletismo para treinar. Daí fiz atletismo por 2 anos e meio e aí eu conheci o levantamento de peso (LP) por conta de uma outra atleta que treinava atletismo também na vila olímpica de Caxias. (Jaqueline, 33 anos).

A minha infância foi toda dentro dos esportes, pois na época que eu comecei a estudar a minha escola tinha aquele projeto esportivo, de atletismo, futsal, vôlei. E daí eu sempre me interessei por todos os esportes. De início eu me destaquei no atletismo e no basquete. Eu até que me interessei bem pelo basquete, mas como eu não tinha altura eu não continuei. Eu continuei mais foi no atletismo. Ai, no decorrer do atletismo é que eu conheci o levantamento de peso (LP). Eu passei pelo atletismo e depois fui para o LP. (Rosane, 33 anos).

Bom, eu tive como exemplo na minha infância minha irmã, que sempre foi atleta. E desde muito jovem ela sempre gostou de ginástica olímpica e eu tive como referência no mundo do esporte foi ela. Eu comecei na capoeira, fiquei alguns anos fazendo capoeira, mas nada muito profissional, como ela não é um esporte olímpico não tinha como desenvolver [...]. Daí eu e minha irmã passamos por uma parte do atletismo ali no Célio de Barros e eu me interessei pelo atletismo, aí a minha mãe ficou feliz e falou que “já que eu teria que levar minha irmã para os treinos, eu podia ficar lá fazendo o atletismo, daí quando acabarem os treinos vocês se encontram e voltam para casa”. Daí minha mãe me levou lá e me apresentou para a treinadora do atletismo, que sempre trabalhava com a iniciação das crianças, principalmente crianças oriundas de projetos sociais, de comunidades que cercavam o Maracanã, e ela já fazia esse trabalho social. (Helena, 23 anos).

O que percebemos nas narrativas de nossas interlocutoras é que elas pertenciam às classes populares de suas cidades e, no caso das atletas mais jovens, suas experiências esportivas foram realizadas nas escolas públicas onde estudaram, bem como em projetos sociais esportivos, sendo esses últimos, espaços pedagógicos historicamente recentes e que geralmente estão atrelados a alguma política pública governamental no setor esportivo. Tais iniciativas pedagógicas no campo esportivo tinham como fator relevante a gratuidade e o acompanhamento técnico, o que determinava a continuidade das experiências de nossas interlocutoras, visto a impossibilidade de arcarem com os custos de escolinhas esportivas privadas. Naquele momento, o início nas modalidades antes do LP, seja ela atletismo ou outra prática corporal, foi mediado por agentes facilitadores relevantes em suas trajetórias esportivas, em que os familiares ocuparam centralidade por tais estímulos à prática esportiva.

Nesse grupo de três atletas, podemos perceber uma convergência na visão de mundo e nos discursos mediados pelo marcador social da diferença classe social. Apesar de possuírem recursos financeiros escassos naquele momento, todas fazem emergir significados da construção de um projeto biográfico via esporte (VELHO, 2013; 2004; 1994), que iria tornar-se possível a partir da ampliação de suas experiências nos esportes e a dedicação integral às modalidades. Tais elementos da construção desse projeto naquele momento vão no sentido da percepção, mediada por agentes facilitadores, que o campo esportivo poderia ser um meio de ascensão social mediante a possibilidade em receber treinamentos sem custos e buscar alguma forma de remuneração, sejam eles através de bolsas financeiras e de estudos destinadas a atletas, ou incentivos via premiações.

E nisso eu tive oportunidade, por conta do atletismo, de ser bolsista em um colégio particular e eu era bem dedicada, acho que até mais que hoje em dia na questão dos estudos. Para mim foi um sonho realizado estudar em um colégio particular, pois meus pais não podiam pagar um colégio particular, e na época era uma bolsa em um colégio particular para eu ser atleta de atletismo e estar competindo, daí eu representava esse colégio particular nas competições e eles me davam uma bolsa de 100%, então eu comecei a partir daí no esporte olímpico, só que como já dá para imaginar eu não levava nenhum jeito para o negócio, com relação à parte física eu era muito baixa, muito magrinha e não tinha futuro nenhum no atletismo. (Helena, 23 anos).

Na época, no atletismo, eu recebi 80 reais, e esses 80 reais era muito raro a gente ganhar. Daí eu tirei 40 reais para mim e os outros 40 para minha mãe pra comprar as coisas dentro de casa. Só que chegou um período que a gente não estava ganhando mais nada, e aí nesse período eu comecei a ir para o levantamento e aí eu consegui ganhar 300 reais, e aí já deu uma boa ajuda. Eu consegui ajudar muito mais dentro de casa, e aí foi esse dinheiro mesmo que me motivou a começar no LP, pois eu consegui ajudar mais a minha mãe dentro de casa. Nessa época todos meus irmãos ainda estavam dentro de casa. Na verdade, sendo bem sincera, foi uma coisa que me desafiou muito, mas uma coisa que me motivou que, em menos de 1 ano eu já consegui viajar pra fora, fui medalhista de prata no sul americano e aí foi que eu consegui ganhar um dinheirinho pra ajudar minha mãe. (Rosane, 33 anos).

Apesar de elas não terem permanecido no atletismo, foi a partir dessa modalidade que houve o início das experiências mais intensas no campo esportivo e no LP. Naquele momento, as transformações corporais de *performance* que o atletismo proporcionou impressionaram treinadora e treinadores, que perceberam possíveis destaques em suas *performances* corporais a serem realizadas no LP. Nesse sentido, elas

se movimentam nas modalidades, inicialmente operando estratégias de resistência mediante obtenção das ajudas financeiras que a experiência esportiva poderia proporcionar, mesmo que tal recurso fosse incerto, ele representava a possibilidade de treinar e vislumbrar uma carreira que começava a se desenhar.

Luana, única atleta a migrar do *crossfit*, expõe que sua entrada no LP, inicialmente despreziosa, configurou-se em oportunidades de competir no alto rendimento, visto que sua evolução na modalidade foi, segundo ela, muito rápida:

Me falaram sobre o LP na UFMG. O meu treinador dava treinos lá, que foi meu primeiro treinador. Daí eu fiquei interessada, mandei um *e-mail* para ele. Mas na época foi sem pretensão nenhuma em competir. Eu queria ir para melhorar no *crossfit*. Eu procurei o LP para melhorar no *crossfit*. E aí eu fui lá e ele gostou muito de mim. Depois de uns 3 treinos eu já fui pra minha primeira competição, eu fui pro brasileiro de 2013. Aí, quando eu cheguei na competição e vi o pessoal treinando, as meninas novinhas também que treinavam, a Emily, Natasha, a Monique. Daí eu vi que elas levantavam muito peso e eram novinhas. Daí eu me interessei. O treinador me recebeu muito bem e me colocou dentro do esporte mesmo, muito rápido. Tanto que eu peguei medalha em campeonato mundial com 1 ano de treino na categoria até 49 quilos. (Luana, 22 anos).

A partir de suas inserções e resultados expressivos, todas narraram ter conseguido auxílios financeiros via bolsas atleta e premiações, que foram relevantes nas dinâmicas financeiras de suas famílias. Sobre esse contexto, Bete apresenta que houve mudanças significativas no que se refere às possibilidades de mobilidade social a partir da ampliação da dedicação ao LP das gerações mais jovens comparadas com a sua:

Com 18 anos eu comprei um carro, com 19 eu comprei uma casa e eu era uma menina muito ambiciosa, eu tinha muitos sonhos e todo dinheiro que eu ganhava com esporte eu juntava, com a ajuda de meus pais lógico, e investia. Eu fazia totalmente o contrário que a maioria das meninas da minha idade na época, e foi assim que eu iniciei no LPO. (Helena, 23 anos).

A diferença maior que eu percebo nessas novas gerações é que elas têm meios muito mais elevados que os meus. Eles têm a bolsa atleta do Governo Federal, tem a Petrobrás, tem o Governo Estadual, Governo Municipal. Então esse atleta tem uma quantia de dinheiro nas mãos que ele não tem que reclamar de nada em termos de alimentação, ele tem tudo, do bom e do melhor para se alimentar bem. Caso tenha uma lesão, ele tem também estrutura médica e de fisioterapia, nutrição, dentista. [...]. (Bete, 63 anos).

Um dos pontos centrais na geração de Bete era a impossibilidade em ter algum retorno financeiro na modalidade por conta do momento histórico, em que, mesmo

fazendo parte da seleção brasileira da modalidade de 1990 a 2000, Bete necessitava trabalhar em outros locais para subsistir, mesclando tal atuação com sua carreira de atleta. Apesar de as premiações em dinheiro fazerem parte daquele contexto, eram escassas e insuficientes para que o LP fosse a única atividade remunerada. Notamos que a possibilidade da dedicação integral e o apoio institucional foram ampliados para as gerações subsequentes de atletas no LP, como narrado por nossas interlocutoras. Tal fato proporcionou uma imersão exclusiva na modalidade e ampliou os projetos de carreira vislumbrados por elas.

Aqui notamos outro ponto relevante, que foi a escolarização mediante bolsas de estudo, seja no ensino formal básico ou o superior. Esse processo é elemento fundante de agência nesse contexto para essas mulheres e faz com que tais discursos de abjeção mediados pela classe social sejam subjetivados por elas, em contraposição aos possíveis desdobramentos de suas carreiras; em outras palavras, apesar do sofrimento causado, ser atleta e buscar o êxito esportivo e financeiro apresenta-se como relevante em seus processos identitários.

Assim, todas as interlocutoras da pesquisa mencionam a dedicação em dar continuidade aos estudos e realizar seus cursos superiores a partir dos recursos financeiros obtidos no LP. Jaqueline e Rosane são graduadas em Educação Física em instituições privadas e foram bolsistas nesse processo, sendo que Rosane cursa atualmente a graduação em Fisioterapia. Luana e Helena são graduandas em Administração e Educação Física, respectivamente.

Nesse momento, percebo que o marcador “escolarização” apresenta-se como relevante marcador de diferença para nossas interlocutoras. Os processos de entrada nesses espaços escolares mediante a identificação como atleta de alguma modalidade ocorrem tradicionalmente nesse período histórico nas cidades dessas atletas, em especial no Rio de Janeiro. A partir dessas oportunidades, tais estratégias de inserção nesses espaços se apresentam como forma de ampliar o capital cultural, bem como viabilizar outros projetos individuais com o auxílio do esporte.

Assim, e subjetivadas em processos de sofrimento por conta dessas diferenças de classe e das hierarquizações que esses processos promoveram em suas trajetórias, essas mulheres se lançam na busca pela dedicação integral ao LP. Entretanto, o início das experiências na modalidade foi imerso por discursos de suspeição de suas

feminilidades, processo transversal nas trajetórias de vida do grupo de interlocutoras, como podemos acompanhar nas narrativas abaixo:

Quando eu entrei no LP as pessoas se chocaram um pouco, a família foi meio contra, acharam que era um esporte para homem, que o corpo ia ficar masculinizado e outros mitos mais que existiam na época. Foi um pouquinho difícil, mas conforme o esporte foi aparecendo um pouco mais eles foram vendo que não era nada daquilo que eles pensavam, daí foi melhorando a situação. (Jaqueline, 33 anos).

Em questão na época eu não tive nada demais, pois o correr é coisa mais normal. Minhas provas eram de pista, eu era velocista e fazia corrida com barreira também, revezamento. E aí era uma atividade normal e minha mãe gostava, pois eu estava nos lugares certos e sempre treinando, pois para minha mãe era bom. Quando eu fui para o levantamento eu sofri algumas críticas, falavam que meu corpo ia ficar masculino, que eu ia ficar igual homem, essas questões assim de pessoas que não conheciam o esporte. Aí eu tive bastantes críticas assim. Quando eu falava que fazia LP falavam que eu ia quebrar minhas costas e ia me lesionar toda, essas coisas. Quando a gente começa a fazer, percebe que não é nada disso. (Rosane, 33 anos).

Eu fiquei ainda um tempo nesse primeiro colégio particular até eu trocar de colégio, e nessa época eu já era atleta de LP. Só que meus amigos eram do atletismo. Caminhando para o terceiro mês quando as coisas na parte financeira e social começaram a se elevar e eu comecei a fazer as viagens internacionais, comecei a conhecer outros países e a competir, e ser bem-sucedida no esporte, os meus amigos passaram a não apoiar mais e começaram a fazer *bullying*. Na época eu lembro que eu fiquei uns meses sofrendo *bullying* nesse colégio, aí eles usavam de questões que eles achavam que era um esporte masculino, faziam piada, falavam que eu não teria futuro, que aquilo não era legal, até que chegou num nível que eu parei de falar com eles. Daí no colégio, eu já tinha 16 anos, eu lembro que tinha um grupo de amigos bolsistas, que tinham mais afinidades com alunos bolsistas, nesse colégio era basicamente assim, poucos eram os alunos que tinham amizade com outros alunos que não eram bolsistas e eu fiquei muito deslocada até conseguir fazer amizade com outros jovens da minha idade, e eu sofri muito com relação a amizades até eu trocar de colégio, as coisas melhorarem e eu ver outra realidade. (Helena, 23 anos).

Novamente as narrativas nos remetem aos modos de subjetivação em suas trajetórias, em que diferenças de gênero e classe se entrecruzam nos processos de abjeção de nossas interlocutoras. Esses espaços de relações de sociabilidade, seja familiar ou dos amigos, apresenta-se como lócus de estigmatização para Jaqueline e Rosane, o que demonstra convergência com boa parte das histórias de vida das demais atletas em momentos históricos distintos.

Paralelamente, Helena narra as experiências de abjeção em sua trajetória escolar, mediadas pela coerção das normas corporais e de classe social. Ser bolsista em um colégio privado e atleta em ascensão de uma modalidade pouco conhecida e historicamente direcionada aos homens eram os pilares dos processos de abjeção construídos em suas relações nesse contexto. Assim, a abjeção se refere ao espaço ao qual aquela coletividade a relegou, por considerá-la uma ameaça ao seu “bom funcionamento” e à “estabilidade social” daquele grupo. Segundo Kristeva (1982, p. 4), “o abjeto não é simplesmente o que ameaça a saúde coletiva ou a visão de pureza que delinea o social, mas, antes, o que perturba a identidade, o sistema, a ordem”.

Nesse sentido, e retomando os processos de abjeção narrados por nossas interlocutoras mediante a categoria nativa “masculinização” de seus corpos via experiências no LP, nota-se que os grupos de sociabilidade dessas atletas são o lócus privilegiado para a construção dessa abjeção, bem como da resistência a tais discursos, em que familiares e amigos são “confrontados” por falas ou silêncios e são levados a “reduzir” a coerção à medida que percebem a determinação das interlocutoras.

[...] as vezes as pessoas falam “você, pequenininha, mulher, levantando peso, sei não”, ficam achando que é coisa de homem, mas eu acho que não tem nada a ver e eu vi que era uma coisa ruim que a pessoas estavam falando pelo tom delas comigo. As meninas no LP são bem femininas, fazem faculdade, já viajaram para um monte de países, estudam, tem conhecimento, falam bem. Muitas coisas que talvez as pessoas que são de outro mundo e que não fazem esportes estão perdendo. (Luana, 22 anos).

Daí eu aceitei e comecei a treinar, e ela era totalmente o contrário do que eu imaginava. Eu imaginava que as atletas de LP eram totalmente masculinizadas e a namorada dele era muito feminina, então quebrou esse pré-conceito que eu tinha, esse conceito mal formulado do esporte e conforme o tempo foi passando eu fui me apaixonando, fui crescendo, fui amadurecendo, fui tendo oportunidades financeiras para me desenvolver, fazer investimentos. (Helena, 23 anos).

As narrativas de Luana e Helena deixam transparecer que as próprias atletas foram subjetivadas a estigmatizar as experiências de atletas de LP em suas trajetórias. A categoria nativa “masculinizadas” apresenta a abjeção de corpos que tensionam a barreira cultural do binarismo de gênero e, ao distender tal linha discursiva, estariam posicionados perigosamente do “lado masculino”, o que seria inconcebível para mulheres “normais” (PRECIADO, 2004). Tais posicionamentos “desviantes” trazem suspeição também, e, sobretudo, às sexualidades de tais mulheres na medida em que, ao

tensionar a linearidade do sistema cultural sexo-gênero-sexualidade, tais corpos estariam propensos a desestabilizar normas da heteronormatividade (DORNELLES, 2014; CAMARGO, KESSLER, 2017).

Essa interpretação dos corpos de mulheres que performatizam outras possibilidades corporais e feminilidades está no cerne da abjeção mediada pelo marcador social gênero, em que ele se articula com outros marcadores sociais da diferença. A norma, ao estabelecer os limites da inteligibilidade dos corpos a partir de significados do que seja “ser homem” ou “ser mulher” em um determinado tempo histórico, priva os sujeitos de perceber a multiplicidade de feminilidades e masculinidades possíveis, à medida que relega tais corpos ao território da dissidência e da abjeção.

Em chave teórica semelhante, Dornelles (2013) e Dornelles e Pocahy (2014) interpretaram as interseções dos marcadores sociais da diferença gênero, sexualidade e região na compreensão de processos de abjeção dos corpos de alunas (os) nas aulas de educação física no interior baiano. Cabe pontuarmos que, de forma semelhante, tais marcadores trazem esse movimento de sofrimento e resistência na trajetória desses sujeitos, transparecendo a pluralidade da interpelação das hierarquizações sociais.

Ampliando nosso olhar nesse momento, cabe problematizarmos a multiplicidade de estéticas corporais possíveis para as atletas de LP no que se refere ao volume corporal e muscular, expressos nas diferenças de força e potência, sendo que essas últimas se apresentam como elementos subliminares que podem ser observados apenas nas *performances* esportivas. De outra forma, o volume corporal e o muscular são visíveis e variam de acordo com a categoria de peso da atleta, que pode ir de 45 quilos a mais de 87 quilos. Nossas interlocutoras estão posicionadas nas categorias 49, 53 e 75 quilos e narram dilemas nesse sentido:

Hoje em dia eu não percebo muito, geralmente quando eu falo as pessoas nem acreditam que eu faço LP. Geralmente quando me perguntam que esporte eu faço eu peço para adivinharem e elas falam boxe, futebol, basquete, vôlei, menos o LP. Aí quando eu falo que é o LP as pessoas falam: “Mas você é tão magrinha!” E aí as pessoas aceitam de boa, elogiam meu corpo, falam que achavam que as meninas do LP eram masculinas e vem que o corpo não é. Tem esse lado e é bem legal. Mas tem várias categorias, que vão desde os 49 quilos até mais de 87 quilos, e aí dentro dessas categorias cada uma tem sua estética. (Rosane, 33 anos).

Com certeza eu acho que era por conta de desconhecimento das pessoas, ignorância da população em achar que a musculação poderia,

como diziam antigamente? Que ia arriar o útero, a bexiga, que ia estourar a coluna, essas coisas assim. Por ignorância lógico, e por eles associarem a modalidade a outras que não tem nada a ver com o LP, principalmente o fisiculturismo. Quando viam aquelas mulheres masculinizadas e enormes. Eu acredito que seja esse era o maior medo das pessoas. (Jaqueline, 33 anos).

Eu acho que o ser humano pode fazer o que quiser e isso não vai interferir no seu corpo, no seu jeito de ser mulher. Isso não vai interferir a menos que você queira isso, vai mais por uma decisão pessoal do que para um estigma do esporte. O esporte não faz isso pra pessoa. É a pessoa que escolhe ou não. Eu tenho encontrado muitas meninas que não deixam de se maquiar para competir, que quando estão no fim de semana de folga continuam com as coisas que gostam de fazer. Isso não vai interferir. Eu diria para as mães, pros pais principalmente, que não vai interferir, a não ser que a pessoa que está fazendo queira que interfira. Tome a decisão de que vai interferir, é questão de decisão das pessoas. (Helena, 23 anos).

Cabe pontuarmos que há um movimento de mudança na visão sobre tais corpos previamente estigmatizados por elas à medida que se iniciam as experiências no LP. Para refletir sobre esse ponto, retomo o uso dos processos de desidentificação de estigma (GOFFMAN, 1988), em que os esforços para “disfarçar”, “negar” e “ressignificar” os elementos do estigma e da abjeção fazem parte constitutiva dos modos de subjetivação dos sujeitos que adentram tais espaços de abjeção. Reafirmar que os corpos das mulheres do LP são “torneados”, “atleticos”, e que as atletas são “femininas” por buscarem se maquiar e utilizarem outras técnicas de embelezamento são algumas das estratégias de desidentificação. Tais processos foram descritos por Fernandes *et al.* (2015) em seu trabalho com lutadoras de boxe e artes marciais mistas. Em chave interpretativa semelhante, Sibilia (2011) e Debert (2011; 2012) trazem os modos como uma multiplicidade de tecnologias de rejuvenescimento são utilizadas a fim de atenuar marcas corporais do envelhecimento em mulheres, que seriam estigmas a serem desidentificados.

Noto, pois, que tais processos de desidentificação se apresentam como estratégia de agência em que nossas interlocutoras buscam passar “despercebidas” pelos grupos de sociabilidade que até então as interpelavam, ou mesmo não acionar tais elementos para outros grupos, o que faz parte desse processo performativo da busca por uma feminilidade normalizada em seu cotidiano. Mas até que ponto tais processos são reordenados geracionalmente? Passaremos neste momento a refletir sobre os modos

como o marcador social da diferença geração se articula com outros marcadores nas narrativas dessas atletas.

5.3 INTERSEÇÕES GERACIONAIS E DE GÊNERO NO CONTEXTO DO LP

Resistir a processos e abjeção faz parte dos modos de subjetivação de nossas interlocutoras como podemos notar em suas narrativas. Entretanto, a dedicação ao LP e as experiências realizadas nesse campo esportivo entre as várias gerações de atletas trazem elementos importantes na reafirmação dessas “identidades de atleta” de LP: o pertencimento a um grupo de sociabilidade que acolhe e apoia o projeto individual, que inúmeras vezes se ressignifica em projeto coletivo, ou, nos termos de Wacquant (2002), segundo o qual há a construção de um “espaço protegido de sociabilidade”, prioritariamente intergeracional, que estabelece uma rede de sujeitos com propósitos convergentes.

Na verdade, eu faço parte da segunda geração, porque eu comecei o levantamento na época que a Elizabete estava se aposentando, então ela é da primeira geração e eu basicamente sou da segunda geração. Estou aí há 16 anos no esporte, então eu me considero dessa segunda geração. Eu me dou super bem com todos os atletas, os antigos e os atuais, mais jovens. Até porque eu estou entrando para o mercado de treinadoras, daí eu preciso me dar bem com elas, na verdade eu já trabalho com o Dragos nessa parte, auxiliando ele com os treinamentos, e também eu estou no meio deles treinando, a nossa relação é muito boa. Também com o pessoal antigo, a própria Elizabete, a gente se dá muito bem. Sempre quando a gente se encontra em uma viagem ou em um campeonato a gente conversa. Ela é uma mulher muito guerreira, muito simpática, tem uma história muito bonita dentro da modalidade e o máximo respeito por ela que foi a primeira e sempre será lembrada na história do levantamento feminino. (Jaqueline, 33 anos).

Nós somos da segunda geração do LP e eu acho que eu sou muito bem vista pelos atletas mais jovens. Eles me pedem dicas, pedem correções, dicas de exercícios. Eles me mandam mensagens, mandam vídeo pedindo ajuda. Isso pra mim é muito importante em saber que eu tenho essa credibilidade com elas, e saber que elas acreditam no meu trabalho. Hoje eu já não atuo apenas como atleta, mas como treinadora também e futuramente fisioterapeuta (riso). Fico muito feliz por elas me considerarem. Eu adoro ajudar, adoro fazer isso. (Rosane, 33 anos).

Eu treinava no Rio e era estudante de projeto social. [...]. A minha relação com as crianças nessa época que eu treinei lá era ótima, eu praticamente amava. Eu gosto muito de crianças, muito de jovens e sempre que eu conseguia conversando, estar aconselhando, não só

com relação à criança ser atleta, mas com relação às tomadas decisão e a se desenvolver. Eu sempre estava ali naquele meio. Até doeii pares de botas que eu tinha. Eu fiz tudo que eu podia, e queria ter uma parte financeira muito maior para poder ajudar mais se pudesse, acho que seria fantástico. Eu pretendo até montar no futuro um centro de treinamento para ajudar as crianças do meu bairro. Era maravilhoso nessa época e eu particularmente gostava muito da convivência e gostava muito da convivência com os mais jovens, que estavam se descobrindo atletas do que das pessoas que já tinham um tempo considerável no esporte. Pois já eram pessoas que já tinham suas limitações por conta de acharem que não poderiam chegar onde queriam e os mais jovens, muitos já estavam frustrados. Para mim era muito difícil escutar as mesmas coisas, pois eu já tinha visto que era possível e eu estava muito entusiasmada. Eu escutei durante muito tempo que a categoria “adulto” era muito difícil, que a gente não conseguiria grandes resultados, então eu gostava mais de conversar com os mais jovens que ainda não tinham essas questões na mente e incentivar. Para mim foi bem legal. Isso no projeto que eu treinava. Minha convivência com os atletas da seleção era muito boa. (Helena, 23 anos).

Sobre o conceito de geração aqui utilizado, Mannheim (1993; 1982) e Bourdieu (1983) ressaltam o seu aspecto relacional e historicamente situado; assim, os sujeitos apresentam um pertencimento mútuo a anos de nascimento próximos, partilham aspectos simbólicos e se relacionam com outros sujeitos de gerações distintas, construindo seu tempo histórico. Nessa conceituação, a categoria “geração” é configurada em três matizes: posição geracional, unidade geracional e conexão geracional (MANNHEIM, 1993; 1982), que, a partir de sua análise em conjunto, expõe os aspectos dinâmicos, instáveis e contínuos das mudanças geracionais na contemporaneidade.

A posição geracional é compreendida como a possibilidade dos sujeitos, por convergirem em uma geração, de partilharem experiências comuns. Não basta ter nascido em uma mesma época: o que expõe uma posição geracional comum é a possibilidade de vivenciar e significar de forma semelhante às experiências em um determinado tempo histórico. A unidade geracional apresenta-se como convergências das experiências concretas dos sujeitos, que podem se aproximar com relação à faixa etária e atuam nos processos de constituição de grupos sociais concretos. Já a conexão geracional pressupõe um vínculo concreto entre sujeitos pertencentes a posições geracionais semelhantes ou diferentes.

Uma conexão geracional se constitui através da participação dos indivíduos que pertencem à mesma posição geracional, ou de posição geracional distinta, em um destino coletivo comum assim como da

partilha de significados que estão relacionados de alguma forma. (MANNHEIM, 1982, p. 87).

Enfim, nota-se nessa conceituação que as idades cronológicas dos sujeitos, central nas análises sociológicas geracionais, compõem o conjunto de aspectos subjetivos de partilha simbólica em suas experiências. Assim, as relações geracionais do nosso grupo de atletas dizem respeito aos modos como cada uma, a partir de suas posições geracionais e nas conexões geracionais construídas no contexto do LP, partilham, convergem, conflitam e são subjetivadas nestas experiências.

A relação é supernormal, cada um tem seu espaço e eu não noto essa concorrência homem e mulher, então não tem esse lance de um pegar a vaga do outro, o lugar do outro, então a relação é muito boa com os homens também. O nosso treinamento geralmente é o mesmo, não tem nada direcionado para meninos e meninas. Tem cargas diferentes, mas há porcentagem em cima do que cada um pode fazer. Pelo menos eu nunca presenciei nada com relação a isso. (Jaqueline, 33 anos).

Bem, eu não noto que haja isso. Os atletas de LP em si, por muitos motivos que eu não posso falar infelizmente, mas por terem levado tanta pancada da vida, das questões do esporte dentro do próprio LP, se tornaram muito unidos, mesmo que não tenham tanta convivência e afinidade. Então não rola muito isso nas competições, quando a gente viaja, pelo contrário, quando acontece alguma coisa que pode prejudicar um ou outro, todos procuram se comunicar entre si para se ajudar. Eu acho que muito legal isso na comunidade do LPO. (Helena, 23 anos).

Nesse sentido, as conexões geracionais estabelecidas pelas interlocutoras nos locais de treinamento e competições vão ao sentido da ajuda mútua necessária entre as atletas, em que há relações entre homens e mulheres de variadas posições geracionais. Apesar das diferenças de gênero existentes, há uma identificação por posições de classe e geração que estabelecem essa “união” dos grupos de atletas no LP. Essas conexões geracionais construídas no contexto do LP emergem e são mediadas pelo desejo das interlocutoras na continuidade do trabalho nas equipes da modalidade, em que elas demonstraram dar relevância aos agentes facilitadores em seus percursos biográficos e projetam atuar de forma semelhante. Tais desejos de continuidade e ampliação da agência facilitadora para as gerações mais jovens de atletas são transversais em nossas interlocutoras, como podemos notar em suas narrativas:

Um grande sonho que eu tenho e que gostaria de colocar em prática, mas que não depende só de mim era formar outros treinadores, porque não adianta eu e o professor Davi morrermos e não passar o conhecimento para frente, o esporte não vai crescer. Eu tinha vontade de formar essa equipe que era o sonho do professor Davi. Ele

chamava de equipe volante, que seriam treinadores formados por nós e que iriam atuar e ser pagos pelo governo estadual ou municipal. Primeiro formava nos grandes centros, depois iriam para os municípios do interior, e daí ia crescendo. Esse é um sonho que eu tenho, mas eu acho muito difícil. Outro sonho seria eu montar cursos de LP com palestras que eu iria dar para estudantes de educação física, independentemente de eles serem treinadores no futuro, que seria um treinamento de base para LP ou *crossfit* para que as pessoas não tivessem lesões, assim como eu não tive. O *crossfit* lesiona muitas pessoas por conta da falta de base dos praticantes. O problema não é o *crossfit* e sim a falta de base do pessoal que pratica, e eu posso dar essa base. Não importa a idade para fazer o LP, todos podem fazer, mas com a base certa. (Bete, 63 anos).

Uma coisa que eu quero implementar, já que eu tive a oportunidade de treinar com um treinador, com outro, ser atleta e ter tido muitas lesões. Eu tive muitas experiências que me fizeram enxergar muitos fatores que, quando eu observo um movimento de um atleta, eu consigo identificar que pode não ser uma deficiência técnica e sim início de lesão. Hoje eu tenho esse olhar, e é onde eu quero trabalhar junto com os atletas nessa parte de preparação como treinadora. O curso de fisioterapia tem me ajudado muito também, além dos cursos que eu tenho feito de postura, que é muito, muito importante para os atletas. E isso é uma coisa que eu não tinha antes e hoje, como eu estou tendo essa bagagem, eu gostaria de passar para os atletas para eles não terem as lesões que eu tive por falta de informação. (Rosane, 33 anos).

Minha vontade é abrir um *box* de *crossfit* e fazer que ele dê certo através de parcerias, *marketing* e fazer um projeto social auto sustentável para poder ajudar essas crianças que vem de comunidades mais complicadas, ajudar as próprias crianças aqui do meu bairro a ter uma profissão. Acho que esse é meu maior sonho. Claro que se eu pudesse ter uma futura contratação também como técnica, mesmo com as dificuldades que isso representa hoje. Para mim seria muito melhor estar trabalhando diretamente em um centro de treinamento de LP. Eu não tinha essa ambição até meus 21 anos, pois eu não enxergava que tinha essa possibilidade de trazer as crianças do sub 17 e sub 20 para a fase adulta com honras, mas hoje como eu vejo que existe essa possibilidade, que não é impossível, pra mim esse é um grande sonho profissional. (Helena, 23 anos).

A ampliação das experiências no LP para um número cada vez maior de jovens apresenta-se como estratégia de resistência, visando à continuidade dessas mesmas experiências, sobretudo para as mulheres. Nesse contexto, a visibilidade das *performances* das atletas de LP de nossa pesquisa se faz relevante e vem sendo reorientada no decorrer das gerações de atletas. Bete obteve tal visibilidade após seu retorno dos Jogos Olímpicos de Sydney, momento em que uma diversidade de matérias em mídias impressas e televisivas foi produzida, ressaltando os aspectos de “superação” vividos por ela em sua trajetória, em que o foco na atuação como lavadeira de roupas

era central. Para além dessa visibilidade, tais discursos midiáticos demonstraram trazer elementos da abjeção que Bete sempre buscou ressignificar.

Mas o maior pré-conceito para mim foi mesmo quando eu fui campeã, aí começou a divulgação da mídia, e a globo é muito sensacionalista, principalmente quando eu fui para Sydney, fizeram uma matéria comigo falando que eu era uma lavadeira, essas coisas. Aquilo ali eu acho que tocou as pessoas, mas eu não gosto muito disso de sensacionalismo, ou é ou não é, eu estou ali porque eu gosto, não porque eu sou uma “coitadinha” que saiu de um tanque de lavar roupa. Porque se eu levantei o peso eu mereço ir porque eu levantei o peso e pronto. (Bete, 63 anos).

Tais abordagens, apesar de ainda fazerem parte do formato de alguns discursos midiáticos, foram sendo atenuadas nas demais gerações de atletas. O que podemos perceber é o exotismo dos corpos e as *performances* dessas mulheres atletas, aspectos que são normalizados quando abordados para os homens, mesmo que, ainda sim, rodeados de significados extraordinários.

Sim, eu acho que há muita diferença. Como eu te falei quando eu fui lá competir nas olimpíadas era só o Fernando, parecia que só o Fernando tinha aquela possibilidade de ganhar medalha, e quando viram o meu resultado acordaram que as mulheres poderiam chegar também e as mulheres têm condição. Hoje, os maiores públicos de atletas são de mulheres, e quando você chega às competições pode ver que as categorias mais cheias são as femininas. Tem muita mulher competindo. As mulheres estão se destacando muito no LP. Eu acho que tem essa diferença da mídia porque eu acho que como os homens conseguem levantar mais carga se torna mais bonito numa transmissão e no olhar do público de fora. Quando vêm as mulheres acham que elas são frágeis e que não vai conseguir levantar. Quando as pessoas me chamam para fazer alguma apresentação elas acham que eu vou levantar pouco peso, e quando eu faço o movimento as pessoas ficam assustadas, falam: “mas como assim? Que facilidade”. As pessoas não têm ainda essa visão, não tem essa visibilidade na mídia, da mulher levantando peso na mídia. Geralmente quando tem alguma apresentação é sempre um homem levantando peso e nunca uma mulher. Parece que para o homem é normal e pra gente é exótico. Quando me convidam para alguma apresentação. A maioria das pessoas que convidam são as mulheres. E aí quando elas me vêm levantando elas pensam que as mulheres podem sim fazer. Daí elas falam: “se até a Rose faz que é magrinha, eu também posso fazer”. Daí a gente consegue chegar nesse público feminino. Isso que eu percebi durante minhas apresentações, quando é um homem parece que é normal, mas quando é uma mulher causa mais espanto. (Rosane, 33 anos).

A isso sim, por exemplo o Fernando Reis, por ele ser um homem de muito peso, muito alto, é bonito de se ver. É diferente você ver uma

mulher levantando 100 quilos e ver um homem daquele tamanho levantar mais de 200 quilos, vamos concordar que é muito impressionante. Então causa um impacto maior. Acaba que é sim, na mídia sendo mais destacada a parte masculina. As pessoas comuns não se imaginam levantar mais de 200 quilos acima da cabeça. Imagina, para a gente que é do esporte já fascina, imagina para quem é de fora. O feminino também é fascinante, mas para as pessoas leigas, que não se imaginam nunca na vida levantar um peso absurdo desse porque para qualquer pessoa é um peso absurdo, e ainda levantar acima da cabeça. Ainda mais o Fernando, pois as pessoas pensar que por ele ser grande, as pessoas não imaginam a flexibilidade que os atletas têm, a mobilidade, a agilidade, então é bonito de se ver realmente. (Jaqueline, 33 anos).

Tais diferenças corporais expressas na quantidade de peso levantada pelas atletas vai no sentido da extrapolação das normas humanas (CAMARGO; VAZ, 2012), nesse caso, as normas do peso possíveis a serem levantados por homens e, sobretudo, pelas mulheres, em suas *performances* atléticas. A “beleza” e o “espanto” causados por tais movimentos e valências corporais residem, como dito anteriormente, em uma visão binária e idealizada dos gêneros, em que a força e a potência muscular elevada representam historicamente potente significado de virilidade aos homens e deveriam ser interditados, ou mesmo, ocultados nas mulheres. Compreendo o conceito de virilidade nos termos expostos por Vigarello (2013), que traz o debate dessa postura para o campo cultural, definindo a virilidade como um conjunto de posturas normalizadas que são incorporadas e subjetivadas em cada modalidade, sendo historicamente associadas aos homens e interditas às mulheres; a virilidade é, nesse sentido, aprendida e treinada no processo de preparação nas experiências esportivas.

Assim, nossas interlocutoras tensionam com seus corpos, *performances* e condutas os significados de virilidade ligados à estabilidade do sistema sexo-gênero em suas redes de sociabilidade, visto que suas carreiras, desempenhos em competições e movimentos no LP carregam para tais grupos um caráter “exótico”. Tal extrapolação dos significados viris em suas condutas pode trazer luz sobre as diferenças de visibilidade observadas entre homens e mulheres no LP a partir de uma hierarquização das feminilidades, que apontam para a normalização daqueles corpos de mulheres que são amplamente difundidos nos meios de comunicação. Goellner e Fraga (2004; 2003) nos trazem, nessa chave reflexiva, inúmeros processos de silenciamentos históricos das feminilidades dissidentes, ou das mulheres forçadas, as quais seriam mulheres que performatizavam outras feminilidades que tensionavam as normas corporais e de

conduta da época. Tal processo traz luz sobre as possíveis diferenças de visibilidade entre homens e mulheres atletas de LP.

Enfim, passaremos neste momento a problematizar as intersecções entre os marcadores sociais da diferença de gênero e cor/raça, por percebermos que houve interpelações nesse sentido, notadamente no percurso biográfico de Bete, que, de certa forma, foram sendo subsumidos nas demais gerações de atletas de LP.

5.4 INTERSECCIONANDO GÊNERO E RAÇA NA CONSTRUÇÃO DE PROCESSOS DE ABJEÇÃO E RESISTÊNCIA

Mas um dos maiores pré-conceito nisso é por conta da minha cor. Hoje eu estou no que eu estou é por causa da minha cor, não porque eu levantei peso ou entrei no LP. O pré-conceito não é por causa do peso, é por causa da minha cor e porque eu não tenho um diploma na mão. Porque me falaram “se você fosse loira dos olhos azuis você não perderia seu emprego”. [...]. Ai depois eu fiz um campeonato mineiro onde eu montei meu projeto, na quadra aberta, que me dá muita alegria, apesar da estrutura não ser adequada. (Bete, 63 anos).

A partir desse impactante trecho da narrativa de Bete, buscamos interpretar os desafios enfrentados por ela naquele momento histórico de sua carreira em que experimenta um processo de ostracismo em sua atuação como técnica. Bete rememora de que formas os discursos racializantes circularam em suas relações e foram, segundo ela, basilares para sua perda de *status* junto à equipe a qual liderava naquele momento. Pontuamos que tais discursos racializantes são interseccionados com os significados de gênero e classe, formando uma teia de poderes que estigmatiza e posiciona Bete na abjeção naquele momento.

Cabe pontuar que tais discursos baseados na cor da pele dos sujeitos são basilares nas relações de sociabilidade dos sujeitos em sociedade e se articulam na construção de diferenças e, possivelmente, de hierarquizações sociais. Compreendemos discursos racializantes como toda teia de enunciados ou silenciamentos, sejam eles textuais ou narrativos, que constroem diferenças e hierarquizações através da origem étnica e da cor da pele dos sujeitos, apoiadas num grupo de postulados, doutrinas e outras formas discursivas que buscam construir e naturalizar as “diferenças biológicas” entre os sujeitos, que remontam das teorias raciais construídas no decorrer dos séculos XIX e XX, com relevante influência na sociedade brasileira (SCHWARCZ, 1993;

SKIDMORE, 1976). Nessa mesma chave teórica, o conceito de raça é, pois, uma categoria classificatória que deve ser compreendida como:

[...] construção local, histórica e cultural, que tanto pertence á ordem das representações sociais – assim como o são fantasias, mitos e ideologias – como exerce influência real no mundo, por meio da produção de discursos e hierarquias sociais politicamente poderosas (SCHWARCZ, 2012, p. 35).

Tais discursos foram amplamente problematizados e refutados, entretanto, como boa parte dos marcadores sociais da diferença, interpelam os sujeitos e são incorporados nas relações entre os sujeitos.

[...] demonstrar as limitações do conceito biológico de raça, desconstruir o seu significado histórico, não leva a abrir mão de suas implicações sociais. Com efeito, raça persiste como representação poderosa, como um marcador social de diferença – ao lado de categorias como gênero, classe, religião, idade dentre outras, que se relacionam e retroalimentam – a construir hierarquias e delimitar discriminações. Tais categorias articuladas em sistemas classificatórios, reguladas por convenções e normas e materializadas em corpos e coletividades, mas antes por meio da íntima conexão que estabelecem entre si [...]. De um lado, o racismo persiste como fenômeno social, justificado ou não por fundamentos biológicos. De outro, no caso brasileiro, a mestiçagem e a aposta no branqueamento da população geraram o racismo à la brasileira, que percebe antes colorações do que raças, que admite a discriminação apenas na esfera privada e difunde a universalidade das leis, que impõe a desigualdade nas condições de vida, mas é assimilacionista no plano da cultura. É por isso mesmo que no país seguem-se muito mais as marcas da aparência física, que, por sua vez, integram status e condição social, do que regras físicas ou delimitações geracionais (SCHWARCZ, 2012, p. 35).

Bete transparece os modos de interpelação sofridos naquele momento, que vão desde sua cor de pele, até seu gênero e escolarização, expressos nesse caso na ausência do curso superior de Educação Física. Tais articulações trouxeram sofrimento para nossa interlocutora, à medida que a continuidade de seu trabalho foi interrompida baseada nessa teia discursiva. Assim, percebemos que as hierarquizações e interdições construídas a partir desse discurso racializante foram realizadas em articulação com outros marcadores e apresenta facetas de um racismo que aqui convencionarei chamar de racismo interseccional. Tais articulações demonstraram potencializar a força discursiva desse racismo interseccional, visto que o foco de sua interpelação era múltiplo. Bete continua: “Me tiraram uma semana antes de eu ir para as olimpíadas de Pequim e colocaram um treinador porque eu era mulher e negra, entendeu? E vocês

acham que eu ligo? Isso me deu mais força para continuar”. Aqui percebemos, como em boa parte de seu percurso biográfico, os modos como tais processos a subjetivam e se apresentam com face dupla de abjeção e agência, em que tais experiências de sofrimento impulsionaram Bete na busca da reversão desses processos de perdas e discriminações. Nesse sentido, Bete narra que realizou a retirada de todo seu material e firmou parceria com uma escola da cidade de Viçosa, local em que continuaria seu projeto de iniciação ao LP, mesmo com estrutura precária para tal trabalho pedagógico. Em outra frente de resistência, Bete inicia, em 2014, a graduação em Educação Física em uma instituição particular de sua cidade, na busca pela permissão legal para atuação como treinadora. Após essa conquista, Bete retorna, em 2017, à CBLP, retomando suas relações e atuações na instituição.

Tais processos de abjeção baseados em discurso racializante demonstraram, a partir das narrativas das demais atletas, não terem centralidade em seus percursos biográficos. Ao questionarmos as interlocutoras das duas gerações subsequentes à de Bete sobre possíveis processos de diferenciação e hierarquização social em seus espaços de sociabilidade baseados na cor de sua pele, vislumbramos outras visões sobre esse processo:

Não. Na verdade até bem pouco tempo eu recebi foi um elogio de uma pessoa que é dono de um *box* de *crossfit*, que falou “olha Rose, você está de parabéns! Mulher, negra, campeã, atleta da marinha, você está de parabéns!”. E daí eu me senti muito lisonjeada de receber esse elogio pois eu nunca pensei de outra forma. Eu sempre pensei que eu sou mulher, sou negra, ganho meu próprio dinheiro, sou da marinha, bem resolvida, mas eu nunca tinha pensado nisso. Quando ele falou eu pensei, caramba, é verdade. Mas eu nunca sofri pré conceito por ser negra não. As pessoas até gostam da minha cor (riso). (Rosane, 33 anos).

Não, isso não. Até porque a predominância de atletas cariocas é de pessoas negras e morenas, assim, a gente nunca teve esse tipo de problema não. (Jaqueline, 33 anos).

Mesmo com relevância discursiva “reduzida” nas narrativas de interlocutoras de outras gerações, os discursos racializantes apresentam-se no campo esportivo do LP. O fato da “ausência” de processos discriminatórios nesse campo por conta da predominância de pessoas negras e mestiças demonstra que tais significados circulam nas equipes de forma naturalizada e muitas vezes “pouco perceptível” pelos sujeitos. Como elemento fundante de nossa sociabilidade brasileira, as diferenças e

hierarquizações baseadas na cor da pele passam por um intenso processo performativo de naturalização em nosso cotidiano, seja por meio de comentários jocosos, “elogios” que reforçam a norma ou violências físicas ou simbólicas. Tal processo desafia, pois, ao estar “oculto”, remete-nos a um de seus significados mais relevantes: a sutileza (MOREIRA, 2019).

O processo de naturalização dessas diferenças e hierarquias emerge na fala de Rosane, à medida que ela afirma não ter percebido os aspectos de resistência e superação em sua trajetória de vida, fatos expostos por um interlocutor dela em forma de “elogio”. O fato de Rosane não perceber tais processos e diferenças reafirma que a naturalização dessas diferenças faz parte das dinâmicas de incorporações e subjetivação desse racismo interseccional, em que, muitas vezes, as diferenças de classe e gênero são ressaltadas em detrimento da cor da pele ou da raça.

Entretanto, elementos de agência interseccional são colocados em circulação à medida que tais interlocutoras, cada uma a seu modo e tempo histórico, demonstraram resistir por meio da busca pela dedicação às experiências no LP, da escolarização em nível superior e de sua inserção nesse campo historicamente direcionado aos homens, o que lhes permitiu tensionar as normas discursivas que produziam hierarquizações em suas relações de sociabilidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento apresento considerações que visam apontar caminhos que nossa pesquisa desvelou e ampliar algumas possibilidades para outros estudos que possam dar continuidade às reflexões aqui empreendidas. Nesse sentido, cabe retomar que a presente tese buscou interpretar os processos de estigmatização e estratégias de resistência nos percursos biográficos de mulheres atletas de levantamento de peso (LP). Nossa proposição central considera que os processos de abjeção vivenciados por tais mulheres são plurais e interseccionados por marcadores sociais da diferença como mecanismos de hierarquização social em seus percursos biográficos; entretanto, e paralelamente a esses processos de abjeção, essas atletas fazem circular modos de resistência múltiplos, ou agência interseccional, que são estratégias de micro resistências, fazendo-se valer de marcadores sociais da diferença, de forma articulada e interseccional.

Em convergência à tese proposta, as histórias de vida de nossas interlocutoras e reafirmaram aspectos interseccionais da abjeção e da resistência subjetivadas por elas em seus percursos biográficos. Pude perceber que nossas interlocutoras demonstraram haver desconfianças e suspeições por parte de seus grupos familiares e de sociabilidade ampla no início de suas carreiras sobre a possibilidade de seus corpos se “masculinizarem” com as experiências esportivas, sobretudo no LP. Naquele momento, apesar de serem atletas de outras modalidades esportivas, evidenciou-se que elas tinham pouco conhecimento sobre as experiências de mulheres no LP, o que contribuía para visões estigmatizantes convergentes com tais grupos de sociabilidade. A categoria nativa “masculinização” merece destaque, pois auxilia a refletir e questionar se tal processo estigmatizante se faz presente em outras modalidades esportivas que, a partir de seus treinamentos e processos cotidianos, transformam os corpos das mulheres, significando outras feminilidades que tensionam as normas corporais vigentes.

Apesar daquelas interpelações, as atletas, cada uma a seu tempo e modo, mobilizaram estratégias diversas para superar tais processos, que vão desde a busca pela “anulação” desses discursos até a reafirmação de aspectos de uma feminilidade normalizada, mediante utilização de técnicas de embelezamento. Tais atos performativos de gênero foram algumas das estratégias que circularam em seus processos de resistência.

Outro ponto convergente foi o processo de ampliação de poderes que suas experiências no LP trouxeram; tal processo foi múltiplo e se evidencia na melhoria de sua remuneração e uma conseqüente ascensão social mediada pelo esporte; na ampliação do capital cultural pela escolarização no ensino superior, bem como da rede de sociabilidade pelas experiências em competições internacionais em diversos países, o que, segundo elas, não poderia ser alcançado se não fossem suas carreiras no LP. Há aqui uma interseção entre os marcadores sociais da diferença de classe social e gênero, em que as estratégias de resistência se estruturaram a partir desses mesmos marcadores.

Nesse processo, a relevância dos agentes facilitadores em suas trajetórias é evidenciada, uma vez que as (os) treinadoras (es) e algumas pessoas de seus grupos familiares ocupam espaço privilegiado no processo de motivação em algum momento de suas carreiras. Aqui destacamos os treinadores de LP, cujo trabalho foi decisivo para a ampliação das oportunidades de escolarização via realização de cursos superiores em diversas áreas de conhecimento, notadamente Educação Física, Fisioterapia e Administração. Esse direcionamento visa, sobremaneira, as oportunidades profissionais após o término de suas carreiras de atleta, o que lhes confere certa possibilidade de continuidade do trabalho no campo esportivo do LP como treinadoras, gestoras e árbitras.

Com relação às experiências e relações geracionais das atletas no LP, nota-se que as conquistas são marcantes nos percursos biográficos de nossas interlocutoras e o campo esportivo do LP se apresenta como espaço cultural privilegiado para trocas geracionais diversas, em que as atletas mais experientes assumem posições motivacionais e de tutoria para as atletas mais jovens. As interpelações movidas pelo marcador social cor/raça foram relevantes em momentos do percurso biográfico de Bete e demonstraram estar menos evidentes nas experiências das demais gerações, em que há elementos da naturalização de tais estigmas nas relações de sociabilidade narradas.

Assim, percebemos que as experiências no LP, a dedicação aos treinamentos e às tecnologias que envolvem uma modalidade esportiva no alto rendimento tornam-se uma das estratégias centrais de resistência dessas mulheres em seus espaços de sociabilidade, em que a abjeção sofrida em momentos pretéritos, ou mesmo em seu cotidiano atual, tem, para além do sofrimento, faces de ampliação de poderes e possibilidades de reordenamento de seus percursos biográficos que extrapolam suas experiências de vida iniciais. A possibilidade de serem treinadoras, árbitras, dirigentes,

administradoras e trabalharemos para a ampliação das oportunidades para outras mulheres jovens na modalidade alpinismo alguns dos sonhos narrados por nossas interlocutoras, o que nos faz perceber que a valorização dos agentes facilitadores em suas trajetórias traz um compromisso em sê-lo no futuro.

Nesse sentido, nossa tese foi significativamente reafirmada nas interpretações das experiências dessas mulheres atletas de LP em seus percursos biográficos na medida em que, durante suas trajetórias de vida, processos de abjeção foram gestados a partir da alternância e da relevância de alguns marcadores sociais da diferença, como gênero, classe social, geração e cor/raça. Contudo e paralelamente, as estratégias de resistência e busca por alternância de poderes em seus espaços de sociabilidade amplos e no LP faziam circular a potência de marcadores sociais da diferença, que eram mobilizados nesse processo de acordo com a especificidade das interpelações. Assim, abjeção e agência são faces dos processos de subjetivação dessas mulheres no campo esportivo.

Tais achados e interpretações posicionam a presente tese no campo acadêmico da Educação Física em um espectro de estudos que refletem sobre os processos socioculturais no campo das práticas corporais e esportivas de forma interseccional, privilegiando análises que buscam complexificar a realidade dos sujeitos e escapar de reificações que comumente ocorrem quando se trata de categorias ou marcadores sociais da diferença de forma isolada.

Outro ponto instigante reside no fato de ampliar os dados sobre as experiências de mulheres em modalidades esportivas historicamente direcionadas aos homens, como o LP, as quais, conforme se demonstrou no estudo, são pouco divulgadas por meios de comunicação de forma geral, o que compromete a ampliação da disponibilização das experiências esportivas no LP para um número maior de mulheres em nossa sociedade. Tais interpretações realizadas buscam ainda desconstruir os olhares e ampliar o conhecimento bibliográfico sobre tais percursos biográficos, o que reverbera, mesmo que de forma pontual, no campo acadêmico e profissional da Educação Física.

Enfim, tais histórias de vida nos interpelam a ampliar os olhares sobre tais experiências e refletir de forma interseccional sobre outros percursos biográficos de mulheres em futuras pesquisas nessa chave teórica e metodológica.

REFERÊNCIAS

- ADAMFI, Attila. The long journey of women's weightlifting: from being forbidden to full gender equality. **Inside the games**. v.1, n.1, jan. 2017.
- ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico**. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2007.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. “Vôlei masculino é pra homem”: representações do homossexual e do torcedor a partir de um episódio de homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. 2015.
- BANDEIRA, Marília Martins; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira. Onde estão as rafeiras? Gênero no lazer de aventura na natureza. *In*: CARVALHO, Pedro Henrique Berbert de; BANDEIRA, Marília Martins; SOARES, João Paulo Fernandes (Orgs.). **Corpos em movimento: imagens, gêneros e interculturalidades**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.
- BRITO, Leandro Teófilo de. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer**. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 3-26.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. *In*. LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-198.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p.155-167, 2002b.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

CAMARGO, Wagner Xavier de; VAZ, Alexandre Fernandez. De humanos a pós-humanos: ponderações sobre o corpo *queer* na arena esportiva. *In*: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 119-144.

CAMARGO, Wagner Xavier de; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e *performance* no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes antropológicos**, v. 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.

CEME. **Projeto garimpando memórias: manual básico**. Porto Alegre, RS: Editora UFRGS, 2012.

COLLING, Leandro; NOGUEIRA, Gilmaro. Relacionados, mas diferentes: sobre os conceitos de homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade. *In*: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva. (Orgs.). **Transposições: lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. Vitória: EDUFES, 2015. p.171-184.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 554-576.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE LEVANTAMENTO DE PESOS. **Regras**. Disponível em: <http://www.cbllp.org.br>. Acesso em: 8 mar. 2019.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e tecnologias do rejuvenescimento. *In*: GOLDENBERG, Mirian. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 65-82.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 2012.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DORNELLES, Priscila Gomes. Gênero e sexualidade na educação física escolar: notas sobre a normalização dos corpos no interior baiano. *In*: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 215-238.

DORNELLES, Priscila Gomes. A (hetero) normalização dos corpos em práticas pedagógicas da educação física escolar. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

DORNELLES, Priscila Gomes. Corpo, gênero e práticas corporais esportivas: diálogos iniciais a partir da teoria *queer*. In: FERRARI, Anderson *et al.* (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Lavras: UFLA, 2014. p.139-158.

DORNELLES, Priscila Gomes; POCAHY, Fernando Altair. Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto! Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais. **Educar em Revista**, n. 1, p. 117-133, 2014.

DORNELLES, Priscila Gomes. Caminhos teóricos, metodologias e proposições políticas para “caminhar” com gênero e sexualidade na educação física: alinhavos com os estudos *queer*. In: WENETZ, Ilena; ATHAYDE, Pedro; LARA, Larissa (Orgs.). **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. Natal, RN: EDUFRN, 2020. p. 77-90.

FIGARI, Carlos Eduardo; DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo. (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 21-30.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011a.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011b.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011c.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGGER, Angelita Alice.

Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2007. p. 13-26.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico profissional da educação física. In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 23-43.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres forçadas: o circo, o ringue, o octógono. *In: Blog história (s) do sport*. Disponível em: <https://historiadesporte.wordpress.com/2013/04/21/mulheres-forçadas-o-circo-o-ringue-o-octogono>. Acesso em: 8 mar. 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Pesquisa qualitativa na educação física brasileira. **Revista Educação Física UEM**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, set./dez. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco Antinoüs e Sandwina: encontros de desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 59-82, set./dez. 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre; FRAGA, Alex Branco. A inominável Sandwina e as obreiras da vida: silêncios e incentivos nas aulas inaugurais e Fernando de Azevedo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 71-84, jan. 2004.

OOUVEIA, Patrícia. Grupos populares, gênero e “valor família”: marcas sociais e experiência feminina. *In: TEIXEIRA, Karla Maria Damiano; GOUVEIA, Patrícia. Tudo em família: textos, temáticas, discussões*. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2008. p. 13-45.

GRESPLAN, Carla Lisbôa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon Fox: um corpo *queer* no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, out./dez. 2014.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015.

HENNING, Carlos Eduardo. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 341-371, jan./abr., 2016.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: censo demográfico 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br/cidades. Acesso em: 4 mar. 2019.

JAEGER, Angelita Alice. Relações de gênero e a medida do músculo no esporte. *In: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). Educação física e gênero: desafios educacionais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 267-290.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Rev. Estudos feministas**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 955-976, 2011.

KRISTEVA, Júlia. Sobre la abyección. *In: KRISTEVA, Júlia. Poderes de la perversión: ensayo sobre Louis-Ferdinand Céline*. México: Siglo XXI Editores, 2006. p. 7-46.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013b. p. 43-53.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. *In*: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca, (Orgs.) **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. 3ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2008. p. 12-53.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O velho e bom caderno de campo. **Sexta Feira**, São Paulo, n. 1, p. 1-4, maio 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória coletiva. **Cadernos CERU**, n. 5, série 2, 1994.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: um desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. Machos e *brothers*: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas *on line*. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, jan./abr., 2013, p. 301-324.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MOLLICA, Kiko. **Documentário: Bete do peso**. Disponível em: <http://memoriadoesporte.org.br/documentarios/php/contents/main.php?vid=8e296a067a37563370ded05f5a3bf3ec&sid=5d888756ac6cd53aec0345bfd7464b52>. Acesso em: 8 jul. 2019.

MOREIRA, Adílson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOURÃO, Ludmila. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 5-18, 2000.

PEREIRA, Verbenna Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. *In*: STREY, M. N. *et al.* (Orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: Ed. PUC RS, 2004. p.15-42.

PISCITELLI, Adriana. Prefácio. *In*: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E; FIGARI, C. E. (Orgs). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p.11-20.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n. 2, jul./dez. 2008, p. 263-274.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade: uma prática-teorização feminista possível na era pós-gênero? *In*: DORNELES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 69-87.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RÚBIO, Kátia. Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Lethe. *In*: RÚBIO, Kátia. **Narrativa biográficas: da busca à construção de um método**. São Paulo: Képos, 2016.

RÚBIO, Kátia. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. **Motus corporis**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.30-38, maio 2003.

SCHIEBENGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 210-222.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2015.

SCHMIDT, Benito Bisso. Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral? *In*: LAVERDI, Robson *et al.* (Orgs.). **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. UFPE, 2012. p. 44-68.

SCHWARCZ, Lilia. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem em falhas. *In*: **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 83-108.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A, F. O *doping* e a construção de experiências de feminilidade: comentários a respeito de caso Rebeca Gusmão. *In*: DORNELES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Orgs.). **Educação física e gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013. p. 291-308.

SOARES, João Paulo Fernandes. **O doce amargo sabor do envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero.** 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física e Desportos, UFJF, Juiz de Fora, 2014.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Ígor Chagas. Corpos dissidentes: gênero e feminilidade no levantamento de peso. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 9, n. 3, p. 254-261, 2017.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; LOVISI, Ayra; NOVAIS, Mariana. Performatividades de gênero e a abjeção de corpos de mulheres no levantamento de peso. **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 107-118, jan./mar. 2018.

SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VEIGA-NETO, Alfredo, **Foucault e a educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social.** 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIGARELLO, Georges. Virilidades esportivas. *In*: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 269-301.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2012.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. Pesquisa qualitativa em educação: origens e desenvolvimento. *In*: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 12-28.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS - CEP/UFJF

36036-900 JUIZ DE FORA - MG – BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada, como voluntária, a participar da pesquisa: **História de vida de mulheres atletas no levantamento de peso**. Neste estudo, pretendemos compreender os desafios e superações nas trajetórias de mulheres atletas de levantamento de peso.

O motivo que nos leva a estudar a temática são lacunas existentes nas pesquisas sobre a inserção e permanência de mulheres no levantamento de peso.

Para o processo de coleta de dados dessa pesquisa, serão realizadas entrevistas individuais com mulheres atletas na perspectiva da história oral, que focará nas trajetórias de vida das atletas.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecida em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e sua recusa não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma que é atendida pelo pesquisador.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome não será liberado sem prévia autorização.

Trata-se de um estudo com **risco mínimo**, ou seja, o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, caminhar, etc. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portadora do documento de Identidade _____, fui informada dos objetivos deste estudo de maneira clara e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o qual pude ler e esclarecer minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 _____.

Assinatura da Participante

Assinatura do Pesquisador

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Pesquisadores Responsáveis: João Paulo Fernandes Soares e Ludmila Mourão
Telefones: (33) 9 9199 9912 / (21) 9 8169-8117
E-mail: joaopaulosoaresufjf@gmail.com / mouraoln@gmail.com

CEP (Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos)

Pró-Reitoria de Pesquisa – UFJF

Dias de atendimento: de segunda-feira às sextas-feiras.

Horário de Atendimento: de 9 h às 12 h, e de 13 h às 17 h.

E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Telefone: (32) 2102-3788

Endereço: Universidade Federal de Juiz de Fora, Rua José Lourenço Kelmer, s/n -
Campus Universitário, Bairro São Pedro - CEP: 36036-900 - Juiz de Fora – MG.

ANEXO B - Roteiro de Entrevistas

PROJETO: Histórias de vida de mulheres atletas no levantamento de peso

Ano da entrevista: _____
Horário da entrevista (início): _____: _____
Horário da entrevista (término): _____: _____
Nome do entrevistador: João Paulo Fernandes Soares
Nome da colaboradora:
Data de nascimento:
Idade:
Telefone celular:
Estado civil:
Tem filhos? () sim () não
Grau de escolaridade:
Profissão ou ocupação:

BLOCO I: TRAJETÓRIA COMO ATLETA DO LEVANTAMENTO DE PESO E O INÍCIO DAS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS

- 1) Gostaria que você falasse sobre sua infância.
- 2) Qual é a composição de sua família? Era uma família de que classe social? Como era sua relação com seus familiares (mãe, pai, irmãos)?
- 3) Como foi o início das suas experiências com os esportes? Quais modalidades você praticou antes do levantamento de peso?
- 4) Gostaria que você falasse sobre sua juventude/adolescência.
- 5) Como as pessoas viam sua condição de atleta?
- 6) Como foi sua entrada no levantamento de peso?
- 7) Quais pessoas incentivaram sua decisão? Houve apoio de seus familiares e amigos?
- 8) Por que você escolheu o levantamento de peso para se dedicar como atleta profissional?
- 9) Gostaria que você falasse da relação com os treinadores. Qual a importância deles em sua trajetória?
- 10) Como são os treinamentos?
- 11) Gostaria que você falasse de seus principais títulos e colocações em campeonatos. Quais foram os marcantes?

**BLOCO II: INTERSECCIONANDO PROCESSOS SOCIAIS
DISCRIMINATÓRIOS**

- 12) Como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no levantamento de peso?
- 13) Você percebe algum tipo de preconceito ou discriminação com as mulheres atletas na modalidade?
- 14) Você sofreu algum tipo de preconceito e discriminação por ser atleta de levantamento de peso?
- 15) Você sofre algum tipo de preconceito e discriminação por ser uma atleta negra?
- 16) Como é a relação com atletas mais jovens?
- 17) Como é a relação com atletas mais experientes que você?
- 18) Como é a relação com os homens da modalidade? Há algum tipo de disputa entre homens e mulheres?
- 19) Você percebe alguma modificação nesses processos em comparação com a época em que você iniciou na modalidade?
- 20) Você acredita na popularização do levantamento de peso para as mulheres e quais os maiores desafios para esse processo hoje no Brasil?
- 21) Você é a atleta que alcançou a melhor colocação de uma mulher nos Jogos Olímpicos, a mesma do Fernando Reis. Você acredita que há uma diferenciação na visibilidade na mídia institucional entre homens e mulheres no LP?
- 22) Quais são seus sonhos na modalidade?
- 23) Quais seus sonhos profissionais após a interrupção de sua carreira de atleta profissional?
- 24) Você gostaria de acrescentar algo mais ou fazer algum comentário?

ANEXO C – Transcrições de Entrevistas Individuais

ENTREVISTA 1

Ano da entrevista: 2016

Horário da entrevista (início): 20:30

Horário da entrevista (término): 22:22

Nome do entrevistador: João Paulo Fernandes Soares e Ludmila Mourão

Nome da colaboradora: Maria Elizabete Jorge

Data de nascimento: 20 de abril de 1957

Idade: 63 anos

Tem filhos? () sim (x) não

Grau de escolaridade: Superior completo em Educação Física.

Profissão ou ocupação: Ex-atleta profissional de LP. Atualmente atua como treinadora e árbitra de LP.

JP: Bete, na primeira pergunta, gostaria que você falasse sobre sua infância. Como foi sua infância? Como era a Bete nesse período?

BETE: Nossa, quantos anos já passaram [riso]. Faz muito tempo, mas vamos lá. Eu sei que eu nasci aqui dentro da Universidade, no departamento de educação física. Eu nasci em casa de parto normal. Minha mãe teve seis filhos, cinco de partos normais e um só de cesariana, o caçula Édson. Eu era uma pessoa muito ativa. Minha mãe me chamava de levada, pois eu parecia o machinho da casa. Nossa, minha mãe falava para mim que não aguentava me carregar. Eu não era gorda, mas toda vida eu tive o corpo desenvolvido e era pesada. Creio eu que a minha estrutura óssea deve ser pesada e compacta. Então a minha mãe falava que não aguentava me carregar, mas quando eu comecei a andar ela colocava um pano no chão e colocava em volta um monte de travesseiros para ela ir lavar roupa. Sempre do lado dela para que pudesse ficar olhando, pois meu irmão mais velho tinha dois anos na época e ele ficava brincando de carrinho e ela queria deixar ele mais a vontade. Ela dizia que do nada eu já queria engatinhar. Aí eu comecei a andar e fui atrás de um piolho de cobra, não sei se vocês conhecem esse bichinho. Diz ela que quando olhou eu estava triturando ele com os dentes. Com quatro meses eu já tinha os dentes da frente, superior e inferior, e dizia ela que quando ela viu, alguma coisa estralou e ela olhou minha boca e viu que eu estava comendo o piolho de cobra. Só por aí já dá para vocês terem uma ideia do que foi a Bete [risos]. Nem engatinhando eu estava e do nada, vejo um bicho e vou atrás. Como eu era pesada eu tive dificuldade de começar a engatinhar. Então minha mãe dizia para mim que eu era uma pessoa muito ativa, muito atrevida e muito levada. Quando comecei a andar eu não perdoava uma árvore, eu pegava passarinho e punha dentro do passador de roupa. Antigamente era passador de brasa, não sei se vocês chegaram a ver. Eu pegava filhote de passarinho, colocava dentro, fechava e esquecia a comida, o passarinho morria. Minha mãe via um caminhozinho de formiga e dizia: “aposto que foi a Bete que colocou alguma coisa aqui dentro”, e descobria. Eu era danada, já tinha subido no pé de

goiaba e pegado passarinho, colocado ele no passador e a mãe dele ficava desesperada. Eu morava em um lugar, não sei se vocês conhecem, mas aqui tem o Banco do Brasil ao lado do departamento de engenharia civil, de física e de matemática. Tem uma rua que sobe e lá tem uma caixa d'água da UFV. Aquela rua ali era a mesma que saía da minha casa, porque era um brejo onde é o ginásio. Onde hoje é a pista de atletismo, era um córrego e então eu morava do outro lado, que era uma casa enorme que moravam três famílias, meu pai casado com minha mãe, era uma casa, só que tinha sala, cozinha, os quartos, banheiro, tudo direitinho nosso. O irmão dele com a família dele e minha avó, mãe do meu pai, com mais seis primas que tinham perdido o pai e a minha tia trouxe do Rio para minha avó criar, era uma casa só e tinha umas divisórias por dentro e todo mundo morando junto. E a casa era meio isolada, ali onde passa o asfalto no pavilhão de ginástica, lá tinha um córrego e uma pinguela, era uma pontesinha que a gente passava para o lado de cá e tinham umas casas dos funcionários da Universidade e eles passavam por lá. Lá tinha patos, e ficava boi da Universidade, pois na Universidade tinha muito gado. Naquela época era a Universidade que fornecia carne para o refeitório, ovos, frango, leite, café, feijão, milho, era tudo produzido dentro da Universidade, que era agrícola naquela época. Então tinham muitas vacas que ficavam depois de uma cerca de arame farpado que dividia o quintal da minha casa. Ai minha mãe quase morria porque as vacas davam à luz e eu ia cutucar as vacas. Vocês já devem ter visto vaca com bezerro novo o que ela faz. Elas de chifrinhos assim, meio tortos. E nisso minha mãe ficava desesperada porque eu ficava na cerca e a vaca atrás [risos]. E eu passava debaixo da cerca e a vaca atrás [risos]. e eu passava sem ver, e era vestido que a gente usava naquela época com saia franzida e uma saia muito rodada, quando corria ela agarrava no arame e rasgava o vestido todo, minha mãe passava muito aperto comigo. Eu não podia ver uma siriema. Vocês conhecem siriema? Siriema é um bicho que corre e voa muito e eu corria atrás daqueles bichos, pegava aqueles bichos e minha mãe mandava soltar, e eu soltava chorando. Eu era terrível. E fomos ali, eu e mais cinco irmãos. Na verdade, quatro, cinco comigo, porque o mais novo já nasceu na outra casa. E aí eu fui crescendo e começaram a aterrar e tiraram as casas dos funcionários da Universidade que eram do lado de cá, e começaram a aterrar para construir o ginásio, aí eu saí dali com nove anos de idade, e eu fui para outra vila dentro da própria Universidade mesmo. Ai quando eles estavam aterrando, aquelas máquinas empurravam a terra com caminhão descendo e despejando a terra e a gente debaixo, esses caminhões cobriam todos de terra. Minha mãe ficava desesperada, a gente virava cambalhota e batia dentro da água. Quando a gente saía dali não sabia quem era quem [riso], de tão cheios de lama que estávamos. Minha mãe me reconhecia porque eu tinha a carinha mais larga, e ela reconhecia pelo olho. Era puro barro, e nisso a gente foi participando junto com os funcionários, que eram de uma empresa que veio construir o ginásio, e tinha o engenheiro principal que era o senhor Chagas, que era o sobrenome dele. Eram duas empresas, que eu não recordo o nome, que iam construir o ginásio, e aquilo a gente vivia no meio dos funcionários, fazendo bagunça. Minha avó fazia bolo e suco, e era aquele suco antigo que fazia e colocava no garrafão e ia vender para os homens, era uma coisa de louco aquilo, e ai eu fui crescendo e participei da inauguração do ginásio,

a gente toda cheia de barro e o povo de terno, engravatado, e a banda de música tocando, e a gente no meio dos homens participando e pegando salgadinhos e comendo tudo que estava oferecendo para as pessoas importantes da UFV. Depois disso que fui morar em uma vila Dona Chiquinha, que era entre o estábulo e a pocilga da UFV, na estrada que vai para Cajuri e Coimbra, que tem uma entrada que vai para a veterinária. Ali eu já comecei a ter mais juízo sabe. Nós fomos para uma casa que tinha muita fruta, tinha uva, pêssego, manga, goiaba, laranja, mexerica, tinha de tudo quanto é qualidade de fruta. Manga nessa época eram toneladas de manga. E nisso eu fui terminando meus estudos, que eu ia estudar no colégio Effie Holfs, e na época o estudo era aqui no edifício Arthur Bernardes, no térreo, no porão, as salas de aula eram ali, e eu comecei a estudar ali. Depois fizeram o Effie Holfs e eu fui uma das primeiras alunas do Effie Holfs. E no Effie Holfs que eu voltei a ser uma pessoa muito levada digamos assim. Eu só brincava no meio de homens porque eu era muito elétrica, corria muito, subia em tudo quanto é árvore e então as meninas não davam conta de brincar comigo porque não eram do mesmo ritmo; os meninos já eram mais elétricos; eu brincava de pega ladrão, de bandeirinha, de esconde esconde, de tudo no meio dos meninos, e nisso eu subi numa árvore e achei um ninho de rolinha e peguei o filhote, e um menino chamado José Estevão grudou na minha mão dizendo que ele tinha achado, e eu dizia que eu que tinha achado e saiu um pedaço da rolinha na mão dele e outro na minha; aí foi aquela briga e eu plantei nele a mão, e ele queria me bater, chamou a professora, a diretora. Essa foi minha última briga no colégio e chamaram meu pai. Aí, meu pai batia, era um pouquinho ignorante, ele não teve estudo, sempre foi empregado de fazendeiro. E meu pai ao invés de brigar com o menino que tinha brigado comigo mandou o menino tomar conta de mim. Aí eu acordei, peguei um fio de luz, aliás, peguei três, juntei e fiz que nem um chicote e falei com o menino: “vem me vigiar”, e voei atrás dele com aquele chicote para bater no menino. Daí para cá é que eu fui tomando juízo e mexendo com esporte. Eu fui convidada para entrar nas brincadeiras da escola de sala contra sala, e aí eu vi que eu gostava de mexer com o esporte. Quando eu terminei o quarto ano primário, eu queria estudar na cidade e tinha só colégio particular na época, só ia até a quarta série. Tinha o Raul de Leoni, Escola Normal e Colégio Viçosa. Acho que nessa época não tinha o Equipe ainda, e só tinha um estadual, que era o Colégio Estadual de Viçosa, e nisso eu nem passei, nem fiz o exame de seleção, porque meu pai não deixava, pois eu terminei o quarto ano primário e tinham mais duas irmãs mais novas minhas que estavam vindo. Eu tomei bomba uma ou duas vezes, aí minhas irmãs estavam vindo atrás de mim e eu queria estudar na cidade, mas meu pai não deixava. Falava: “a mulher é pra ficar no fogão, no tanque lavando roupa e ter filho, cuidar de marido”, e eu nunca concordei com ele e então eu pedi para ele: “pai, me deixa estudar, paga para mim”, porque ele pagava para o mais velho, “não, você vai esperar suas irmãs para vocês irem juntas”. Ele não confiava em mim, eu era a mais velha. Aí esperei. Quando chegou na época ele não deixou eu ir e deixou as duas meninas irem. Então eu falei “o senhor arruma para mim uma leitoa que eu vou criar e vou pagar meu colégio, eu vendo a leitoa e dois filhotinhos e pago meu colégio, ou o senhor arruma uma máquina de costura para mim que eu vou costurar para fora e pagar meu colégio”. Ele não me deixou fazer o

corde e costura, minha mãe era costureira, e ele arrumou a leitoa. Quando a leitoa estava gordinha, ele matou ela e vendeu, e jogou no bicho, ele jogava muito no bicho, bebia muito, aí ele me deixou sem nada. Só que aí eu fui para o Colégio Raul de Leoni e de tanto insistir, e minhas irmãs eram tímidas demais, e naquela época eu tinha que ir para levar elas, daí eu aproveitei esse gancho e ele deixou. Naquela época tinha exame de seleção para entrar no colégio, as três passaram e ter três filhas no colégio particular não era fácil. Tinham as três Jorges, eu mesma e minhas duas irmãs e tinham as três Lenner e o meu irmão mais velho; quatro filhos em colégio particular. Ele ganhava bem na UFV, mas não pagou nenhuma prestação das três filhas. Chegou no meio do ano e o diretor chamou a gente e disse: “seu pai não pagou e vocês não podem vir mais”. Saíram as três e foram murchas embora, pois o Raul de Leoni era do outro lado da cidade e a gente morava aqui, na outra vila. Ai nisso, não sei se meu pai comentou com algum chefe dele de departamento que ele trabalhava, que ele era do departamento de agrícola, aí o chefe dele disse: “vou dar bolsa para uma”; eu fiquei alegre porque pensei que a mais velha é que vai né, daí foi a mais nova, aí ele pagou para o do meio e eu fiquei sem estudar. Só que aí, nesse meio tempo que estive lá por seis meses, eu fui goleira de handebol. Eu comecei a jogar handebol e aí eu era goleira, e vinham aqueles jogos de estudantes de Minas, jogos mineiros, e as professoras começaram a ficar de olho na educação física, e não entrava bola nenhuma, eu tinha um metro e cinquenta e seis, acho que naquela época eu tinha um pouco menos, mas não entrava bola nenhuma, porque a minha impulsão, depois de velha, é cinquenta e sete, parada, então, a impulsão era boa para aquela época. Aí eu comecei a ser goleira e estava indo bem, só que chegou no meio do ano e a gente não pôde continuar. Esqueceram de mim e eu larguei para lá, parei de estudar e meus irmãos continuaram. Nisso trocou o diretor do colégio e ele perguntou para meu irmão mais velho: “cadê sua irmã, a Bete? Ela está em casa? Fala com ela para vir aqui para conversar comigo”. Eu fui e ele virou para mim e falou assim: “você quer estudar aqui no colégio sem pagar nem um centavo? ”, aí eu brinquei com ele: “o senhor pergunta macaco se ele quer banana? ”, ele riu e disse: “só que você tem que me dar uma coisa em troca, você tem que treinar para competir pelo colégio”. Daí que minha vida deslanchou no esporte, e eu não parei mais.

LM – Ele era professor de educação física, Bete?

BETE – Não, ele não era professor de educação física, mas era muito fanático por esporte. E naquela época a gente brigava feio com todos os colégios da cidade e a gente ganhava todos os primeiros lugares em todas as competições, e foram vários anos, vários anos.

LM: Você se lembra em que período foram esses acontecimentos?

BETE: Eu vim para esse colégio em 1973, aí eu retornei em 1975. Eu tinha parado e voltei em 1975. Eu comecei a competir, já tinha largado o handebol, estava jogando basquete e nesse meio tempo chegou um professor, que foi professor do primeiro curso de educação física de Viçosa em 1974, aqui na UFV, quando abriu o curso de Educação Física. Eu não sei se ele foi da primeira turma ou da segunda. Aí ele foi ser monitor no

nosso colégio, estagiário no Colégio Raul de Leoni, daí ele fez um teste para identificar quem era do atletismo, do basquete, do vôlei, do handebol. Aí eu virei para ele e disse que queria basquete. Eu disse que iria ficar no basquete porque eu era apaixonada pelo basquete. Eu fui chamada para o basquete, eu era pequenininha, mas eu jogava direitinho na época. Aí ele falou: “não, nós vamos fazer um teste”. Ele marcou um teste às quinze horas e a pista era de brita, esquentava demais. Eu corri doze voltas em quinze minutos, quase doze voltas em doze minutos. Eu estava dando quase um por um, um minuto por uma volta. Fui a melhor corredora e ele não me deixou ir para o basquete e eu fui para o atletismo. Fiquei no atletismo por muitos anos. Comecei com os cem metros livres, cem metros com barreiras, duzentos metros, quatrocentos, oitocentos, mil e quinhentos, três mil, cinco mil e depois eu encarei a maratona, corrida de rua. Corri a São Silvestre seis anos consecutivos e parei em 1986. Fui para uma maratona, e quando eu fui sair de Viçosa estavam seis graus em agosto, e eu cheguei no Rio, que estava quarenta, quarenta e dois graus. Daí eu fui comer uma comida que o treinador mandou e eu não tinha o hábito de comer aquela comida. Durante a corrida, eu estava sendo a primeira brasileira e só tinha uma inglesa na minha frente, aí eu fiquei cega e depois que terminou a prova eu acabei desistindo de maratona. Eu era a primeira brasileira e eu tinha o sonho de correr a maratona de Nova Iorque. Naquela época eu fazia em três horas e quinze minutos, naquela época, em 1986, minto, em 1983. Em 1985 foi minha última São Silvestre, e eu ia pegar uma premiação. Até hoje eu sou assim, meus irmãos ficam chateados comigo porque eu não dou importância para o dinheiro, eu gasto tudo que eu ganho com meus atletas, não cuido nem mesmo de mim. Eu quero é ver os meninos andando. Então na época eu ia ganhar três mil cruzeiros, um carro zero quilômetro e uma passagem para a maratona de Nova Iorque. Aí eu combinei com o treinador, você pode ficar com o carro, o que eu quero é a passagem. Eu não tinha noção das coisas, o que eram três mil cruzeiros na época? Para minha família era muito dinheiro e era muito importante, o carro nem tanto, mas o meu pai dirigia e eu ia dar para ele. Daí eu fiquei cega e perdi faltando dois quilômetros para terminar a prova, eu só vi um funil final e eu caindo. Ai minha carreira no atletismo acabou, eu não quis mais continuar.

JP: Além do atletismo. Bete, quais outras modalidades você praticou?

BETE: Olha, eu fiz, como eu te falei, eu fui goleira de handebol por um bom tempo, joguei um pouco de basquete, mas não competi, fiz ciclismo um pouco, mas não competi, fiz natação, mas não competi; e vim entrar no levantamento de peso em 23 de janeiro de 1991. Na época, o professor Davi Monteiro, ele é um colombiano que veio para o Brasil em 1956, 1957 e estudou aqui no Brasil, formou em engenharia civil e arquitetura e trabalhava no Brasil como engenheiro. Ele veio para Viçosa porque estavam construindo o centro de vivência na época, e o engenheiro da época foi mandado embora. O centro de vivência ia passar por cima da lagoa e ia ter uma saída do outro lado e ai não pôde mais construir desse jeito e pediram que indicasse uma empresa particular que viesse dar uma olhada, e nisso o professor Davi, que é engenheiro de concreto armado, foi convidado e ele veio em 1975, já meados de 1976 para corrigir os

problemas do centro de vivência. E nisso ele terminou o serviço e foi embora. Era Antônio Fagundes o reitor da época, que foi atrás dele e o convidou para ser professor na UFV em 1977. Daí ele me convidou para entrar no levantamento de peso, pois ele estava terminando uma construção em formato de “barracão” e ele pôs ali o levantamento de peso, e começou a chamar os meninos do COLUNI³⁹ para fazer com ele e começou ai, ele me chamou, ai eu disse para ele “olha professor, eu gosto é de correr”, e ele via sempre que eu entrava na pista uma da tarde e saia dez horas da noite, e ficava ali e corria, corria e corria, sem orientação de ninguém. Ai até que depois entraram alguns professores do atletismo. Aí em 1988 ele me chamou de novo e eu falei não, e continuei correndo. Eu encerrei a carreira de atleta correndo em 1986, mas continuei correndo. Eu corria trinta quilômetros todos os dias, todos os dias eu corria trinta quilômetros. Lavava roupa para estudante, e ai quatro horas eu deixava as roupas que tinham que lavar no outro dia de molho e saia correndo. Voltava, acabava de passar as roupas, colocava a mochila nas costas e ia entregar as roupas, isso era todos os dias. Em 1991, eu lavava roupa, fazia faxina e corria, e fui trabalhar em uma pizzeria, daí eu encontrei com ele (Davi) numa padaria, ele e o filho mais novo comprando pão, e ele me perguntou se eu tinha assistido o 1º campeonato brasileiro feminino de levantamento de peso que ele tinha feito em Viçosa em novembro e dezembro de 1990. Eu falei com ele que não. Eu falei que eu lavava roupa para estudantes, inclusive para duas estudantes do senhor que levantam peso, a Andreia e a Tatiana. Aí ele virou para mim e disse “você não quer entrar para o peso não? ”. Aí eu fiquei parada, pensando. E pensei: “porque não? ”. Foi em um domingo. Eu perguntei “quais os dias que o senhor dá treino e onde? ”. Lá no ginásio de esportes na Vila Gianeti às 16:00, segunda, quarta e sexta. Deu na segunda feira eu esqueci de ir. Ele passou de carro e me perguntou porque eu esqueci de ir. Eu fiquei tão sem graça. Eu disse “olá professor, desculpa”. Ele disse “porque você não foi lá? ”. Ele ainda falava um portunhol enrolado e quase não entendia. Eu perguntei qual era o outro dia que tinha treino? “Quarta feira”. Depois desse dia eu entrei lá e nunca mais sai, estou lá até hoje. Graças ao professor Davi Monteiro Gomes. Eu entrei por entrar, pois eu já tinha 35 para 36 anos. Em uma época que todo mundo falava que eu já deveria estar tricotando. Que a mulher era para casar, lavar roupa e cozinhar e que não tem força mais, que ela já não é mais nada nesse período. Daí para lá já começa a decair. Só que ele dizia que uma mulher só começa a decair aos 27 anos, só que eu estava com 35 anos. Aí entrei e comecei a treinar, pois o que eu gosto mesmo é a atenção do treinador e ser corrigida. Eu gosto demais disso, não precisa dele me colocar a disciplina, eu me coloco a disciplina, eu me cobro a minha disciplina. Eu só quero alguém me ajudando para que eu possa fazer certo, e isso ele fazia. Eu tinha tudo o que eu queria como treinador e eu segui direitinho e fui parar numa olimpíada com 43 anos. Não fui melhor do que eu fui porque eu machuquei minhas mãos. Eu estava no meio de mulheres mais jovens, a mais velha tinha 27 anos e a mais nova 16 anos. Eu fui a mulher mais velha em todas as modalidades nas olimpíadas de 2000. De todas as modalidades. E no levantamento de peso mesmo o

³⁹ Colégio Universitário da UFV.

pessoal ficava de boca aberta. Fui muito entrevista por jornalistas da China, do Japão, da Itália. E dizem que usam até hoje a minha imagem em palestras e colocam como um exemplo, principalmente na China, que é muito fechada, comunista, e as mulheres não podem viver como a Bete vivia: lavadeira, com aquela idade em uma olimpíada, e na 1ª olimpíada feminina do levantamento de peso.

LM: Bete, como você conciliava sua rotina de treinamentos e essa rotina de vida que você descreveu?

BETE: Sim, eu lavava roupa, corria, trabalhava em uma pizzaria, fazia faxina para os estudantes e treinava, treinava duro. Eu dormia 4 horas por noite. Eu lavava mais a roupa de madrugada e passava. E a maioria das roupas tinha que entregar a noite também porque os estudantes moravam na cidade e ficava na biblioteca até fechar, daí eu tinha que ir depois da meia noite. Então tinha dia que eu lavava e tinha dia que eu entregava. Até o professor Davi me cortar, ele me cortou em 1994, ano que eu parei de lavar roupa. Ele me disse: “se você quer ser uma atleta do peso você vai ter que parar de correr e de lavar roupa”. Aí, o que ele fez? Na época, já tinham alguns estudantes dentro do centro de treinamentos dele. Aí ele me colocou como monitora acompanhando a musculação com pesos livres para os estudantes, e com esse dinheiro que eu recebia, ele me fez parar com a roupa e com a pizzaria, ele me fez parar com tudo. Aí ele começou a me pagar. Ele recolhia o dinheiro dos estudantes que treinavam ali, pois não tinha outras academias na cidade, e com esse dinheiro ele me pagava. Repassava para a FUNARBE⁴⁰, a FUNARBE para o Departamento de Educação Física, e daí eles me pagavam.

LM: Então nesse momento a Universidade te apoiou.

BETE: É, mas assim que o professor Davi se aposentou me tiraram de dentro da Universidade porque eu não tinha o diploma de curso superior. Foi depois de Sydney, em 2008.

JP: Bete, nesse período de sua entrada no levantamento de peso, você recebeu apoio e incentivo de alguém? De seus familiares?

BETE: Eu não tinha um apoio do tipo “Vai lá, vai lá”, mas também não falavam nada, mas por dentro minha mãe estava remoendo para que eu largasse, porque o mesmo pré-conceito que eu tive na época que o professor Davi me convidou, o medo de ficar musculosa, de ficar parecendo homem, eu creio que ainda exista na cabeça das mulheres esse medo e esse pré-conceito. Os homens também têm esse pré-conceito das mulheres ficarem igual aos homens. Ai então eu sofri o pré-conceito de vários jeitos: da minha família eu acho que era esse de ficar musculosa, principalmente da minha mãe, eu sei que ela rezava por dentro para eu largar o peso, mas não me mandava largar, nunca falou nada. Meus irmãos nunca comentaram nada, nunca foram muito de falar. Depois

⁴⁰ Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE) é a entidade responsável em gerir recursos financeiros no âmbito da Universidade Federal de Viçosa.

que eu fui conversar com o professor Davi que ele foi me explicar: “olha Bete, você tem que ter mais curiosidade de buscar revistas, artigos para entender como o funcionamento da modalidade”. Eu nunca fui muito de me interessar, agora é que eu me interessei por estudar. O professor Davi foi me explicar sobre a progesterona, que não deixa crescer a musculatura e que a testosterona que aumenta a musculatura. Daí ele foi explicar que é o hormônio que faz crescer a barba nos homens. Aí eu fui vendo que era besteira que ficar com aquele pré-conceito, mas quando eu comecei a ganhar as competições, minha mãe viu que era sério. Com o dinheiro que eu estava juntando com a lavagem de roupa eu iria comprar uma casa para minha mãe, pois meu pai já tinha falecido. Nisso, começaram as competições e eu comecei a torrar o dinheiro que estava depositado para comprar essa casa nas viagens internacionais. Às vezes o que eu não podia pagar, o professor Davi pagava. O dinheiro que eu juntava para comprar a casa para minha mãe, eu entrei no peso em janeiro de 1991, quando foi dia primeiro de maio de 1992 eu fui campeã sul americana em Santa Fé na Argentina, e daí em diante eu comecei a tirar o dinheiro para viajar e ela ficou sem a casa, mas eu comecei a ter sucesso. Daí veio a Globo, a Record e um monte de emissoras para fazer entrevistas, daí minha mãe deu entrevista falando que gostava do levantamento de peso, que aprovava, e depois que a imprensa ia embora ela falava “eu também sou famosa, você me puxou porque eu sou forte”. Então quer dizer que o pré-conceito acabou quando ela viu que a mídia estava divulgando e que eu não estava sofrendo pré-conceito. Para ela, ela queria que eu largasse para que eu não sofresse o pré-conceito. Ela pensava que eu seria “apedrejada”. Que as pessoas falariam de qualquer maneira de mim na rua, nos lugares, na cabeça era isso. Eu nunca cheguei a perguntar, mas eu acho que era assim, e nisso ela ficou muito feliz em me assistir na televisão nas olimpíadas. Mas eu acho que o pré-conceito maior que eu sofri não foi até mesmo no peso não, foi mais na época que eu corria, alguns rapazes começaram a mexer comigo, pois eu era a única mulher que corria, e eu corria muito, eu ficava sempre em terceiro, quarto lugar no geral junto com os homens, e vários ficavam para trás. Daí os rapazes mexiam por que naquela época a gente corria com aquelas tanguinhas curtinhas, igual às meninas do vôlei. A gente era muito corajosa de correr com essas roupas, aí eles falavam que eu era homem, sapatão. E em umas das últimas vezes que eles mexeram, eu estava passando pela Av. Castelo Branco para retornar para a praça, foi no dia da corrida de Santa Rita no dia 22 de maio, daí eu passei e o homem mexeu, o outro falou assim “não mexe não cara que isso aí é sapatão, você é louco? ”. Eu continuei correndo, daí quando cheguei lá na frente eu pensei bem e voltei correndo e pus o dedo no nariz do cara e disse “olha, você quer experimentar para saber se é sapatão? Cale a boca que você não sabe de nada! ”. Eu era doida porque imagina que ele fala que queria experimentar, eu estava perdida. Eu não pensei para falar, podia ter falado de outra maneira. Esse cara não olha na minha cara até hoje de vergonha. O pré-conceito que eu sofri no peso foi de uma menina de 15 anos, eu estava treinando no departamento próximo da janela e de costas para a porta, daí eu estava fazendo 50 quilos de arranque, daí chegou essa menina na janela com a colega e ficou olhando e disse: “isso não é mulher não, isso é homem! ”. Me subiu um calor na cabeça, eu controlei e acabei de fazer minhas repetições, coloquei o peso no

chão para não soltar, olhei para trás e falei: “eu sou sapatão igual a sua mãe! ”. Elas ficaram sem graça e saíram da janela. Nisso o professor Davi me disse: “você não deveria fazer isso, você deveria chamar as duas, explicar para elas que não é assim, que não vira homem, que não é homem, que o peso é um esporte bom igual a qualquer outro”. Daí para frente eu parei de sofrer pré-conceito ou se eu sofria não percebia mais, passei a encarar de outra maneira. Eu comecei a explicar que as mulheres ficam bonitas com o peso, aumenta o glúteo e a coxa, fica bem bonito porque mulher gosta de perna grossa, no homem aumenta o peitoral, o homem usa mais força, por isso que o homem sofre mais para treinar o levantamento de peso que a mulher porque nosso centro de gravidade está abaixo do umbigo e as mulheres são mais baixas. Elas já têm uma postura adaptada para a gestação e no peso se trabalha muito com as pernas. Mãos e braços são apenas para segurar a barra abaixo e encima da cabeça, por isso as mulheres do peso dificilmente vão ter problemas de coluna. Para o homem é mais difícil porque ele é reto, não tem glúteo para formar essa curvatura que a mulher tem, daí eles sofrem mais. Os homens que tem bumbum e perna trabalhados se dão bem no peso. A gente trabalha isso desde novo com nossos atletas. As mulheres têm mais força nas pernas, os homens no peitoral. Eles gostam de treinar mais a parte de cima e não gostam de treinar agachamento e no LP é o tempo todo agachamento.

LM: Daí você conseguiu perceber essa questão da masculinidade ligada ao peso, ou seja, a quantidade de peso que se levanta. Quanto mais peso, mais se aproxima dos homens. Gostaria que você explicasse um pouco esse ponto.

BETE: Minha sobrinha teve um filho agora e eram quase 4 quilos que ela estava carregando na barriga. A gente não tem noção do que é carregar 4 quilos na barriga, eu pelo menos não tenho, nunca estive grávida nem sou mãe, mas pegar um peso de 4 quilos eu sei o que é. As mulheres usam pernas para levantar peso o tempo todo. Nós temos mais facilidade que o homem para levantar o peso. A mulher pode levantar 100 quilos e colocar lá encima mais seu peso corporal, então nós temos mais facilidade que os homens. Às vezes dizem na modalidade que a mulher é fraca e que levanta pouco peso, mas pega a proporção do peso corporal do homem, do peso corporal da mulher e o total que a mulher levanta, e o total que o homem levanta, daí você divide isso e joga no coeficiente de uma tabela de proporção e você vai ver quantos quilos de peso cada quilo corporal meu levanta e do outro levanta, aí vamos ver quem é mais forte e quem ganha. Aparentemente, a mulher levanta menos, mas se fizer a proporção. Por exemplo, um homem na categoria de 77 quilos e a mulher na última categoria acima de 75 quilos. Se você pegar uma mulher de 75 quilos e 100 gramas, e o homem na categoria de 77 quilos, a mulher está levantando mais peso visualmente que o homem. Tem uma chinesa que fez 190 quilos de arremesso e dizem que ela já fez 197 de arremesso. Na minha época, o cara que era o melhor e que representou o Brasil nas olimpíadas, o Edmilson Dantas, sofreu para fazer os 197, e ela fez mais que ele. A proporção deve ser feita. O professor Davi nunca deixar de dar aulas para mim, por isso eu gostava de treinar com ele, pois além de técnico, ele me chamava e dava aulas o tempo todo,

ensinava trajetória de barra, como diferenciar atletas que tem mais força ou mais técnica daqueles que falta força e técnica, daí como deve ser aplicado o treinamento, como se planeja, quantas repetições devem ser feitas. Tudo isso ele foi me ensinando e nisso eu fui aprendendo. Mas o maior pré-conceito para mim foi mesmo quando eu fui campeã, aí começou a divulgação da mídia, e a globo é muito sensacionalista, principalmente quando eu fui para Sydney. Fizeram uma matéria comigo falando que eu era uma lavadeira, essas coisas. Aquilo ali eu acho que tocou as pessoas, mas eu não gosto muito desse sensacionalismo, ou é ou não é, eu estou ali porque eu gosto, não porque eu sou uma “coitadinha” que saiu de um tanque de lavar roupa. Porque se eu levantei o peso eu mereço ir, porque eu levantei o peso e pronto. Mas um dos maiores pré-conceito nisso é por conta da minha cor. Hoje eu estou no que eu estou é por causa da minha cor, não porque eu levantei peso ou entrei no LP. O pré-conceito não é por causa do peso, é por causa da minha cor e porque eu não tenho um diploma na mão. Porque me falaram “se você fosse loira dos olhos azuis você não perderia seu emprego. E vocês acham que eu ligo? Isso me deu mais força para continuar. Aí depois eu fiz um campeonato mineiro onde eu montei meu projeto, na quadra aberta, que me dá muita alegria, apesar da estrutura não ser adequada.

JP – Bete, gostaria de retornar um pouco e que você falasse sobre seu período de atleta. A relação com as outras atletas, dos campeonatos em que vocês participaram, ou seja, como era o trabalho da equipe feminina do LP aqui em Viçosa antes dos Jogos Olímpicos de Sydney?

BETE: Olha, quando eu entrei no peso tinha umas 5 ou 6 meninas que eram estudantes do curso de Educação Física, aliás, todas as atletas que iniciaram aqui com o professor Davi no feminino eram do curso de Educação Física. Tinha apenas uma que era da Matemática, a Catarina, que era da cidade de Ervália me parece. Hoje ela é doutora em matemática e é professora aqui na Universidade. Aí eu comecei e fui a última atleta do professor Davi a entrar, pois já tinha a equipe feminina. Eu entrei porque ele esteve no campeonato brasileiro em dezembro de 1990 com essas meninas. Era a Tatiana, Caterine, Ana Paula, Simone, Andreia, Uraci, Cristina, que é de Vitória, e tinha uma outra menina [pausa] Iara⁴¹, que era minha vizinha na Vila secundina. E quando eu entrei eu fui uma das últimas a entrar, e eu cheguei ali, eu via aquelas meninas levantando peso e eu não queria ficar para trás. Eu sempre fui muito competitiva. Para vocês terem uma ideia eu fico competindo comigo mesma até hoje. Por exemplo, se eu estou a pé e tenho que andar uma boa distância, como eu fiz para chegar aqui, eu ando muito rápido, e se tiver um grupo de homens ou mulheres na minha frente andando, eu ando mais rápido só para passar na frente e ganhar deles, a minha cabeça funciona assim, e de bicicleta é a mesma coisa, se eu estou andando eu não quero ninguém na minha frente, eu tenho que ser a primeira. Então eu entrei no LP e não queria ficar para trás, e logo quando eu entrei entrou outra menina do curso de educação física, baiana,

⁴¹ De acordo com pesquisa documental em edição de um jornal de grande circulação em Viçosa, o nome das atletas da equipe feminina de LP brasileira era: Caterine, Andréia, Lecy, Tatiana, Bete, Uraci e Simone.

pequeninha, chamada Leci. Ela era muito forte e por ela ser mais baixa do que eu ela tinha mais facilidade que eu para puxar o peso por conta da distância menor do chão. Ela era mais baixa e mais rápida do que eu, e eu não concordei. Certa vez eu puxei o peso e me machuquei. Ela puxou 70 quilos e colocou no peito, eu puxei 70 quilos, coloquei no peito, mas agachei, daí a barra caiu e pegou no meu dedo, que até ficou torto. Eu fiquei com muita raiva, pois eu era muito competitiva. Daí o professor Davi me chamou e falou que não podia ser desse jeito. Daí para frente eu entendi as coisas e nós formamos uma equipe muito forte. A equipe mais forte do Brasil era a feminina. Só que aí, depois de uns 2 anos que eu entrei elas formaram e foram embora e eu fiquei sozinha. Eu continuei sozinha, mas quando eu fui campeã sul americana em 1993 já estavam surgindo outras meninas para treinar o peso, e quando foi em 1997 surgiu um rapaz chamado Guilherme, alto, que fez uma entrevista comigo e foi para a Globo de Belo Horizonte. Ele fez uma matéria comigo e daí surgiu mais meninas, mas o professor Davi não pegou e jogou para eu auxiliar nos treinos. Daí eu comecei a trabalhar em 1993 com treinamento, pegando os meninos e meninas que iam aparecendo. Então aí a convivência foi assim, quando eu decidi entrar de cara eu fui recebida por todas, todas treinavam na mesma barra, todo mundo junto treinando com barras masculinas e quando aconteceu esse acidente comigo eu afastei delas, não elas afastaram de mim. Daí eu voltei aos poucos e elas iam saindo, iam formando. Daí entrou outra menina, a Alessandra, que fazia o curso de educação física também. Ela era muito alta e forte, daí o professor Davi notou que ela podia ter um potencial, mas ela tinha as coxas um pouco mais finas que as minhas e os ombros mais largos, daí o professor Davi notou que ela era forte, mas nem tanto. Ela se tornaria mais forte ainda se ela se tornasse igual a uma Bete, com força de vontade, determinação, coragem para fazer. E nisso o professor Davi começou a treinar nós duas juntas, colocando a gente para competir. Nós tínhamos que retirar a barra no arranco e no arremesso. Ela fez 130 no arranco e 150 de arremesso. Eu fiquei tão danada com aquilo e ele fazia questão de me cutucar que ela era mais forte do que eu. Daí eu cheguei perto dele e pedi para experimentar fazer com essa carga. Ele falou que podia e que eu não iria conseguir. Daí eu fiz 160 de arranco e 180 de arremesso. Eu provei que eu era mais forte mesmo tendo mais idade. Era uma convivência meio tumultuada por minha parte porque eu queria ser sempre a melhor e não é por aí, pois a idade vai chegando e a gente tem que dar espaço para os jovens. Mas até hoje eu ainda tenho em minha cabeça que se eu treinar e voltar para minha categoria dos 48 quilos eu ainda ganho de algumas meninas por aí, pelo que eu estou vendo aí de base de treinamento, de conhecimento de treinamento eu ainda ganharia. Eu estou pensando seriamente em participar do campeonato brasileiro esse ano.

LM: Na categoria máster?

BETE: Não, pensei em competir de igual para igual. Eu sou tetra campeã mundial máster. Eu ganhei três vezes consecutivas e eu estou com vontade de voltar. Eu parei de ir no máster porque a gente tinha que pagar tudo. É muito caro e eu já não tinha dinheiro. O dinheiro que eu juntava para comprar a casa da minha mãe acabou e eu não tinha de onde tirar mais. Depois eu comecei a trabalhar e ganhar dinheiro e, ao invés de

ir para o máster eu não fui, pois não dava tempo de treinar mais. Eu cheguei a dar treino para 172 meninos. Eu começava 7 horas da manhã e acabava meia noite. E além de tudo tem que planejar o treino e passar no papelzinho para eles. Cada um tinha sua cadernetinha. Era muito trabalho, e eu não tinha o dinheiro para competir no máster no pan-americano e no mundial. Eu poderia estar indo, mas decidi investir nos meninos e esqueci de mim. Mas hoje, eu fiquei de 2008 até o início do ano passado sem receber. Eu estava trabalhando de graça, ninguém me pagava. E agora é que a Confederação resolveu me contratar de novo, como treinadora de base. Mas eu não sou treinadora de base, fui e sou treinadora de todos, e é isso que eu quero continuar fazendo.

JP: Bete, agora nós vamos falar dos Jogos Olímpicos de Sydney. Gostaria que você falasse sobre esse período em que você aguardava a entradas das mulheres nos Jogos e como foi sua preparação para a competição?

BETE: Na verdade eu não sabia que as mulheres iam entrar para os jogos olímpicos no peso. Eu seguia as dicas do professor Davi, que era um cara muito otimista. Ele já falava para mim anos, antes de eu cogitar qualquer coisa, que um dia as mulheres iam entrar nas olimpíadas. Ele sempre foi assim, sempre puxando a gente e falava que era mais fácil de lidar com as mulheres no LP do que com os homens. Ele me deu muita segurança no LP, me forçou a treinar e eu treinei com mais garra para chegar numa olimpíada, porque ele falava que com os homens era mais complicado, até palavrão ele tinha que falar com eles. Mas com as mulheres ele nunca precisou falar palavrão, nunca foi de xingar. Ele batia no corpo dos homens para incentivar a levantar o peso, e com as mulheres ele aprendeu a lidar com essa delicadeza da mulher num esporte tão bruto, e aí ele transformou as mulheres no LP aqui em Viçosa. Então ele falava comigo que um dia as mulheres iriam entrar para as olimpíadas no LP. Ele comentou que a primeira vez que as mulheres competiram foi no mundial de 1986, daí ele falou comigo que se eu tivesse participado desse mundial eu teria sido campeã, pois ele tinha a súmula e os resultados. Um dia eu estava treinando em uma plataforma e ele estava atrás de mim lendo o jornal, mas me corrigindo, daí eu virei para trás e falei que ele podia escrever que um dia nós iríamos para as olimpíadas e seria a primeira vez que ele iria para as olimpíadas como treinador. 2 anos depois foi anunciado que as mulheres iam para as olimpíadas e aí começamos essa caminhada incerta, pois não sabíamos se eu conseguiria essa vaga. Aí ele fez muita força para me levar para o mundial, pois o mundial é que daria a vaga para as olimpíadas. Só que no mundial a classificação era por equipe, e mesmo eu indo sozinha, a vaga não seria garantida para mim. Nesse período alguém poderia fazer uma marca melhor, eu poderia machucar e aí outra entrar. Então não tinha nome garantido e eu participei do mundial da Grécia em 1999. O Brasil não tinha equipe feminina para levar, daí eu fui sozinha. O professor Davi pagou para eu ir. Eu fui e peguei 17º lugar e daí eu ainda não tinha a vaga, porque mesmo sozinha, eu deveria ter ficado até o 15º lugar. Aí o professor disse que a gente não tinha conseguido, mas que tinha a repescagem que é o sul americano. Mas mesmo assim o Brasil deveria ir com uma equipe. Daí que pensei bem e falei para o professor Davi que só poderia ir uma por equipe na olimpíada. No LP você só podia levar no máximo 5 mulheres. Não pode levar

a equipe completa porque o número de pessoas seria muito grande. Então nisso eu peguei 17º lugar e fiquei pensando, o Japão estava com 2 meninas na minha categoria, a China com 2 e vários países com 2 atletas também. Aí ele ficou pensando e disse que talvez a gente poderia conseguir a classificação ali mesmo para o Brasil. Ele conversou com os organizadores e eles foram tirando, daí eu caí para 12º lugar e consegui a classificação para os jogos no próprio mundial da Grécia. Só que o professor Davi não me falou, ele ficou calado para não criar aquela expectativa ou ansiedade em mim. Daí viemos embora. Fomos para o sul americano na Argentina que era a repescagem. Se o Brasil conseguisse até a 3ª colocação poderia levar 1 atleta para as olimpíadas, inclusive foram 2 atletas que eu dava treinos para elas, que era a Valdirene e a Rafaela. Eu fui de 48 quilos, a Valdirene de 53 quilos e a Rafaela de 58 quilos. Pegamos as meninas de São Paulo e fomos para o sul americano. Quando eu cheguei eu estava com uma dor na perna e tentei fazer alguns alongamentos com ajuda de um amigo e piorou muito a dor. Daí eu fui para essa competição seletiva com essa lesão. Chegando lá eu perdi no arranco. Peguei prata no arremesse e quarto no arranco, e a outra atleta do clube Pinheiros pegou 5º lugar. Aí até então o Brasil não tinha conseguido classificar ninguém nessa seletiva de repescagem, pois nós ficamos em 4º por equipe, e viemos embora. Uma semana depois, o presidente da Confederação sul americana de LP ligou para o professor Davi e disse: “Davi, prepare as malas que o Brasil conseguiu 1 vaga para os jogos olímpicos”. Eu já tinha classificado lá no mundial e ele ainda não tinha me falado. Aí o professor Davi me chamou, e ele fica muito feliz, muito eufórico, mas ele não demonstrou muito. Daí ele falou que o Brasil tinha conseguido a vaga para os jogos olímpicos feminino. Eu gritava que ia para a olimpíada, pulava de alegria. E nisso começou aquele trabalho mais intensivo comigo. Eu treinava de manhã e de tarde, minha mão rasgava, eu não cortava a pele para não piorar. Deixava a epiderme nova nascer. Eu treinava com a mão pingando sangue, mas cheguei lá. No dia que o professor Davi falou que minha roupa ia chegar, ele pediu que eu preenchesse uma folha, pois o uniforme teria que ser todo do COB, daí eu vibrei de novo porque a ficha estava caindo que eu iria para as olimpíadas e o professor Davi também (riso). Treinei muito e fomos. Eu fui direto para Sidney e as atletas já estavam a meses treinando em Camberra para fazer aclimação, adaptando. Então eu cheguei no centro de treinamento para treinar em Sidney sozinha e fui ver as plataformas, todas novinhas, barras masculinas, femininas. Daí foi a Bete pegar uma barra feminina pela primeira vez, tirando do plástico. Essas barras tinham umas ranhuras que não davam calos e sim arrancava a pele da mão da gente. Eu sempre treinava com barras masculinas, que eram mais grossas. Eu sempre pegava em gancho para travar a barra quando a mão estivesse suando, para evitar de cair nos joelhos quando estiver ajoelhado, então o agarro na barra tem que ser em forma de cunha. Daí eu tive que deixar a unha crescer, porque a barra masculina tem 28 milímetros e a barra feminina tem 25. Eu sempre treinava com barras velhas masculinas. Daí eu fiquei toda feliz de treinar com barras femininas novas, mas elas corroeram as palmas da minha mão. Depois de 2 dias começaram a chegar as outras mulheres que estavam em Camberra, daí eu, ao invés de continuar treinando com as barras novas eu comecei a treinar com umas barras que já estavam com uns pontos de

ferrugem por causa do suor. Daí eu peguei sem proteção nenhuma e peguei uma bactéria, uma infecção que quase perdi a mão. A mão esquerda foi a pior, eu tenho a cicatriz até hoje e essa aqui foi menos. Daí eu competi mal por isso, mas até chegar lá foi muito bom e eu pude treinar ao lado do mito do LP masculino, o Nain, aquele baixinho recordista mundial. Era muito bom na vila olímpica e eu ia todo dia para treinar no horário deles. Cada país tinha uma plataforma para treinar em determinado horário. Países que tinham mais atletas tinham mais plataformas e mais horários para treinar. Eu tive contato com todos os atletas do mundo. A nata do esporte do mundo estava dentro da vila, que funcionava 24 horas. Restaurante imenso com comida de vários países funcionando 24 horas. Eu ficava sempre regrada por conta do meu peso corporal que não podia subir, e o professor Davi ficava vigiando, pois não podia tomar muito líquido como sucos e refrigerantes. Eu tive muito contato com atletas do vôlei de praia, com o Guga na fisioterapia. Eu fui encaminhada para tentar fazer um tratamento na mão, mas ela já estava muito infeccionada. Aí eu falei para o Guga que ele era muito famoso, ele me abraçou, me levantou e falou que famosa era eu. Foi uma experiência única, e para viver essa experiência só em outra olimpíada. Mas nunca se repete, pois os atletas serão diferentes. Eu mesma fui com 41 anos no LP, a idade mínima de treinamento para tentar chegar a uma olimpíada é 10 anos para o homem e 8 para a mulher. Uma mulher teria que treinar 8 anos todos os dias para tentar chegar a uma olimpíada, para tentar chegar, e não é para ser a campeã, e o homem 10 anos. Para você ter ideia, na China tem 1 milhão de pessoas levantando peso. Tem uma cultura do esporte. Então a atleta da China que eu competi com ela em Sidney, quatro anos depois seria uma atleta totalmente diferente na categoria, pois aquela de 2000 iria passando e outras chegando com marcas melhores. No Brasil essa renovação é complicada.

JP – Gostaria que você falasse das novas gerações de atletas do LP. Que diferenças você percebe nessa geração em comparação com a sua?

BETE – A diferença maior que eu percebo nessas novas gerações é que elas têm meios muito mais elevados que os meus. Eles têm a bolsa atleta do Governo Federal, tem a Petrobrás, tem o Governo Estadual, Governo Municipal. Então esse atleta tem uma quantia de dinheiro nas mãos que ele não tem que reclamar de nada em termos de alimentação, ele tem tudo, do bom e do melhor para se alimentar bem. Caso tenha uma lesão, ele tem também estrutura médica e de fisioterapia, nutrição, dentista. Agora tem outra coisa que me chama a atenção e que deveria ser estudado é a quantidade de lesões dos atletas de hoje, pois isso é uma preocupação. O que é? É o suplemento? Que aumenta muito a força e eles não aguentam no momento de executar o movimento? Então tem uma preocupação com esses jovens de hoje, pois eles levantam muito mais peso do que eu, mas estão se lesionando muito mais. Tem atleta que já fez duas, três cirurgias. Tem que chamar a atenção para isso, para que eles possam representar o país com marcas melhores que a minha, mas respeitando seu corpo, pois nossa ferramenta de trabalho é o nosso corpo. Tem que melhorar o planejamento desses treinos para se desenvolver força e técnica. Os treinadores têm que ter essa clareza, pois a competição não é só de atleta e sim do treinador, e tem treinadores que lesionam os atletas nas

competições, pois colocam cargas que a pessoa nunca fez no treinamento e o atleta tem que dar conta de fazer. O professor Davi na minha época nunca me forçou a fazer nenhuma carga maior do que eu já tinha conseguido levantar nos treinamentos, e eu passo isso para meus atletas, vocês têm que conhecer o seu corpo e os limites para poder competir bem, e tem que cobrar o treinador para que ele não leve ao limite e lesione os atletas. O professor Davi fazia um planejamento e estudava ele, Bete fez tantas repetições com 70 quilos no arranco, então ela tem que fazer mais tantas repetições para conseguir fazer 72 quilos na competição. Então ele começava os campeonatos com 95% de 70 na primeira tentativa, 100 % na segunda e daí ele sobe na terceira para eu tentar fazer, mas são só 2 quilos a mais e eu teria condições de fazer as repetições durante o treinamento. Ele não vai colocar para mim 80 quilos, pois ele sabe que eu não vou dar conta de fazer, eu iria me machucar e ficar fora de outros campeonatos, e o que adiantaria?

LM - Você também atua com arbitragem, Bete?

BETE - Eu passei na prova no ano passado e sou a primeira árbitra do Brasil, e posso arbitrar agora qualquer competição, todas nacionais e internacionais, além das olimpíadas. Arbitrar mundiais, sub 15, sub 17, sub 20 a adulto, todas essas competições eu posso arbitrar. Graças ao professor Davi Monteiro Gomes, que está me orientando em tudo que eu aprendi e que eu ainda estou aprendendo com ele. Eu estou muito feliz porque eu estou conseguindo trabalhar com vários jovens. Agora aqui nos Jogos do Brasil vamos ter 2 vagas para o feminino.

JP – Bete, você acredita na popularização do LP para mulheres no Brasil? E quais os principais desafios nesse processo?

BETE – Olha, no LP hoje no Brasil nós já temos muitas mulheres, mas ainda é pouco pois somos milhões de brasileiros para ficarmos resumidos a Minas Gerais, Rio e Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraíba. O problema nosso é essa quantidade de gente no país e a pouca representatividade do LP feminino. Imagina se apenas em Minas Gerais, se você tivesse um menino e uma menina por município disputando, seria muito mais gente para tirar um atleta de ponta. Daí vem a decepção porque o Governo não investe, é praticamente só futebol. Eu tenho essa decepção com o Brasil por não melhorar o LP. Ele é um esporte que atinge qualquer faixa etária, qualquer classe social, qualquer corpo, pois é um esporte que serve para todo mundo. O vôlei, o tênis e a natação por exemplo, seu pai precisa ser sócio de um clube, que pobre que tem cota em clube? Então o LP tem uma facilidade de atingir mais pessoas. Mas aí entra o problema, o governo não dá apoio porque nosso material é importado, uma barra masculina pesa 20 quilos e mede 1 metro e 20, mas tem que vir com mais 80 quilos de peso, e daí chega a 7.500 dólares, fora o imposto para colocar o material dentro do Brasil, então não populariza o LP. Agora, sobre uma maior divulgação de nosso esporte no Brasil, tem que combinar com os professores universitários para colocar o esporte como uma disciplina no currículo dos cursos de Educação Física nas Federais para termos gente com conhecimento quando for para o mercado de trabalho. Outra coisa é colocar

peessoas com conhecimento para administrar o esporte, daí ele pode crescer. Tivemos um problema de pessoas que não conseguiram administrar a equipe de Viçosa, que era campeã sul americana. Hoje temos vários treinadores no Brasil que não vieram do peso e estão trabalhando. Hoje basicamente tem dois treinadores que estão com os melhores atletas, o Dragos e o Luiz Lópes, um romeno e outro cubano. O Luiz Lopes foi campeão por Cuba e até hoje acho que ainda faz uns 150 quilos. Ele vem de uma escola cubana de esporte em que até os atletas tem aulas teóricas. Eles ao fim da carreira saem com uma profissão, grande parte em Educação Física. Então eu penso que para o esporte desenvolver no Brasil temos que ter pessoas qualificadas na modalidade em todos os sentidos. Eu fui atleta e agora sou treinadora, é isso que eu sei fazer bem. Tem que procurar alguém na modalidade que teria esse conhecimento para poder contribuir. Temos que bater na tecla que tem que colocar alguém da área para que o LP se desenvolva. Quando o governo perceber o retorno que o LP pode dar de medalhas para o país eles podem até se animar mais em investir.

JP – Gostaria que você falasse dos seus sonhos.

BETE – Um grande sonho que eu tenho e que gostaria de colocar em prática, mas que não depende só de mim era formar outros treinadores, porque não adianta eu e o professor Davi morrermos e não passar o conhecimento para frente, o esporte não vai crescer. Eu tinha vontade de formar essa equipe que era o sonho do professor Davi. Ele chamava de equipe volante, que seriam treinadores formados por nós e que iriam atuar e ser pagos pelo governo estadual ou municipal. Primeiro formava nos grandes centros, depois iriam para os municípios do interior, e daí ia crescendo. Esse é um sonho que eu tenho, mas eu acho muito difícil. Outro sonho seria eu montar cursos de LP com palestras que eu iria dar para estudantes de educação física, independentemente deles serem treinadores no futuro, que seria um treinamento de base para LP ou *crossfit* para que as pessoa não tivessem lesões, assim como eu não tive. O *crossfit* lesiona muitas pessoas por conta da falta de base dos praticantes. O problema não é o *crossfit* e sim a falta de base do pessoal que pratica, e eu posso dar essa base. Não importa a idade para fazer o LP, todos podem fazer, mas com a base certa. Se uma pessoa de 60 anos começa no LP você tem que dar uma base de uma criança de 8 anos para ela, isso que vai fazer com que a pessoa não se lesione. Todos meus atletas passam por esse treinamento de base para quando chegar lá encima estar com o joelho bom, coluna boa, cotovelo bom. Esse então é um dos meus sonhos, que com o diploma da faculdade eu possa colocar em prática e dar as palestras. Mas eu queria deixar alguém na equipe e não deixar morrer, porque se eu sair eu tenho medo da equipe acabar, eu sou uma só para cuidar de tudo. Para você ter uma ideia, hoje a presidente da federação mineira sou eu, ninguém quer assumir. Eu mesmo tive que tirar dinheiro do meu bolso para legalizar a federação, e ninguém vai me ressarcir. Esse ano vamos em um campeonato sub 20 que é 100 reais a inscrição de cada atleta, quem vai arcar com tudo sou eu. Eu não sei como eu vou pagar pois eu vendo latinha, sinceramente eu não sei como vou pagar. Eu vendi recentemente 120 quilos e não deu para pagar a comida deles em um campeonato que fomos. Não tem condição. Como é que cresce o esporte?

LM – Até quando Bete continuará lutando? Essa é a pergunta final.

BETE – Até o dia que eu morrer eu vou continuar buscando e lutando. O professor Davi sempre me chama a atenção dizendo que eu recebo meu dinheiro e fico torrando tudo com os meninos. Ele pede para eu juntar meu dinheiro. Eu tive até uma sorte quando eu fui nas olimpíadas pois me perguntaram com que sabão eu lavava roupa para os estudantes, eu falei que era o sabão brilhante, e o repórter falou isso na matéria. O cara da empresa viu e ficou louco para fazer uma propaganda e me deram um patrocínio. Com esse dinheiro eu comprei um apartamento no centro para colocar para alugar. Depois que as antigas inquilinas saíram nunca mais consegui alugar. Hoje quem está me sustentando é minha irmã mais nova. Ela é formada em economia doméstica e trabalhava em uma lavanderia de hospital, mas ela teve que deixar o emprego, pois minha mãe morreu em maio de 2007. Daí ela fez um concurso na prefeitura no fim de 2007. Hoje ela paga o INSS para mim e dá a comida para que eu possa continuar trabalhando. O professor Davi puxa minha orelha e diz que eu preciso colocar a cabeça no lugar. Eu não vou conseguir mais fazer isso de ficar me endividando para levar atletas em competição, uma que eu já estou mais velha, eu tenho que colocar a cabeça no lugar e cuidar um pouco de mim. A gente quer carregar o LP nas costas, pois a gente quer que a modalidade cresça, mas precisamos cuidar de nós também. Eu acho que quando eu concluir meu curso outras portas vão se abrir e vai melhorar. Hoje eu não vivo mais pelo amor ao esporte, pois amor ao esporte não enche nossa barriga. O amor ao esporte tem que parar de existir, pois nós que somos os profissionais de educação física temos que ser valorizados e receber justamente pelo nosso trabalho. E assim temos que ir seguindo.

JP – Bete, você gostaria de acrescentar algo?

BETE – Não, não, eu agradeço a entrevista e espero ter conseguido falar tudo para sua pesquisa. Obrigado.

JP – Nós que agradecemos, Bete.

FINAL DA ENTREVISTA

ENTREVISTA 2

Ano da entrevista: 2019

Horário da entrevista (início): 22:30

Horário da entrevista (término): 23:14

Nome do entrevistador: João Paulo Fernandes Soares

Nome da colaboradora: Jaqueline Antônia Ferreira

Data de nascimento: 05//03/1987

Idade: 33 anos

Estado civil: Solteira

Tem filhos? () sim (x) não

Grau de escolaridade: Superior completo em Educação Física.

Profissão ou ocupação: Atleta e treinadora de LP

JP – Gostaria que você falasse para mim sobre a composição de sua família, número de pessoas e como foi a sua infância no que se refere à prática esportiva.

JAQUELINE – Eu fui nascida e criada em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, na baixada fluminense do Rio de Janeiro com um pai, mãe e uma irmã, muito rodeada por familiares sempre, e na família não tinha nenhum atleta ainda, nem essa cultura esportiva. Eu sempre gostei muito de esporte, mas infelizmente nos colégios públicos que eu estudei não era muito incentivada a prática. Até conheci uma professora de educação física no ensino fundamental que organizou campeonatos mesmo sem quadra, sem condições. Ela fez uma olimpíada interna na escola, selecionou os melhores e levou para a Vila Olímpica aqui de Duque de Caxias para competir os jogos estudantis. Eu acho que isso foi em 2000 ou 2001. Nessa competição na vila olímpica de Duque de Caxias e eu me destaquei em duas modalidades, que foi o lançamento de pelotas, que eu era infantil ainda, e nos 400 metros rasos. Com isso eu fui convidada pelo técnico do atletismo para treinar. Daí fiz atletismo por 2 anos e meio e aí eu conheci o levantamento de peso (LP) por conta de uma outra atleta que treinava atletismo também na vila olímpica de Caxias. Ela me falou que eu não tinha noção do que era o esporte, nunca tinha visto nem ouvido falar, mas como ela falou, eu me interessei e fui procurar saber como era. Pedi o endereço para ela e ela me indicou aonde o atual técnico da seleção Dragos dava treino, daí que fui fazer um teste com ele.

JP – Fora o atletismo, você chegou a praticar outras modalidades antes de sua entrada no LP?

JAQUELINE – Eu pratiquei apenas o atletismo mesmo e entrei com 16 anos no LP.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua adolescência e como você acha que as pessoas percebiam sua condição de atleta, primeiro no atletismo e depois no LP?

JAQUELINE – Bem, na época do atletismo eu não tinha muito destaque, até participei de algumas competições sem expressão. Quando eu entrei no LP as pessoas se chocaram um pouco, a família foi meio contra, acharam que era um esporte para

homem, que o corpo ia ficar masculinizado e outros mitos mais que existiam na época. Foi um pouquinho difícil, mas conforme o esporte foi aparecendo um pouco mais eles foram vendo que não era nada daquilo que eles pensavam, daí foi melhorando a situação.

JP – E quais foram as pessoas que nesse primeiro momento te incentivaram em sua decisão de entrar para o LP?

JAQUELINE – Foi uma decisão minha, mesmo. Meus pais nunca me incentivaram. Na verdade, eles nunca se meteram, mas também não se opuseram. Quando eu fiz o atletismo, minha mãe era mais preocupada, de eu estar fora de casa, de ir a lugares estranhos, então ela às vezes reclamava um pouco. Na minha primeira viagem ela até se recusou em um primeiro momento a dar a autorização. Mas anos depois a gente vai entendendo que era aquela preocupação de mãe, de filha que nunca tinha saído da cidade, imagina, agora vai sair do país. Então era uma coisa muito além do que ela entendia, ela nunca teve essa experiência, não convivia com isso, então foi muito difícil para ela.

JP – Gostaria você me falasse sobre sua escolha do LP para uma carreira profissional.

JAQUELINE – É o que eu sempre digo, não é a gente que escolhe o esporte e sim o esporte que escolhe a gente. Eu gostava muito do atletismo, mas eu não tinha talento e com o LP eu me destaquei muito rápido, no primeiro ano eu já consegui uma medalha no campeonato brasileiro, coisa que eu nem cheguei perto no atletismo. Então isso faz você se apaixonar pelo esporte, e também, conforme foi passando o tempo eu fui conhecendo as regras e tudo o mais e eu fui me apaixonando porque é um esporte muito desafiador, então, no início foi mais pelo destaque, mas depois eu fui me apaixonando e chego a te falar, se lá na minha infância eu tivesse conhecido o LP, eu escolheria pelo esporte ser desafiador, eu gosto disso.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua relação com os treinadores em sua trajetória.

JAQUELINE – Meu único treinador foi o Dragos, no levantamento é claro, e ele foi a base de tudo porque no início eu não tinha condições de bancar a passagem, pois eu vinha da Baixada para o centro da cidade. Eu gastava muito com passagem e ele me ajudou bastante, ele é que bancava a passagem e dava o maior apoio, foi ele que conversou com meus pais, ofereceu todo o suporte então eu tenho ele como um segundo pai porque ele é muito mais que um treinador, ele é um educador porque ele incentiva não só no esporte, mas na vida. Todos os atletas dele são formados, todos da primeira geração fizeram Universidade, então ele é muito incentivador nessa área humana, ele é muito humano, então a relação com ele é muito mais do que de treinador e atleta.

JP – Eu notei na sua fala uma preocupação dele com o pós-carreira de atleta.

JAQUELINE – Com certeza, é isso mesmo!

JP – Gostaria que você falasse como é sua rotina de treinamentos.

JAQUELINE – Bem, antes, a gente treinava de segunda a sábado e em alguns períodos era de 3 a 6 horas de treino por dia. Hoje em dia, nossa rotina está diferente. Depois de 2016, os investimentos cessaram, não só no LP, mas em praticamente todas as modalidades, então vários adultos tiveram que começar a se mexer para se sustentar, começaram a trabalhar fora, a dar cursos, então hoje em dia a gente treina bem menos, treinamos uma vez só ao dia. Alguns atletas nem treinam mais todos os dias mais e é isso aí a nossa realidade.

JP – Gostaria que você falasse das conquistas em sua trajetória.

JAQUELINE – Com certeza foram os primeiros Jogos Olímpicos, que foi uma colocação histórica. Foi a melhor colocação de uma brasileira em uma olimpíada, e depois com os casos de *doping* eu acabei herdando o quinto lugar. Então com certeza foi marcante porque foi minha primeira olimpíada e foi uma competição perfeita, que eu não errei nenhum movimento. Então essa com certeza foi a mais marcante. Também teve os jogos pan-americanos em 2015 em Toronto, que foi minha primeira medalha em jogos pan-americanos, foi bem legal também

JP – Gostaria que você falasse sobre a inserção das mulheres no LP. Quais são os desafios desse processo?

JAQUELINE – Hoje eu posso afirmar que, no panorama atual, o quantitativo de mulheres é maior do que o de homens. Acredito que seja pela falta de investimento, daí a gente não consegue segurar o atleta masculino por muito tempo. Logo ele tem que deixar a modalidade para trabalhar e se sustentar e acabam abandonando. A mulher a gente consegue segurar um pouco mais por questões familiares mesmo. Pelo menos aqui no Rio de Janeiro essa é a nossa maior dificuldade com os atletas masculinos, pois não temos como incentivar. Eles não recebem nenhuma ajuda e acabam abandonando a modalidade para trabalhar.

JP – Não sei se você concorda, mas percebi que antes existia um fluxo de atletas que chegavam ao LP pelo atletismo, agora eu noto que há atletas que vêm do *crossfit*. Isso procede?

JAQUELINE – É exatamente isso, antes se vinha do atletismo porque o primeiro contato que o Dragos e outros treinadores tiveram foi com treinadores do atletismo, porque ele, como estrangeiro, não tinha de onde atrair atletas e crianças. Daí ele entrou em contato com treinadores de atletismo e pediu indicação de alguns atletas, por isso a maior demanda era dos atletas do atletismo, e hoje sem dúvida tem vindo mais do *crossfit*, porque a modalidade reapareceu através do *crossfit*, na verdade ela começou a ser mais conhecida por causa do *crossfit*, começou a ser mais valorizada por causa do *crossfit*. Então tem vindo muitos atletas, mas é bem difícil chegar crianças, a nossa maior dificuldade de renovação é essa, porque tem chegado poucas crianças, pois o

peçoal que vem do *crossfit* já vem com uma idade mais avançada, e com isso tem maior dificuldade de se especializar na modalidade.

JP – Gostaria que você falasse se percebe algum pré-conceito com mulheres no LP.

JAQUELINE – Não mais, no início eu te falei, pela questão das pessoas não conhecerem e achar, confundirem muito com fisiculturismo, daí no início a gente sofria muito pré-conceito, mas hoje não, hoje em dia somos muito bem vistas.

JP – Fale mais sobre esses pré-conceitos que você percebia no início de sua carreira.

JAQUELINE – Com certeza eu acho que era por conta de desconhecimento das pessoas, ignorância da população em achar que a musculação poderia, como diziam antigamente que ia arriar o útero, a bexiga, que ia estourar a coluna, essas coisas assim, por ignorância, lógico, e por eles associarem a modalidade a outras que não tem nada a ver com o LP, principalmente o fisiculturismo. Quando viam aquelas mulheres masculinizadas e enormes. Eu acredito que seja esse era o maior medo das pessoas.

JP – Você já percebeu algum tipo de pré-conceito por ser uma atleta negra, não só na modalidade, mas também em outros espaços de inserção?

JAQUELINE – Não, isso não. Até porque a predominância de atletas cariocas é de pessoas negras e morenas, assim, a gente nunca teve esse tipo de problema não.

JP – Gostaria que você falasse de sua relação com atletas mais experientes, mais velhas e mais novas que você.

JAQUELINE – Na verdade eu faço parte da segunda geração, porque eu comecei o levantamento na época que a Elizabete estava se aposentando, então ela é da primeira geração e eu basicamente sou da segunda geração. Estou aí há 16 anos no esporte, então eu me considero dessa segunda geração. Eu me dou super bem com todos os atletas, os antigos e os atuais, mais jovens. Até porque eu estou entrando para o mercado de treinadoras, daí eu preciso me dar bem com elas, na verdade eu já trabalho com o Dragos nessa parte, auxiliando ele com os treinamentos, e também eu estou no meio deles treinando, a nossa relação é muito boa. Também com o pessoal antigo, a própria Elizabete, a gente se dá muito bem. Sempre quando a gente se encontra em uma viagem ou em um campeonato a gente conversa. Ela é uma mulher muito guerreira, muito simpática, tem uma história muito bonita dentro da modalidade e o máximo respeito por ela que foi a primeira e sempre será lembrada na história do levantamento feminino.

JP – Gostaria que você falasse da relação das mulheres com os homens na modalidade.

JAQUELINE – A relação é supernormal, cada um tem seu espaço e eu não noto essa concorrência homem e mulher, então não tem esse lance de um pegar a vaga do outro, o lugar do outro, então a relação é muito boa com os homens também. O nosso treinamento geralmente é o mesmo, não tem nada direcionado para meninos e meninas.

Tem cargas diferentes, mas há porcentagem acima do que cada um pode fazer, pelo menos eu nunca presenciei nada com relação a isso.

JP – Você acredita na ampliação do acesso do LP para as mulheres e quais os desafios para esse processo hoje no Brasil?

JAQUELINE - O maior desafio é o pouco investimento, principalmente na parte de treinadores. O comitê olímpico agora teve uma iniciativa interessante que abriu a escola de treinadores na modalidade. Está ocorrendo a primeira escola de treinadores. O próprio Dragos é um grande incentivador nessa área e vem formando treinadores através de curso que ele tem em sua empresa. Também o nosso material, que é muito caro. Então eu acho que esse é um limitador para a expansão. Veja que o Brasil é um país tão grande e tem cinco Federações apenas. Então em cada Estado tem basicamente um, dois ou três centros de treinamento. Então daí está a maior dificuldade de captação de atletas, e eu vejo isso como a maior barreira atualmente.

JP - Você acredita que há alguma diferença na visibilidade dada para atletas homens e mulheres no LP e na mídia?

JAQUELINE – A isso sim, por exemplo o Fernando Reis, por ele ser um homem de muito peso, muito alto, é bonito de se ver. É diferente você ver uma mulher levantando 100 quilos e ver um homem daquele tamanho levantar mais de 200 quilos, vamos concordar que é muito impressionante. Então causa um impacto maior. Acaba que é sim, na mídia sendo mais destacada a parte masculina. As pessoas comuns não se imaginam levantar mais de 200 quilos acima da cabeça. Imagina, para a gente, que é do esporte já fascina, imagina para quem é de fora. O feminino também é fascinante, mas para as pessoas leigas, não se imagina nunca na vida levantar um peso absurdo desse porque para qualquer pessoa é um peso absurdo, e ainda levantar acima da cabeça. Ainda mais o Fernando, pois as pessoas pensar que por ele ser grande, as pessoas não imaginam a flexibilidade que os atletas têm, a mobilidade, a agilidade, então é bonito de se ver realmente.

JP – Gostaria que você falasse de seus sonhos na modalidade.

JAQUELINE – Bem, o único que eu ainda não realizei foi a medalha olímpica. A gente sabe que é um pouco difícil, porque eu acho que não vem de nossa cultura o LP, nem acho que seja treinamento. Mas sempre fica aquele sonho guardado dentro do peito de uma medalha olímpica e, claro, trabalhar com isso também é o meu desejo de continuar na modalidade como treinadora.

JP – Estamos chegando ao final e gostaria de perguntar se você gostaria de acrescentar algo ou fazer algum comentário?

JAQUELINE – Não, acho que a entrevista foi bem completa assim, abordamos bem os assuntos.

JP – Gostaria de agradecer sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista, que será de grande valia para minha tese.

JAQUELINE – Muito obrigado aí, eu quem agradeço por tamanha importância que vocês dão a minha história.

JP – Gostaria de te apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido (leitura do TCLE). Ressalto que seus dados estão protegidos pelo anonimato prévio. Gostaria de saber se você quer que os dados de sua entrevista constem como anônimos ou se ela pode ser identificada?

JAQUELINE: Se você quiser colocar o meu nome eu não tenho problema algum com relação a isso. Para mim é uma honra constar nas teses, nas pesquisas, então pode mencionar meu nome sem problema algum.

JP – Você autoriza a utilização na íntegra ou em partes do conteúdo de sua entrevista para a tese?

JAQUELINE – Sim, autorizo.

JP – Muito obrigado novamente pela entrevista, Jaqueline, boa noite!

JAQUELINE – Eu que agradeço, boa noite!

FINAL DA ENTREVISTA

ENTREVISTA 3

Ano da entrevista: 2020

Horário da entrevista (início): 14:30

Horário da entrevista (término): 15:22

Nome do entrevistador: João Paulo Fernandes Soares

Nome da colaboradora: Rosane do Reis Santos

Data de nascimento: 20//06/1987

Idade: 33 anos

Tem filhos? () sim (x) não

Grau de escolaridade: Superior completo em Educação Física. Atualmente cursa a graduação em Fisioterapia

Profissão ou ocupação: Atleta e treinadora de LP

JP – Boa noite Rosane, gostaria que você falasse sobre sua infância e sua relação com os esportes.

ROSANE – A minha infância foi toda dentro dos esportes, pois na época que eu comecei a estudar a minha escola tinha aquele projeto esportivo, de atletismo, futsal, vôlei. Eu sempre me interessei por todos os esportes que fiz. De início eu me destaquei no atletismo e no basquete. Eu até que me interessei bem pelo basquete, mas como eu não tinha altura eu não continuei. Eu continuei mais foi no atletismo e, no decorrer do atletismo é que eu conheci o levantamento de peso (LP). Eu passei pelo atletismo e depois fui para o LP.

JP – Quantos anos você tinha nessa época?

ROSANE – Na época que eu comecei no atletismo eu tinha treze anos. Eu entrei no LP em 2005.

JP – Gostaria que você falasse da sua família. Como ela é composta?

ROSANE – Em minha família são em 6 irmãos, tem minha mãe. Somos 5 mulheres e 1 homem, o meu irmão mais velho. Minha mãe foi quem praticamente criou a gente sozinha porque meu pai não ficava com a gente, ele sumiu pelo mundo. Então a minha mãe fez esse papel de pai e mãe e a gente não teve muita presença dela, pois ela tinha que trabalhar o dia todo. Ela trabalhava de manhã e a noite. Às vezes ela dormia no serviço. Então os irmãos cuidavam uns dos outros e a gente não teve muito a presença dos nossos pais. Principalmente do meu pai, que nos deixou muito cedo, e da minha mãe que trabalhava muito. Mas ela nunca deixou de nos colocar na escola e dar toda a educação pra gente. Ela sempre priorizou a gente estudar, pois minha mãe estudou só até a 2ª série, então ela sempre priorizou nossos estudos.

JP – Gostaria que você falasse como foi a sua adolescência como atleta.

ROSANE – A minha adolescência toda foi dentro do esporte. Saía de manhã para estudar, almoçava na escola, ia pra casa, tomava banho e depois voltava para fazer todas

as atividades esportivas que tinham na escola. Daí eu ficava até a noite, mas tudo dentro do esporte. Toda minha adolescência foi dentro do esporte.

JP – Você estava no atletismo e fez sua transição para o LP?

ROSANE – Sim, foi em 2005 quando eu conheci o LP. Teve uma competição no Célio de Barros, que hoje infelizmente não existe mais pois destruíram. Daí foi uma competição que me apresentaram o treinador Saul, que era treinador da marinha. Nessa época o Saul também fazia LP. Daí ele me levou até o treinador Dragos e foi aí que eu conheci o LP e iniciei.

JP – Como você acha que as pessoas percebiam sua condição de atleta nessa época?

ROSANE – Em questão na época eu não tive nada demais, pois o correr é coisa mais normal. Minhas provas eram de pista, eu era velocista e fazia corrida com barreira também, revezamento. E aí era uma atividade normal e minha mãe gostava, pois eu estava nos lugares certos e sempre treinando, pois para minha mãe era bom. Quando eu fui para o levantamento eu sofri algumas críticas, falavam que meu corpo ia ficar masculino, que eu ia ficar igual homem, essas questões assim de pessoas que não conheciam o esporte. Aí eu tive bastantes críticas assim. Quando eu falava que fazia LP falavam que eu ia quebrar minhas costas e ia me lesionar toda, essas coisas. Quando a gente começa a fazer percebe que não é nada disso.

JP – Quais foram as pessoas que incentivaram sua decisão em começar a praticar o LP?

ROSANE – De início minha mãe ficou preocupada, mas depois ela me incentivou. Teve um período em nossa vida que a gente ficou sem luz em casa e a gente estava comendo só arroz e feijão, pois não tínhamos dinheiro para comprar carne nem ovo. E aí cortaram a luz da casa da minha mãe. E no Rio você sabe que é bem quente, e a gente não conseguia dormir, e a noite, eu sentada na porta da casa com minha mãe, eu falei com ela que eu ia parar de treinar para trabalhar e ajudar ela pois na época eu não recebia nada. Eu ia fazer a mesma coisa que a minha mãe faz, ela trabalha com faxina. E foi ela que não me deixou parar, ela disse para eu continuar treinando que ela ia se virar. Minha mãe foi quem não me deixou parar, senão eu tinha parado e tinha começado a trabalhar e seguido a carreira dela nos serviços gerais, faxina, na casa dos outros. Eu acredito que se eu tivesse parado eu nem teria conseguido fazer minha faculdade. O que me ajudou a fazer faculdade foi o esporte.

JP – Gostaria que você falasse como foi sua entrada no LP.

ROSANE – Eu decidi entrar quando eu fui fazer uma aula e me falaram que o LP era você levantar uma barra, agachar e levantar, e eu não consegui fazer isso, eu caía (riso). Eu não conseguia levantar a barra acima da cabeça, e foi um desafio para mim. Eu disse que eu não ia parar até conseguir, pois eu sempre fui muito determinada. Daí eu fui cada

dia treinando, treinando, pegando gosto, cada dia aumentando a dificuldade, aumentando as cargas e tentando levantar mais peso, e aí eu continuo até hoje. Eu já iniciei com o treinador Dragos e eu treinava na época no Maracanã.

JP – Por que você escolheu o LP para se dedicar como atleta profissional?

ROSANE – Na verdade, sendo bem sincera, foi uma coisa que me desafiou muito, mas uma coisa que me motivou foi que, em menos de 1 ano eu já consegui viajar pra fora, fui medalhista de prata no sul americano e aí foi que eu consegui ganhar um dinheirinho pra ajudar minha mãe. Na época, no atletismo, eu recebi 80 reais, e esses 80 reais era muito raro a gente ganhar. Daí eu tirei 40 reais para mim e os outros 40 foi para minha mãe pra comprar as coisas dentro de casa. Só que chegou um período que a gente não estava ganhando mais nada e aí nesse período eu comecei a ir para o levantamento e aí eu consegui ganhar 300 reais, e aí já deu uma boa ajuda. Eu consegui ajudar muito mais dentro de casa e foi esse dinheiro que me motivou a começar no LP, pois eu consegui ajudar mais a minha mãe dentro de casa. Nessa época todos meus irmãos ainda estavam dentro de casa.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua relação com seu treinador.

ROSANE – O Dragos tem um papel muito importante na minha vida, pois foi ele que me incentivou a estudar. Quando eu me matriculei na faculdade, eu não tinha dinheiro de passagem e não tinha dinheiro de alimentação e foi daí que ele tirava dinheiro do próprio bolso para me ajudar no transporte e na alimentação. Ele me ajudou muito nesse período. E foi ele mesmo que me pegou, me falou vai lá e me fez me inscrever no vestibular e me fez matricular na faculdade. Ele sempre priorizou essa questão da educação e dos estudos. Até hoje ele faz isso. Ele teve um papel muito importante em minha vida, um papel de pai mesmo.

JP – Gostaria que você falasse sobre seus principais títulos em competições. Quais foram mais marcantes para você?

ROSANE – Quando eu fui campeã pan-americana em 2011 na categoria 53 quilos, eu fiquei em segundo lugar aliás, e ali foi que eu vi que eu estava junto com a meninas e que eu podia ir além, e ali foi quando aumentou minha visão e eu comecei a treinar mais. E foi a partir dali que eu comecei a ganhar medalhas e melhorar a partir de 2011. Em 2016 eu fiquei na quinta colocação nos Jogos Olímpicos. Não era meu foco ir para as olimpíadas, mas quando eu vi eu estava classificada. E no Rio 2016 eu fui achando que eu ia apenas para competir, que seria mais uma competição. Quando eu cheguei lá eu vi que tinha possibilidade de medalha. Infelizmente eu errei um movimento e perdi a possibilidade da medalha de prata. Eu errei no arranco, e daí eu fiquei na quinta colocação. Esse foi um resultado muito importante. Outro resultado importante foi em 2017, que eu fui campeã pan-americana e peguei medalha de ouro no arranque e no total. Eu me recordo que nos Jogos Olímpicos de 2016 os olhares estavam todos sobre o Fernando Reis, que tinha possibilidade de medalha. Nós tínhamos ido para competir apenas, mas quando saiu o *star book*, que são os resultados totais de entrada, eu vi que

eu estava ali no meio das meninas, e aí foi quando o pessoal voltou os olhos para mim e viram que a Rosane do Brasil existia, e aí foi que eu consegui essa quinta colocação e igualei a posição do Fernando. A competição ter sido no Brasil foi importante. Só de eu subir na plataforma e ver minha família me deu uma força maior, dá uma força maior quando você vê seus familiares e amigos. A competição foi perto da minha casa literalmente.

JP – Gostaria que você falasse sobre seu processo de treinamento e sua preparação para esses ciclos olímpicos.

ROSANE – Nesse processo de preparação eu tive dois treinadores. Eu havia me mudado para São Paulo para treinar com um treinador cubano. A metodologia do cubano é bem diferente. Eu demorei 1 ano para me adaptar ao treinamento, pois é muito intenso e é muito treinamento de força. Eu tive uma outra visão de treinamento e isso me enriqueceu muito como atleta e hoje em dia como treinadora também. Eu consegui uma boa junção entre um treino mais técnico e outro de mais força, daí eu me destaquei. Nessa época eu acordava, treinava, almoçava no próprio centro de treinamento, tomava banho, descansava no próprio local de treino, treina novamente às 16:00, toma banho, janta no próprio clube e daí eu ia pra faculdade, e depois ia pra casa. Essa foi minha rotina um bom tempo. Hoje eu estou focando na minha trajetória profissional; agora eu comecei a fazer a faculdade de fisioterapia, eu tenho feito outros cursos também, mas ainda estou no meu processo de atleta, pois estou tentando a vaga para os Jogos olímpicos de Tóquio, que estamos eu, a Jaqueline, a Natasha e a Luana, nós quatro estamos tentando as 2 vagas femininas.

JP – Gostaria que você falasse como você percebe na atualidade a inserção das mulheres no LP?

ROSANE – Então, hoje eu percebo que a maioria dos atletas do LP são mulheres. O levantamento tem atraído mais mulheres do que homens. Não só mesmo no levantamento, mas também no *crossfit* que tem o LP, a maioria são mulheres. Eu percebo que boa parte das atletas dessa nova geração estão vindo do *crossfit*. Nossa geração vinha de outros esportes como o atletismo. A Luana por exemplo, veio do *crossfit*. Eu vejo um problema nisso é que geralmente os atletas virem com vícios nas técnicas que o treinador precisa tirar, não querendo falar mal do *crossfit*, mas com esses atletas tem que fazer um outro processo de refinamento para poder melhorar o movimento.

JP – Você percebe algum tipo de pré-conceito ou discriminação com as mulheres no LP na atualidade?

ROSANE – Hoje em dia eu não percebo muito, geralmente quando eu falo as pessoas nem acreditam que eu faço LP. Geralmente quando me perguntam que esporte eu faço eu peço para adivinharem e elas falam boxe, futebol, basquete, vôlei, menos o LP. Aí quando eu falo que é o LP as pessoas falam: “mas você é tão magrinha!”, E aí as pessoas aceitam de boa, elogiam meu corpo, falam que achavam que as meninas do LP

eram masculinas e vem que o corpo não é. Tem esse lado e é bem legal. Mas tem várias categorias, que vão desde os 49 quilos até mais de 87 quilos, e aí dentro dessas categorias cada uma tem sua estética.

JP – Você já sofreu algum tipo de pré-conceito por ser atleta de LP?

ROSANE – No meu início sim, pois o esporte era muito pouco conhecido. O que deu um *boom* no LP foi o *crossfit*, que tirou um pouco dessa visão do LP, as pessoas veem diferente. Mas quando eu iniciei lá atrás em 2005 tinha sim um pré-conceito.

JP – Você já sofreu algum tipo de pré-conceito ou discriminação por ser negra?

ROSANE – Não. Na verdade, até bem pouco tempo eu recebi foi um elogio de uma pessoa que é dono de um *box* de *crossfit*, que falou: “olha Rose, você está de parabéns! Mulher, negra, campeã, atleta da marinha, você está de parabéns! ”. E daí eu me senti muito lisonjeada de receber esse elogio, pois eu nunca pensei de outra forma. Eu sempre pensei que eu sou mulher, sou negra, ganho meu próprio dinheiro, sou da marinha, bem resolvida, mas eu nunca tinha pensado nisso. Quando ele falou eu pensei, caramba, é verdade.

JP – Gostaria que você falasse como é sua relação com as atletas mais jovens.

ROSANE – Nós somos da segunda geração do LP e eu acho que eu sou muito bem vista pelos atletas mais jovens. Eles me pedem dicas, pedem correções, dicas de exercícios. Eles me mandam mensagens, mandam vídeo pedindo ajuda. Isso pra mim é muito importante em saber que eu tenho essa credibilidade com elas, e saber que elas acreditam no meu trabalho. Hoje eu já não atuo apenas como atleta, mas como treinadora também e futuramente fisioterapeuta (riso). Fico muito feliz por elas me considerarem. Eu adoro ajudar, adoro fazer isso.

JP – Como é a relação com as atletas mais velhas que você?

ROSANE – Tem alguns atletas mais velhos e a relação é muito boa do mesmo jeito, um dando dicas para o outro. Tem as dicas do treinador, mas como são muitos atletas treinando o treinador não consegue ver tudo, então o que a gente vê de diferente a gente dá as dicas: “olha, esse cotovelo tem que ser mais alto, agacha mais, abre mais a perna”, e daí a gente consegue se orientar, se ajudar.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua relação com os homens atletas da modalidade.

ROSANE – Com os homens é bem tranquilo, bem tranquilo. A gente se dá muito bem em questão de se ajudar nos treinos.

JP – Para você, quais foram as mudanças no LP do momento que você iniciou para os dias de hoje?

ROSANE – Assim, na época que eu entrei a gente se preocupava muito com o pessoal lá de fora. A nossa briga, a nossa disputa, era com o pessoal lá de fora, de outros países. Hoje em dia eu percebo que eles acabam disputando entre eles, às vezes nem é da

mesma categoria e fica disputando com o colega do lado que não tem nada a ver, ao invés de se preocupar lá fora, pra fazer o dele e competir internacionalmente. É meio complicada a juventude de hoje em dia (risos). Quando a gente iniciou foi um trajeto muito difícil, como eu te falei, a gente não tinha dinheiro de passagem, não tinha alimentação, não tinham nem uma bota de treino. Hoje em dia não, hoje o pessoal já tem bolsa atleta, consegue comprar sua botinha, tem um lugar estruturado pra treinar. Na nossa época não era assim, mas tinha aquele valor, aquela essência de se ajudar, quando um chorava todos choravam juntos. É bem diferente do nosso início para o início do pessoal de hoje.

JP – Você acredita na popularização do LP para as mulheres no Brasil?

ROSANE – Para mim, o maior desafio é o pessoal querer treinar sem apoio, até mesmo o apoio da família para incentivar a continuar a treinar dentro das dificuldades do esporte. Eu acho que nem pesa tanto para as mulheres, eu acho que pesa mais para os homens porque eles têm que fazer as coisas, trabalhar. Daí eu acredito que homens sofram mais pressão que as mulheres.

JP - Você é a atleta que alcançou a melhor colocação de uma mulher nos Jogos Olímpicos, a mesma do Fernando Reis. Você acredita que há uma diferenciação na visibilidade na mídia e institucional entre homens e mulheres no LP?

ROSANE – Sim, eu acho que há muita diferença. Como eu te falei quando eu fui lá competir nas olimpíadas era só o Fernando, parecia que só o Fernando tinha aquela possibilidade de ganhar medalha, e quando viram o meu resultado acordaram que as mulheres poderiam chegar também e as mulheres têm condição. Hoje, os maiores públicos de atletas são de mulheres, e quando você chega às competições pode ver que as categorias mais cheias são as femininas. Tem muita mulher competindo. As mulheres estão se destacando muito no LP. Eu acho que tem essa diferença da mídia porque eu acho que como os homens conseguem levantar mais carga se torna mais bonito numa transmissão e no olhar do público de fora. Quando vêm as mulheres acham que elas são frágeis e que não vai conseguir levantar. Quando as pessoas me chamam para fazer alguma apresentação elas acham que eu vou levantar pouco peso, e quando eu faço o movimento as pessoas ficam assustadas, falam: “mas como assim? Que facilidade”. As pessoas não têm ainda essa visão, não tem essa visibilidade na mídia, da mulher levantando peso na mídia. Geralmente quando tem alguma apresentação é sempre um homem levantando peso e nunca uma mulher. Parece que para o homem é normal e pra gente é exótico. Quando me convidam para alguma apresentação. a maioria das pessoas que convidam são as mulheres. E aí quando elas me vêm levantando elas pensam que as mulheres podem sim fazer. Daí elas falam: “Se até a Rose faz que é magrinha, eu também posso fazer”. Daí a gente consegue chegar nesse público feminino. Isso que eu percebi durante minhas apresentações, quando é um homem parece que é normal, mas quando é uma mulher causa mais espanto.

JP – Gostaria que você falasse dos seus sonhos na modalidade.

ROSANE – O meu sonho é ser medalhista mundial, conseguir a vaga olímpica e depois medalhista olímpica, esse é meu sonho de atleta.

JP – Gostaria que você falasse dos seus sonhos após deixar de ser atleta profissional de LP.

ROSANE – Uma coisa que eu quero implementar, já que eu tive a oportunidade de treinar com um treinador, com outro, ser atleta e ter tido muitas lesões. Eu tive muitas experiências que me fizeram enxergar muitos fatores que, quando eu observo um movimento de um atleta, eu consigo identificar que pode não ser uma deficiência técnica e sim início de lesão. Hoje eu tenho esse olhar, e é onde eu quero trabalhar junto com os atletas nessa parte de preparação como treinadora. O curso de fisioterapia tem me ajudado muito também, além dos cursos que eu tenho feito de postura, que é muito, muito importante para os atletas. E isso é uma coisa que eu não tinha antes e hoje, como eu estou tendo essa bagagem, eu gostaria de passar para os atletas para eles não terem as lesões que eu tive por falta de informação.

JP – Gostaria que você falasse o que o LP significa para você.

ROSANE – O LPO pra mim foi uma lição de vida. Tudo que eu conquistei até hoje, a minha faculdade, minhas duas faculdades, meus cursos, e poder ajudar minha família, a construir a casa da minha mãe foi devido ao esporte, ao LPO. Eu tenho muito a agradecer não só ao LPO, mas às pessoas envolvidas naquele meio. Esse círculo de amizade e de família que eu criei. Então, eu sou muito grata ao LPO, às coisas boas e às coisas ruins. Se a gente tem coisas ruins a gente tem que tirar coisas boas delas. Então tudo foi um aprendizado e eu evoluo muito com isso. Eu acredito que se não fosse o LPO na minha vida, o esporte em si, eu não teria chegado aonde eu cheguei,

JP – Chegamos ao final da nossa entrevista e eu gostaria de saber se você teria algo a acrescentar?

ROSANE – Gostaria de falar que o esporte é vida. Pais, mães, coloquem seus filhos no esporte que o esporte educa, e muito,

JP – Gostaria de agradecer sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista, que será de grande valia para minha tese.

ROSANE – Eu que agradeço.

JP – Gostaria de te apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido (leitura do TCLE). Ressalto que seus dados estão protegidos pelo anonimato prévio. Gostaria de saber se os dados de sua entrevista constem como anônimos ou se ela pode ser identificada?

ROSANE: Pode citar meu nome mesmo. Sem problemas.

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA 4

Ano da entrevista: 2020
Horário da entrevista (início): 21:00
Horário da entrevista (término): 21: 46,
Nome do entrevistador: João Paulo Fernandes Soares
Nome da colaboradora: Luana Oliveira Madeira
Data de nascimento: 31/01/1998
Início no final de 2013
Idade: 22 anos
Estado civil: Solteira
Tem filhos? () sim (x) não
Grau de escolaridade: Graduanda em Administração.
Profissão ou ocupação: Atleta profissional de LP

JP – Gostaria que você falasse da sua infância.

LUANA – Então, quando eu era mais nova, quando eu era criança, eu comecei a treinar. Então eu sempre treinei. Dos 4 anos até os 12 eu fazia natação. Eu sempre tive esporte a minha vida toda. Eu comecei com a musculação quando tinha uns 12 anos, depois fui pro *crossfit*, depois fui para o LP com 16 anos. Hoje eu tenho 22 anos. Eu vim para o LP pelo *crossfit*, na época ninguém conhecia, era um negócio muito novo o *crossfit* em 2013, 2012, e ainda tinha uma barreira que hoje já não tem. Hoje o *crossfit* está mais conhecido, mas na época só tinha apenas um *crossfit* em Belo Horizonte. Era muito novo e não era uma coisa que qualquer um fazia.

JP – Gostaria que você falasse da composição da sua família.

LUANA – Eu sou filha única. Moro com minha mãe. Meus pais são separados e é isso.

JP – Gostaria que você falasse como foi sua adolescência.

LUANA – Meu pai sempre treinou, ele tem cinquenta e poucos anos e ele sempre praticou esportes. Ele sempre teve uma vida esportiva ativa. Então eu desde criança sempre presenciei isso e ele sempre me incentivou.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua entrada no LP,

LUANA – Tinha um namoradinho meu que me falou sobre o LP na UFMG. O meu treinador dava treinos lá, que foi meu primeiro treinador. Daí eu fiquei interessada, mandei um *e-mail* para ele. Mas na época foi sem pretensão nenhuma em competir. Eu queria ir para melhorar no *crossfit*. Eu procurei o LP para melhorar no *crossfit*. E aí eu fui lá e ele gostou muito de mim. Depois de uns 3 treinos eu já fui pra minha primeira competição, eu fui pro brasileiro de 2013. Aí, quando eu cheguei na competição e vi o pessoal treinando, as meninas novinhas também que treinavam, a Emily, Natasha, a Monique. Daí eu vi que elas levantavam muito peso e eram novinhas. Daí eu me interessei. O treinador me recebeu muito bem e me colocou dentro do esporte mesmo,

muito rápido. Tanto que eu peguei medalha em campeonato mundial com 1 ano de treino na categoria até 49 quilos.

JP – Gostaria que você falasse das pessoas que te incentivaram a ir para o LP. Houve apoio dos familiares e amigos?

LUANA – Minha mãe no início estranhou um pouco, mas depois ela viu que era uma coisa boa. Eles viram que nos outros esportes é muito difícil de se chegar ao alto nível, então eu cheguei no alto nível muito rápido. Com 1 ano de treino eu já viajava, ia para um monte de competições e comecei a receber dinheiro, daí depois ela aprovou.

JP – Você poderia falar mais desse estranhamento que sua mãe teve?

LUANA – Acho que ela queria que eu estudasse mais. Acho que ela achava que não ia estudar por conta disso, mas eu já estou terminando a faculdade.

JP – Porque que você escolheu o LP para ser atleta de rendimento?

LUANA – Quando eu comecei o LP era muito pela questão da estética do corpo, mas depois que o tempo foi passando e eu completei 1 ano de treino eu comecei a treinar para competir, para ganhar campeonato, pra levantar mais peso, pra buscar tal medalha, pra testar o novo em tal campeonato. Eu acho que o que mantém a pessoa é a competição. E a graça do esporte é competir, é se superar, é sonhar e realizar. Tem pessoas que não acreditam muito, mas eu tive muitas realizações no esporte, não posso reclamar, tive muita medalha internacional, muito sucesso, muita competição boa. E também treinei muito, trabalhei muito, passei por muitas dificuldades, muita lesão, muitos altos e baixos, momentos difíceis. Então eu acho que o que faz a pessoa ficar no esporte é isso, você fica apaixonada pelo estilo de vida. Às vezes eu acordo em um dia ruim, daí que vou treinar e é a melhor coisa. O esporte é vida, é um estilo de vida e é saúde, é alto rendimento, é muita coisa boa. Eu recebia também do Ministério do Esporte e tenho ajuda de patrocínio, nutricionista, fisioterapeuta, sempre tive muita ajuda.

JP – Gostaria que você falasse de sua relação com seus treinadores.

LUANA – Eu tive dois treinadores. Hoje eu ainda treino no local de um deles e ele ainda me acompanha. Mas agora eu estou treinando com o Davi, ele é um pouco mais velho. Eu considero que tenho dois treinadores. É muito importante você ter alguém planejando seu treinamento, com metodologia, te motivando, muitas vezes a pessoa não dá conta sozinha de ter essa motivação, de acreditar que pode dar um pouco mais. Então o treinador é importante para estar direcionando a pessoa e fazendo o planejamento.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua rotina de treinamentos.

LUANA – Atualmente eu estou fazendo 1 treino por dia apenas a tarde, mais ou menos de 3 a 4 horas e é bem longo, é muita repetição, é muito volume, agachamento, puxada todo dia, exercício auxiliar, rampa, arremesso, fortalecimento, a gente faz cárdio, alongamento, processo de fisioterapia, processo de recuperação, alimentação

balanceada, controle de peso corporal, suplementação. Então é isso, a gente vive pra isso, pra estar no alto nível.

JP – Gostaria que você falasse sobre seus títulos mais marcantes.

LUANA – Eu sou a primeira brasileira tri campeã mundial. Agora estamos trabalhando para ser campeã mundial no adulto. Acho que o Fernando Reis está próximo disso. Eu sou muito nova no adulto. Esse é meu segundo ano. Então eu sou muito nova e apenas com 2 anos eu já estou disputando uma vaga olímpica. E é isso, muita coisa pela frente, às vezes abrindo mão de muita coisa para estar nas competições, fazendo história que é o que a gente gosta de fazer, que é treinar.

JP – Gostaria que você falasse sobre a presença das mulheres no LP. Como você percebe esse processo na atualidade?

LUANA – Eu acho que o LP pode ser mais conhecido. Acho que tem um pouco de pré-conceito de muitas pessoas que não entendem o que realmente é, tem aquela visão que o LP fosse como fazer academia. Eu acho que uma mulher pra conseguir fazer LP hoje tem que ter muito porte, fisicamente e mentalmente. É um esporte extremamente cansativo, tem que treinar muitas horas, tem que ter foco para treinar pelo seu objetivo. Mas a pessoa, quando treina direitinho ela consegue. Eu falo isso por mim mesma, pois todas as metas que eu estabeleci para mim eu consegui. Eu sei que tem algumas metas de longo prazo que vão demorar mais, mas eu chego lá. Então eu acho que a mulher sofre mais de pré-conceito. Mas hoje em dia como o *crossfit* está mais aceito. Muitas meninas atletas estão vindo do *crossfit*.

JP – Gostaria que você falasse se percebe algum pré-conceito com as mulheres na modalidade?

LUANA – Eu acho que o *crossfit* abriu muito as portas para o LP. O LP hoje é muito mais conhecido e eu acho que o *crossfit* está muito mais próximo do LP, e antes o pessoal não tinha muito conhecimento. Sobre o pré-conceito, eu acho que a minha geração já está mais pra frente e eu nunca sofri nenhum pré conceito mas as vezes as pessoas falam: “você, pequenininha, mulher, levantando peso, sei não”. Ficam achando que é coisa de homem, mas eu acho que não tem nada a ver e eu vi que era uma coisa ruim que a pessoas estavam falando pelo tom delas comigo. As meninas no LP são bem femininas, fazem faculdade, já viajaram para um monte de países, estudam, tem conhecimento, falam bem. Muitas coisas que talvez as pessoas que são de outro mundo e que não fazem esportes estão perdendo.

JP – Você já presencial ou sofreu algum tipo de discriminação racial no esporte e no LP?

LUANA - Eu nunca sofri. Mas já ouvi pessoas falando: “ah, quer virar homem! Aquela cara que vocês fazem assim, assado”. Não tem nada a ver, pois as mulheres atletas são todas femininas, o perfil é de mulheres inteligentes, estudadas. Para você ver a Rosane, está na segunda graduação dela. Então tem gente que acha que o que é certo é não fazer

atividade física, ser sedentário, ter problemas de saúde, não alimentar bem. Na minha visão o esporte é feito para o ser humano e não só para o homem. O corpo pra mim é uma máquina. Você treina, perde 1 quilo, o corpo muda, a pessoa acorda e dorme bem, fica com o corpo atlético, veste uma roupa, se sente bem. Eu sou suspeita para falar, pois para mim o esporte não é feito só para o homem, qualquer tipo de esporte é feito para o homem e para a mulher, pois os dois são seres humanos e é isso.

JP - Gostaria que você falasse sobre sua relação com as atletas mais jovens.

LUANA – Tem uma atleta, a Vanessa, que treina com a gente e ela é mais nova. Está iniciando como eu iniciei, meio sem perspectiva de viajar, de competir. Ela também está em busca de treinar, talvez receber um dinheiro e buscar um futuro, uma ajuda. Eu acho que eu sou a atleta mais jovem da seleção.

JP – Gostaria que você falasse da sua relação com as atletas mais velhas e experientes que você.

LUANA – Eu aqui em Minas eu treino sozinha, não tem ninguém mais da minha geração. Mas nas competições geralmente eu encontro com outras atletas. Geralmente eu divido quarto nas competições com a Rosane e é sempre muito tranquilo. Uma relação muito boa. Ela sempre falou coisas boas minhas, me motivou. Porque tem algumas pessoas mais velhas, não só no esporte, que tem medo de perder espaço, medo do que está vindo. A Rose não, ela é totalmente diferente. Na última competição que eu fui lá em Roma, fiquei no quarto com a Jaqueline, que é duas vezes atleta olímpica. A gente tem uma relação muito boa, eu me dou muito bem com elas. Está vindo uma geração ai de atletas mais jovens, tem uma atleta do Dragos, a Duda, que já é uma nova geração, mas tem muita gente boa treinando, uma garotada que está vindo aí, que treinam mais lá com o Dragos.

JP – Você acredita na popularização do LP para as mulheres e quais seriam os desafios nesse processo?

LUANA – Então, eu acho que com o *crossfit* vai popularizar. Tem que melhorar a base do LP para o esporte crescer. Ter uma seleção concentrada, esse tipo de coisas para o esporte crescer.

JP – Você percebe alguma diferença de visibilidade na mídia entre homens e mulheres no LP?

LUANA – Eu acho que o Fernando é realmente um atleta diferenciado, por isso ele tem um pouco mais de fama. Realmente não tem nenhum atleta que bate ele assim, então eu vejo assim. Acho que está mais relacionado com isso. Eu acho que não tem essa diferença não e acho que está melhorando bastante, inclusive você vê no *Instagram*, tem bastante divulgação das mulheres. Eu por exemplo já fiz várias entrevistas, já passei na

televisão, no jornal, um monte de coisas assim. É porque realmente o LP não é conhecido como a ginástica olímpica.

JP – Gostaria que você falasse sobre seus sonhos na modalidade.

LUANA – Então, o momento agora é treinar com o objetivo de Tóquio 2021. Mesmo com essa pandemia ai eu consegui um lugar para eu treinar. Estou treinando com a mesma intensidade de antes. Acho que estou treinando até mais. E eu queria uma medalha em campeonato mundial adulto. Mas tem que ir trabalhando pouco a pouco, cabeça no lugar. É um processo e a gente acredita que vai chegar lá sim.

JP – Gostaria que você falasse dos seus sonhos profissionais após a interrupção de sua carreira de atleta.

LUANA – Então, eu estudo administração e quero abrir uma empresa.

JP – Gostaria de saber se você gostaria de acrescentar algo ou algum comentário?

LUANA – Não, acho que não.

JP – Gostaria de agradecer sua disponibilidade em nos conceder essa entrevista, que será de grande valia para minha tese.

LUANA – Eu quem agradeço.

JP – Gostaria de te apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido (leitura do TCLE). Ressalto que seus dados estão protegidos pelo anonimato prévio. Gostaria de saber se os dados de sua entrevista constem como anônimos ou se ela pode ser identificada?

LUANA: Pode citar meu nome mesmo. Sem problemas.

FIM DA ENTREVISTA

ENTREVISTA 5

Ano da entrevista: 2020

Horário da entrevista (início): 18: 15

Horário da entrevista (término): 19: 12

Nome do entrevistador: João Paulo Fernandes Soares

Nome da colaboradora: Helena⁴²

Idade: 23 anos⁴³

Profissão ou ocupação: Atleta profissional de LP

JP – Gostaria que você falasse sobre sua infância.

HELENA – Bom, eu tive como exemplo na minha infância minha irmã, que sempre foi atleta. E desde muito jovem ela sempre gostou de ginástica olímpica e minha referência no mundo do esporte foi ela. Eu comecei na capoeira, fiquei alguns anos fazendo capoeira, mas nada muito profissional, como ela não é um esporte olímpico não tinha como desenvolver. Então houve uma época da minha infância, dos meus 13 para 14 anos que a minha mãe não pôde mais levar a minha irmã para os treinamentos, e ela treinava saltos ornamentais. Ela foi chamada para um teste nos saltos ornamentais, passou e começou a treinar no Maracanã. Então eu a levava para os treinos. Na primeira semana minha mãe foi com a gente para mostrar o caminho. Dai eu e minha irmã passamos por uma parte do atletismo ali no Célio de Barros, e eu me interessei pelo atletismo, aí a minha mãe ficou feliz e falou que já que eu teria que levar minha irmã para os treinos, eu podia ficar lá fazendo o atletismo: “daí quando acabarem os treinos vocês se encontram e voltam para casa”. Daí minha mãe me levou lá e me apresentou para a treinadora do atletismo, que sempre trabalhava com a iniciação das crianças, principalmente crianças oriundas de projetos sociais, de comunidades que cercavam o Maracanã, e ela já fazia esse trabalho social. E nisso eu tive oportunidade de ser bolsista em um colégio particular e eu era bem dedicada, acho que até mais que hoje em dia na questão dos estudos. Para mim foi um sonho realizado estudar em um colégio particular, pois meus pais não podiam pagar um colégio particular, e na época era uma bolsa em um colégio particular para eu ser atleta de atletismo e estar competindo, daí eu representava esse colégio particular nas competições e eles me davam uma bolsa de 100%, então eu comecei a partir daí no esporte olímpico, só que como já dá para imaginar eu não levava nenhum jeito para o negócio, com relação à parte física eu era muito baixa, muito magrinha e não tinha futuro nenhum no atletismo. Daí a treinadora, como muita insistência, ficou uns 3 meses insistindo que eu fosse para o LPO, que eu fosse fazer um teste lá com o técnico de LP, só que eu não queria pois eu achava que o LP era um esporte masculinizado e que eu iria ficar masculinizada também. Eu tinha nessa época uns 15 anos e eu não tinha muito ideia do que realmente é o esporte. Então

⁴² A entrevistada solicitou que seu nome fosse mantido em anonimato. Nesse sentido, o nome Helena é fictício a fim de atender tal solicitação.

⁴³ A idade citada acima é fictícia a fim de resguardar a identidade da atleta, entretanto resguardando sua identificação etária geracional.

ela ficou muito tempo para conseguir me convencer. Ai num dia fatídico desses, que eu tinha que competir para manter minha bolsa do colégio particular, ela armou com minha mãe um encontro para eu conhecesse o técnico, contra minha vontade na época. Mesmo com tudo que ela me falava eu não conseguia entender na época o que era o esporte. Aí eles armaram quando teve uma competição e armaram um encontro com ele. Daí ele foi, eu fui competir e no final eu o conheci muito contra minha vontade. Eu lembro que ela também queria que minha irmã o conhecesse. Se eu não estava com vontade, minha irmã menos ainda (riso). Foi por aí, foi bem tenso no começo. Eu lembro que esse técnico tinha uma namorada na época e ela o ajudava na parte de iniciação com as atletas. Eu, como toda menina, queria desenvolver meu corpo, ganhar corpo na época e ficar bonita como as outras meninas, pois na época eu tinha 46 quilos. Aí ele chamou a namorada dele, me apresentou e falou: “a, se você treinar aqui comigo, além de você estudar em outro colégio particular, vai ter alimentação, você vai ficar igual a minha namorada, bem bonita”. Daí eu aceitei e comecei a treinar, e ela era totalmente o contrário do que eu imaginava. Eu imaginava que as atletas de LP eram totalmente masculinizadas e a namorada dele era muito feminina, então quebrou esse pré-conceito que eu tinha, esse conceito mal formulado do esporte e conforme o tempo foi passando eu fui me apaixonando, fui crescendo, fui amadurecendo, fui tendo oportunidades financeiras para me desenvolver, fazer investimentos. Com 18 anos eu comprei um carro, com 19 eu comprei uma casa e eu era uma menina muito ambiciosa, eu tinha muitos sonhos e todo dinheiro que eu ganhava com esporte eu juntava, com a ajuda de meus pais lógico, e investia. Eu fazia totalmente o contrário que a maioria das meninas da minha idade na época, e foi assim que eu iniciei no LPO. Hoje eu não sou mais atleta desse técnico, mas sou muito grata a ele por tudo. Hoje eu treino na equipe de outro técnico de LP. Eu agradeço também ao meu esposo que me ajudou a dar uma reviravolta no esporte nos últimos 2 anos. Através do estudo tudo mudou, pois eu já estava querendo desistir de ser atleta, já não viajava mais, já não competia mais no internacional, já não tinha mais nenhuma perspectiva nem por mim, nem por outras pessoas, eu estava totalmente desacreditada. Daí eu conheci ele a 2 anos, ele é biomédico e ele virou para mim e perguntou se eu queria continuar sendo atleta e se eu queria dar a volta por cima, e ele poderia, através dos anos que ele passou na faculdade estudando, montar um projeto, e através desse projeto, me colocar no alto rendimento novamente. Começamos no projeto, deu muito certo e em 1 ano e meio eu consegui me classificar pra Tóquio, sendo que a 2 anos atrás nem pras competições internacionais eu tinha o índice, tudo isso através da ciência, do estudo, de muitas noites estudando. Eu acho muito legal, por isso eu fiquei interessada em conversar com você, eu acho que quem está estudando está sempre se renovando e passando isso para as outras pessoas.

JP – Gostaria que você falasse como é a composição de sua família e como foi sua relação com ela nesse início de sua carreira?

ENTREVISTADA 5 – Bom, eu tenho mais duas irmãs. Somos eu, meu pai e minha mãe que ainda são casados e minhas duas irmãs. Tenho uma irmã do meio, tem uma mais nova e eu sou a mais velha. Bom, eu não vou mentir, vou procurar ser bem sincera.

No primeiro ano do LP, nos primeiros 2 meses eu vi minha família muito, como eu posso dizer? Meu pai é uma pessoa com conceitos muito antigos com relação a como deve ser, até que agora ele está melhor, por exemplo, minha mãe tinha que ficar em casa para cuidar da casa e dos filhos e ele era o provedor da casa e saia pra trabalhar. Então na época, quando a gente demonstrou que queria ser atleta de LP, de um esporte que deveria ser dos homens, não foi bem aceito pelo meu pai nos 2 primeiros meses até ele conseguir entender o que era. A minha mãe, como já estava acompanhando minha irmã no esporte a muitos anos e já sabia mais ou menos como funcionava o esporte, ela sonhava junto com a gente. Então assim, pra ela, se a gente escolhesse fazer boxe ela iria apoiar, iria levar, iria dar palpites nos treinos, ia querer ser a treinadora (riso). A minha mãe era nossa incentivadora número um, tanto que ela era muito elogiada pelos técnicos na época porque ela era uma das poucas mães que sempre estava ali, verdadeiramente estava ali, procurando saber, procurando ajudar, escutando e, até mesmo mudou nosso tratamento em casa com relação a alguns afazeres de casa, quando ela via que a gente estava muito cansada, ela deixava a gente descansar, ela era bem inteirada dentro do mundo do esporte. Meu pai demorou um pouco mais, mas depois que ele passou a entender como era ele passou a ser fã como minha mãe. Então no começo foi um pouco conturbado, mas depois as coisas foram se acertando.

JP – Sua mãe já foi atleta ou era só uma entusiasta de vocês?

ENTREVISTADA 5 – Só entusiasta mesmo, nunca foi atleta.

JP - Gostaria que você falasse do período de sua adolescência e como as pessoas viam sua condição de atleta?

ENTREVISTADA 5 – Eu fiquei ainda um tempo nesse primeiro colégio particular até eu trocar de colégio, e nessa época eu já era atleta de LP. Só que meus amigos eram do atletismo. Caminhando para o terceiro mês quando as coisas na parte financeira e social começaram a se elevar e eu comecei a fazer as viagens internacionais, comecei a conhecer outros países e a competir, e ser bem-sucedida no esporte, os meus amigos passaram a não apoiar mais e começaram a fazer *bullying*. Na época eu lembro que eu fiquei uns meses sofrendo *bullying* nesse colégio, aí eles usavam de questões que eles achavam que era um esporte masculino, faziam piada, falavam que eu não teria futuro, que aquilo não era legal, até que chegou num nível que eu parei de falar com eles. Daí no colégio, eu já tinha 16 anos, eu lembro que tinha um grupo de amigos bolsistas, que tinham mais afinidades com alunos bolsistas, nesse colégio era basicamente assim, poucos eram os alunos que tinham amizade com outros alunos que não eram bolsistas e eu fiquei muito deslocada até conseguir fazer amizade com outros jovens da minha idade, e eu sofri muito com relação a amizades até eu trocar de colégio, as coisas melhorarem e eu ver outra realidade. Para você ter uma noção, eu fiquei meio traumatizada de ser atleta de LP que nos 4 quatro primeiros meses no outro colégio que eu fui estudar eu não contei que eu era atleta de LP, só que, como lá também é um colégio de atletas, as pessoas começaram a perguntar do que eu era bolsista, qual

esporte eu praticava, porque eu não falava. Eu ficava com medo que as pessoas não quiserem ser meus amigos, não quiserem andar comigo, pois foi o que aconteceu no outro colégio. Até um dia que teve uma visita, eu fazia parte do projeto da marinha e os tenentes eram responsáveis pelos adolescentes do projeto, então, esses tenentes faziam um papel pedagógico social, eles iam aos colégios para ver como a gente estava, se estava indo bem, se estava tendo brigas, mau comportamento, pois isso tudo gerava um relatório que ia para o projeto e eles faziam alteração de salário, puxão de orelha e tudo o mais o que tinha no projeto. Daí eu lembro que um tenente foi lá para fazer esse controle com o coordenador do colégio, e ele foi lá, apresentou alguns resultados de como eu estava no colégio. E eles colocaram na página do colégio, pegaram as minhas imagens e da minha irmã e expuseram no colégio. Daí no outro dia eu fui pra aula, conversei com meus amigos e eles disseram: “poxa, que legal, a gente viu na página do colégio que você é atleta de LP, parabéns! Você viaja o mundo! Porque você não nos contou? ”. E assim, eu vivi anos de glória nesse colégio, pois as pessoas admiravam o que eu fazia e isso me trouxe uma visão do mundo e me trouxe responsabilidades com as pessoas que me viam e me abriu uma outra visão de ser atleta, e eu passei a amadurecer a partir daí.

JP – Nessa época, sua irmã já estudava com você?

ENTREVISTADA 5 – No outro colégio ela não estudou comigo. Seria até mais fácil se ela estivesse comigo naquela época. No segundo colégio ela já estudava comigo. No outro colégio eu até repeti um ano. No último mês teve uma viagem para uma competição no sul americano e eu não avisei a coordenação do colégio e faltei na semana de prova, fiquei faltando por um bom tempo. Daí eu repeti um ano. Infelizmente minha irmã não estudava comigo nessa época. Depois a gente estudou junto e fazíamos parte do mesmo projeto social, e foi bem legal.

JP – Gostaria de saber o porquê da sua escolha do LP para se dedicar como atleta profissional.

ENTREVISTADA 5 – Então, no meu segundo colégio eu já tinha noção do que é ser atleta, já tinha habilidade, mas eu ainda não tinha noção de que no LP eu poderia chegar ao alto rendimento e ao nível profissional. O Brasil, de uma forma geral, tem um problema com as pessoas, que fizeram dar certo de uma forma e não se atualizaram com relação ao estudo, à ciência, a trazer a ciência para dentro do esporte. Então, até os meus 21 anos eu não via o esporte como uma forma de chegar ao nível profissional, eu via o esporte como uma forma de sustento ao qual eu tiraria o dinheiro para fazer os investimentos que eu queria fazer para ser bem-sucedida na minha vida profissional. Então eu fiz os investimentos que eu precisava fazer para entrar na faculdade. Eu usava desses artifícios para eu me desenvolver na minha parte profissional, pois eu sou muito ambiciosa, mas não via o esporte como algo que me levaria a grandes triunfos ou coisas do gênero. Eu sabia que quando eu chegasse ao nível adulto a minha carreira estaria fadada ao fim, que foi o que realmente quase aconteceu por conta desses conflitos de

interesses de forma geral. Poucos técnicos no Brasil usam a ciência no esporte, que são os que têm os melhores atletas, tanto no nível adulto quanto no júnior. Eu já sabia que uma hora minha carreira ia acabar, conforme os anos fossem passando e eu chegasse ao adulto, eu sabia que eu não teria mais chances de medalhar nas grandes competições. Nos últimos 2 anos, meu esposo apresentou para mim fórmulas matemáticas e várias outras questões fisiológicas que poderiam se melhoradas e alteradas, posturais, questões biomecânicas, questões emocionais e psicológicas e várias e várias outras. Eu vi que os outros países tinham isso e o Brasil não tinha, e mesmo sem dinheiro na época a gente podia começar esse projeto e fazer diferença, foi quando eu comecei a enxergar que eu poderia chegar ao nível profissional no esporte porque eu conseguiria ultrapassar essa barreira da categoria júnior e seria bem sucedida na categoria adulto, que é onde você lida com atletas que tem 10, 15 anos de profissão e carreira, e não são carreiras construídas encima de achismos, são carreiras com equipes multidisciplinares onde tem pesquisadores, fisioterapeutas, médicos, onde tem um treinamento específico e personalizado, onde eu iria disputar com atletas que já tiveram todo esse aparato desde sua juventude até a idade adulta e eu poderia disputar de igual para igual, e poderia chegar muito próximo desses atletas. É o que aconteceu nesses últimos 2 anos. Assim, profissionalmente, eu posso afirmar que no alto rendimento eu só tenho 2 anos na minha carreira. Meus últimos anos eram experiências no júnior que não eram categorias tão difíceis.

JP – Gostaria que você falasse sobre a importância dos treinadores em sua trajetória e como são seus treinamentos?

ENTREVISTADA 5 – Eu passei por vários treinadores e todos contribuíram de uma forma geral com relação ao conhecimento, me apresentaram ao esporte e me fizeram ver que eu era fisiologicamente agraciada por Deus, eu era uma atleta muito forte e muito talentosa, então não foi muito difícil passar por essa fase do sub 17 e sub 20 sendo bem-sucedida porque o talento bastava. Mas quando eu entrei na fase adulta eu vi que o talento não bastava mais, e eu tive que buscar esse aporte. Nesses 2 anos eu me desenvolvi bem e pensei que seria bom ter um técnico que pensasse da mesma forma, então eu pedi para ir para outro técnico. Fiquei 1 mês em outro estado treinando com ele e vi que ele pensa muito igual a mim com relação a essas diretrizes que te falei, de desenvolvimento do atleta na fase adulta, e eu aprendi bastante. Para mim foi fantástico, foi uma pena que essa epidemia está atrapalhando um pouco, porque era para eu estar em outro estado treinando, e eu estou treinando em casa. Para mim foi fantástico, foi literalmente onde eu aprendi o que se deve e o que não se deve fazer, por ter passado pelos principais treinadores e cada um contribuiu de uma forma muito boa para o que eu estou hoje, tudo tem seus lados positivos e negativos claro, mas deu para absorver bastante e formular a minha verdade sobre o treinamento. Vários atletas adultos foram grandes atletas e hoje estão estagnados. Eu só tenho a agradecer por tudo que eu passei. Acho que nada é ruim, tudo é aprendido.

JP – Gostaria que você falasse dos seus principais títulos e competições e de seus sonhos na modalidade.

ENTREVISTADA 5 – Os títulos que mais me impactaram foram agora no fim de 2019. Na época do júnior eu ficava bem posicionada e até liderava os rankings, mas no adulto eu ficava quase sempre entre as últimas. Meu ano de 2019 foi sobrenatural, foi fantástico pois Deus foi muito bom comigo. Eu competi 11 vezes, não me machuquei em nenhuma dessas competições e isso é muito bom. Quem estuda o LP sabe que é muito raro uma atleta ficar sem lesão em tantas competições. O que foi mais marcante foram os 4 recordes brasileiros que eu bati em 2019. Pra mim foi totalmente inesperado. Eu imaginava que ia ser bem-sucedida, mas eu não imaginava que seria nesse nível, que as coisas seriam dessa forma. Eu tinha competido o mundial e tinha feito a marca de 83 quilos no arranco e tinha estabelecido o recorde. 1 mês depois eu competi o *Gran Prix*. Essa competição estava valendo uma premiação para os primeiros lugares em dinheiro. Eu me lembro que eu nem pensei muito nisso. Nessa época eu já estava na marinha, mas ainda não estava recebendo, e eu lembro que esse dinheiro iria mudar minha vida, pois era o dinheiro para terminar a obra da minha casa e para sobreviver, porque como a área da biomedicina não é uma área tão valorizada no Brasil, meu esposo na época não estava conseguindo emprego na área dele, então ele trabalhava com outras coisas. A gente estava precisando muito desse dinheiro da premiação. Só que eu já tinha competido 10 vezes e estava indo para minha última competição do ano e eu não esperava que pudesse vir algo grandioso nessa competição. Aí eu fui muito bem, quebrei o quarto recorde brasileiro, eu consegui a premiação pois eu consegui ficar em terceiro lugar. Eu lembro que isso me marcou de forma absurda e eu fechei o ano com essa competição e quebrei totalmente os paradigmas que as coisas eram impossíveis como havia sido ensinado para mim desde os meus 15 até meus 20 anos. Eu cresci escutando que era impossível competir de igual para igual com atletas lá de fora e eu competi com uma chinesa e com uma russa. Atletas de um nível muito mais elevado que o meu, que vêm de países com cultura para esse esporte, países que o LP é endeusado, colocado no mais alto patamar, igual o futebol aqui no Brasil. Então eu fiquei totalmente realizada nessa competição e foi quando eu entendi que não era impossível, que os resultados que aquelas pessoas faziam não eram impossíveis de serem alcançados e através de um treinamento adequado, personalizado, uma alimentação, suplementação, e todo um aporte científico, era mais que possível chegar próximo e até no patamar dessas pessoas. Então foi assim, o ano de 2019 foi o mais marcante para mim na minha vida. Meu sonho é essa vaga olímpica, creio que eu vá conseguir com meus resultados. Para mim seria uma honra me classificar e eu fiquei triste pelos Jogos não serem esse ano e feliz por ter mais tempo para treinar. Mesmo em casa eu não parei meus treinamentos. São 2 vagas para as mulheres. São os 2 melhores do mundo e os 2 melhores dos continentes.

JP – Gostaria que você falasse como você percebe na atualidade da inserção das mulheres no LP.

ENTREVISTADA 5 – Por incrível que pareça temos mais mulheres praticando o LP hoje no país do que homens. No meu antigo centro de treinamento tinham mais mulheres do que homens. Creio que as meninas sejam mais responsáveis que os rapazes nessa faixa etária dos 12 aos 15 anos. Eu acho as meninas mais persistentes. Os meninos, por não conseguirem levantar peso muito rápido eles desanimam. Por outro lado, algumas meninas dos projetos sociais, muitas das crianças que fazem parte desses projetos sociais vêm de famílias muito conturbadas e realidades muito precárias de estrutura e desenvolvimento social, tudo que você pode imaginar e mais um pouco. Eu tive muito contato com essas crianças e a maioria teve problemas, muitas meninas engravidaram, tiveram relacionamentos muito cedo e casaram, outras namoraram traficantes e várias delas, muito talentosas, mas poucas conseguiram chegar ao alto rendimento, poucas ficaram. Fora a questão financeira, pois muitos meninos e meninas tiveram que trabalhar cedo para ajudar as famílias e pararam de treinar, pois não conseguiam chegar em uma situação financeira rápida e tiveram que parar. Eu tive contato com meninas e meninos supertalentosos, mas creio que perdemos uns três ou quatro campeões olímpicos. Além dessas questões, tem também a não continuidade nos treinamentos nas férias, por exemplo, por eles serem crianças e estarem atrelados a projetos sociais, ainda não tem uma maturidade para tomar decisões de continuar a treinar quando os projetos entram de férias. Eles entram também de férias e não retornam. No alto rendimento, principalmente no LP, é preciso que tenha uma continuidade. Fica muito difícil formar atletas de ponta sem essa estrutura de investimento, de estrutura familiar e vários outros problemas, muitos deles poderiam ser resolvidos com uma equipe multidisciplinar, mas ainda não é parte da cultura brasileira.

JP – Você veio do atletismo e eu percebo que uma parte das atletas mais jovens está vindo para o LP pelo *crossfit*. Você consegue perceber esse movimento de mudança no LP?

ENTREVISTADA 5 – O fluxo maior de atletas hoje é pelo *crossfit*. Fica mais fácil, pois o número de praticantes é grande. E boa parte das pessoas do *crossfit* é oriunda de famílias mais estruturadas, não tem tantos problemas, fica mais fácil das crianças continuarem treinando e na maioria das vezes vem atletas mais velhos, nos seus 17, 18 anos e fazem cargas que já dão uma facilidade de resultados mais rápido, e com isso uma condição financeira. Isso ajuda as pessoas a ficarem no esporte e não apenas passar pelo esporte. Então assim, o *crossfit* está literalmente salvando o LPO por conta disso. Uma pena, porque tem bons atletas em todos os lugares, mas ainda não tem uma cultura de cuidar desses atletas e desenvolver essas pessoas e não só o atleta, mas o ser humano.

JP – Gostaria que você falasse se percebe hoje algum pré-conceito por ser mulher atleta de LP?

ENTREVISTADA 5 – Não mais. Não vou dizer nunca, pois eu acho que já deve ter tido. Talvez seja pelo fato de eu ser melhor resolvida com relação ao meu esporte. O

que acontece muito, não só comigo no LP, mas com outras atletas de outras modalidades é o pré-conceito pela profissão de atleta. Me perguntam se eu só treino: “não tem outra coisa pra fazer não? Não tem que trabalhar? É só isso? ”. Isso aí eu convivo até hoje. Muito mais por ser atleta.

JP – Gostaria que você falasse sobre sua relação com as atletas mais jovens.

ENTREVISTADA 5 – Eu treinava no Rio e era estudante de projeto social, e infelizmente, na minha opinião, não tem uma nova geração de atletas. Para agora, não tem uma geração de crianças de 13, 14 anos que vai chegar numa competição sub 17 bem, competindo em um bom nível para pegar medalha e fazer bons resultados por enquanto não. A minha relação com as crianças nessa época que eu treinei lá era ótima, eu amava. Eu gosto muito de crianças, muito de jovens, e sempre que eu conseguia eu estava conversando, aconselhando, não só com relação à criança ser atleta, mas com relação às tomadas decisão e o desenvolvimento. Eu sempre estava ali naquele meio. Até doeí pares de botas que eu tinha. Eu fiz tudo que eu podia e queria ter uma parte financeira muito maior para poder ajudar mais se pudesse, acho que seria fantástico. Eu pretendo até montar no futuro um centro de treinamento para ajudar as crianças do meu bairro. Era maravilhoso nessa época e eu particularmente gostava muito da convivência, e gostava muito da convivência com os mais jovens, que estavam se descobrindo atletas, do que das pessoas que já tinham um tempo considerável no esporte. Pois já eram pessoas que já tinham suas limitações por conta de acharem que não poderiam chegar onde queriam e muitos já estavam frustrados. Para mim era muito difícil escutar as mesmas coisas, pois eu já tinha visto que era possível e eu estava muito entusiasmada. Eu escutei durante muito tempo que a categoria “adulto” era muito difícil, que a gente não conseguiria grandes resultados, então eu gostava mais de conversar com os mais jovens que ainda não tinham essas questões na mente e incentivar. Para mim foi bem legal. Isso no projeto que eu treinava. Minha convivência com os atletas da seleção era muito boa.

JP – Como você vê a relação com os homens da modalidade? Você nota algum tipo de disputa?

ENTREVISTADA 5 – Bem, eu não noto que haja isso. Os atletas de LP em si, por muitos motivos que eu não posso falar infelizmente, mas por terem levado tanta pancada da vida, das questões do esporte dentro do próprio LP, se tornaram muito unidos, mesmo que não tenham tanta convivência e afinidade. Então não rola muito isso nas competições. Quando a gente viaja, pelo contrário, quando acontece alguma coisa que pode prejudicar um ou outro, todos procuram se comunicar entre si para se ajudar. Eu acho muito legal isso na comunidade do LPO.

JP – Para você, quais são os desafios para a popularização do LP para as mulheres no Brasil?

ENTREVISTADA 5 – Eu acho que o que segura o desenvolvimento do LP no país, tirando as questões políticas de setores que já fizeram muito, e ainda fazem, mas que não se atualizam, é a questão do direcionamento de verbas para projetos, porque é muito difícil você montar um projeto de alto rendimento para meninas e meninos sem ter capital e sem ter incentivo. Fica difícil. Onde eu moro, por exemplo, é um bairro pobre, não tão pobre, mas se você entrar um pouco mais para dentro você vai ver de tudo. Imagina eu virar para uma dessas crianças e falar: “vem treinar comigo”. Agora se eu falar, como fizeram comigo: “vem treinar comigo que você terá oportunidade de ter uma alimentação, você vai ter uma boa escola, fisioterapeuta, oportunidade de ter um salário mais a frente, vai viajar para outros países para competir e você poderá virar um atleta olímpico”. É muito mais chamativo e proveitoso para a criança ter uma oportunidade de se desenvolver assim do que simplesmente falar: “vem treinar comigo que talvez, num futuro muito distante, você possa se tornar um atleta militar como eu e viajar o mundo para competir”. Acho que o que prende o desenvolvimento do esporte no Brasil é essa verba que não chega, é o projeto que não é aprovado, são os interesses de poucos colocados a frente. Basicamente isso.

JP – Gostaria que você falasse um pouco sobre a preocupação que geralmente alguns familiares das atletas têm de que os corpos das atletas ficariam masculinizados com a prática do LP. O que você pensa sobre a partir de suas experiências?

ENTREVISTADA 5 – Eu acho que o ser humano pode fazer o que quiser e isso não vai interferir no seu corpo, no seu jeito de ser mulher. Isso não vai interferir a menos que você queira isso, vai mais por uma decisão pessoal do que para um estigma do esporte. O esporte não faz isso pra pessoa. É a pessoa que escolhe ou não. Eu tenho encontrando muitas meninas que não deixam de se maquiar para competir, que quando estão no fim de semana de folga continuam com as coisas que gostam de fazer. Isso não vai interferir. Eu diria para as mães, pros pais principalmente, que não vai interferir, a não ser que a pessoa que está fazendo queira que interfira. Tome a decisão de que vai interferir, é questão de decisão das pessoas.

JP - Você percebe se há alguma diferença na presença e na divulgação de atletas masculinos e femininos na mídia?

ENTREVISTADA 5 – Eu percebo que isso foi uma decisão da instituição que está à frente do esporte. Isso é obrigação da Confederação buscar visibilidade dos atletas com relação às grandes mídias de divulgação. Isso é mais um trabalho deles em ter um profissional à frente para estar divulgando. Apesar dos atletas também terem essa possibilidade de divulgar o trabalho nas redes sociais, a Federação tem essa responsabilidade em divulgar uma mídia positiva para a modalidade. Eu nunca parei para analisar essa questão da visibilidade dos meninos porque pra mim a referência de atleta sempre partiu muito de fora e eu nunca parei para ficar muito ligada no que está

acontecendo aqui com relação a isso. Claro que a gente tem o Fernando Reis como referência no Brasil, mas no feminino eu nunca tive uma referência que eu admirasse, então eu nunca parei para pensar nessa desigualdade.

JP – Gostaria que você falasse dos seus projetos profissionais após o término de sua carreira de atleta profissional

ENTREVISTADA 5 – Minha vontade é abrir um *box* de *crossfit* e fazer que ele dê certo através de parcerias, *marketing*, e fazer um projeto social auto sustentável para poder ajudar essas crianças que veem de comunidades mais complicadas. Ajudar as próprias crianças aqui do meu bairro a ter uma profissão. Acho que esse é meu maior sonho. Claro que se eu pudesse ter uma futura contratação também como técnica, mesmo com as dificuldades que isso representa hoje. Para mim seria muito melhor estar trabalhando diretamente em um centro de treinamento de LP. Eu não tinha essa ambição até meus 21 anos, pois eu não enxergava que tinha essa possibilidade de trazer as crianças do sub 17 e sub 20 para a fase adulta com honras, mas hoje como eu vejo que existe essa possibilidade, que não é impossível, pra mim esse é um grande sonho profissional.

JP- Estamos caminhando para o final da entrevista, gostaria de saber se você gostaria de acrescentar algo ou fazer algum comentário?

ENTREVISTADA 5 – Acho que não. Está ótimo.

JP – Gostaria de te apresentar o termo de consentimento livre e esclarecido (leitura do TCLE). Ressalto que seus dados estão protegidos pelo anonimato prévio. Gostaria de saber se os dados de sua entrevista constem como anônimos ou se ela pode ser identificada?

ENTREVISTADA 5 – Eu gostaria que meu nome ficasse no anonimato.

FIM DA ENTREVISTA